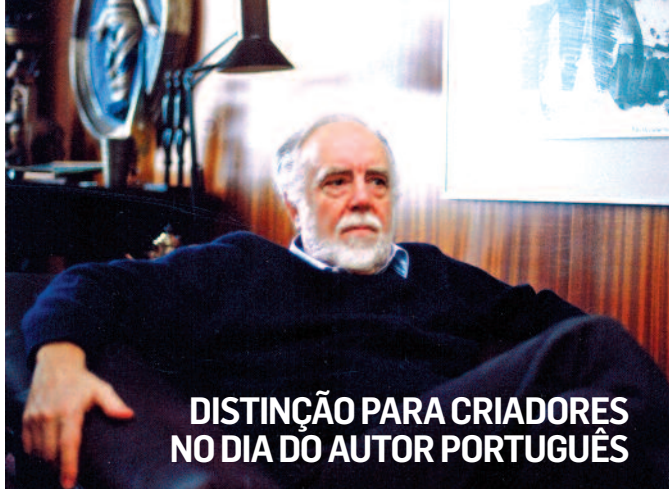




SPAUTORES

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES



**DISTINÇÃO PARA CRIADORES
NO DIA DO AUTOR PORTUGUÊS**



ANOS
da SPA

85

DIA DO AUTOR PORTUGUÊS



**“A DE AUTOR”
É PRENDA
DE ANIVERSÁRIO
DOS 85 ANOS DA SPA**

Parceria com a RTP 2 dignifica
o direito de autor em Portugal



“**A de Autor**”, novo programa televisivo produzido pela **RTP 2** em parceria com a **SPA**, é transmitido todas as quintas-feiras, durante uma hora, depois da série do *prime-time* desta estação, “**Câmara Clara**”, um dos picos de audiência do canal.

O apresentador de “**A de Autor**”, Paulo Sérgio Santos, é um bom conversador e também pianista. O programa marca pela diferença: só recebe no seu palco autores portugueses e das mais diversas disciplinas e gerações.

A DE **AUTOR**



N.º: 26
Abril/Junho 2010
SPA Sociedade Portuguesa de Autores

Director: Manuel Freire

Director Executivo: José Jorge Letria

Editora: Edite Esteves

Textos: António Victorino de Almeida, Conselho de Administração e Direcção da SPA, Edite Esteves, Francis Gurry (Director-Geral do WIPO), Joly Braga Santos e Presidente do Conselho de Administração da SPA, José Jorge Letria

Direcção de Arte e Design: José Maria Ribeirinho

Copy Desk: Ayala Monteiro

Fotografia: Arquivo de João Abel Manta, Arquivo da SPA, Arquivo do Teatro Aberto, Direitos Reservados, José Barahona e José Pedro Santa Bárbara

Design e tratamento de imagem:
JM Design&edições
www.jm-designedicoes.com

Propriedade: Sociedade Portuguesa de Autores
Av. Duque de Loulé, 31
1069-153 Lisboa
Tel: 21 359 44 00
Fax: 21 353 02 57
email: geral@spautores.pt
site: www.spautores.pt

Nif.: 500257841
ICS: 100206
Tiragem: 3000
Periodicidade: Trimestral
Distribuição: Gratuita

Impressão e Expedição:
António Coelho Dias, S.A.

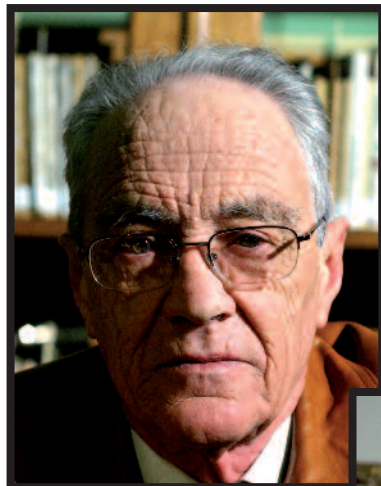
Depósito Legal: 224 872/200

SPA 85 anos.

A nossa casa
A nossa causa

Sumário

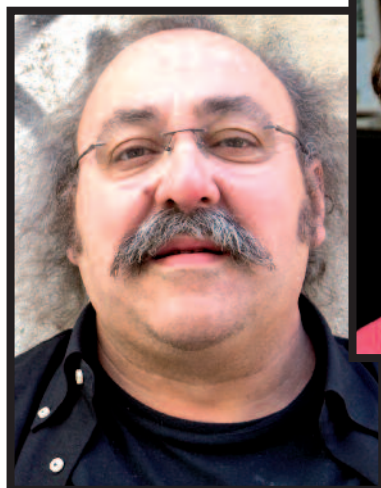
A Sociedade Portuguesa de Autores está de **parabéns**, pois completa, no dia 22 de Maio, **85 anos de vida**. As **celebrações decorrem**, porém, a **21**, visto que a data de aniversário bate, desta feita, a um sábado. E a revista “Autores” não quis deixar de comemorar a efeméride, por isso antecipou também a segunda edição de 2010, para fazer coincidir a sua saída com a comemoração oficial do 85.º aniversário da cooperativa, simultaneamente com o **Dia do Autor Português**.



Em ano de eleições e na passagem de um ciclo difícil de modernização e mudança, de que faz eco pormenorizado o **Editorial** da Direcção e Administração da SPA, damos conta, nesta edição, da prenda mais apetecida que a cooperativa poderia receber nesta altura: o início da **transmissão de um novo programa televisivo**, decorrente de uma **parceria entre a SPA e a RTP 2**. O seu nome: “**A de Autor**”. Apresentado por **Paulo Sérgio Santos**, um cooperador com grande experiência na rádio e na televisão,



que já foi rosto do anterior programa da SPA na TVI 24, o “**A de Autor**” **promete ficar por mais do que esta primeira série de 13 emissões**, conforme admite **Jorge Wemans**, director do canal, que se orgulha da “**sua alta exigência**” e do “**investimento muito significativo**” imposto por ambas as entidades. **Paula Moura Pinheiro**, subdirectora da RTP 2, também mostra aqui nesta extensa reportagem, por ocasião da gravação do primeiro programa de “**A de Autor**”, que “**é um programa com**



uma grande mais-valia, pois é feito só com autores portugueses das mais diversas disciplinas e gerações”, pista que não existia até aqui em nenhuma televisão. **Confirmada a**

continuação da Gala anual com a RTP 1 e a exibição deste magazine semanal de uma hora, o Presidente do Conselho de Administração da SPA manifesta a sua satisfação por representar a **única sociedade de autores a nível mundial que possui dois programas na televisão**, meio fundamental para difundir os autores e os seus direitos. Para além de todo o **programa do Dia do Autor Português**, esta edição da revista oferece aos seus cooperadores, sócios e leitores em geral um **caderno especial com a conferência integral sobre Jorge de Sena**, proferida por **Teresa Carvalho**, professora da Universidade de Coimbra. A escritora e investigadora **Maria Alzira Seixo**, que recebe uma **Medalha de Honra da SPA** nestes 85 anos da cooperativa, e o polivalente autor de diversas disciplinas **José Fanha** são as figuras centrais da secção de entrevista. De entre os múltiplos destaques, notícias, evocações, prémios e homenagens são de salientar os **protocolos com a APEL e com a Imprensa Nacional-Casa da Moeda; o Dia do Livro e do Direito de Autor; o Dia Mundial da Propriedade Intelectual; a sessão evocativa dos 200 anos do nascimento de Alexandre Herculano por António Valdemar; e a conferência, no âmbito do 80.º aniversário da morte de Florbela Espanca, por Teresa Carvalho**, entre outras acções. “**N’ Os que Partiram**”, um lugar para o dramaturgo e divulgador teatral **Jaime Salazar Sampaio**.



A SPA COMPLETA 85 ANOS de vida no meio de um novo ciclo da sua existência enquanto cooperativa que congrega a maioria dos autores portugueses de todas as disciplinas. Este novo ciclo, que é de modernização e mudança, tenta dar resposta eficaz e consistente aos grandes desafios nacionais e internacionais que põem em causa a sustentabilidade da gestão colectiva do direito de autor. Nunca, a este nível, se viveram dificuldades de tão grande magnitude. É bom que os cooperadores da SPA tenham consciência disso e que não imaginem que existem soluções miraculosas ou messiânicas. Para se fazer face a este ciclo é indispensável que se conheça muito bem a cooperativa, o seu funcionamento, a complexidade do contexto internacional e também o quadro jurídico nacional com o qual se tem vindo a operar. O passado já passou, apesar das marcas que deixou como herança estrutural, e hoje a SPA, com presença regular no espaço televisivo, tem uma visibilidade e um prestígio que nunca antes teve. Esse facto está patente na forma como quase todos os dias se abrem portas para novas parcerias, para a celebração de novos protocolos de cooperação com outras instituições e para a intensificação do diálogo com as instâncias decisórias do poder

4 NUNCA, A ESTE NÍVEL, SE VIVERAM DIFICULDADES DE TÃO GRANDE MAGNITUDE. É BOM QUE OS COOPERADORES DA SPA TENHAM CONSCIÊNCIA DISSO E QUE NÃO IMAGINEM QUE EXISTEM SOLUÇÕES MIRACULOSAS OU MESSIÂNICAS

em ano de eleições. É legítimo e até saudável que haja cooperadores com outras propostas e soluções programáticas. Porém, devem aqueles que constituem o presente universo eleitoral interrogar-se sobre os seguintes aspectos: quem pretender ser alternativa deverá ter disponibilidade efectiva para se assumir como tal, possuir um conhecimento real da cooperativa e do seu funcionamento, ter um projecto minimamente consistente que não assente apenas nas reivindicações de um sector, mas que sejam abrangentes e agregadoras, cumprir a essencial regra estatutária de fazer passar pelos serviços da SPA todos os contratos que celebra, deixar claro que não quer ser alternativa movido por qualquer lógica de ressentimento ou vingança pessoal e, sobretudo, não ver a cooperativa como uma sinecura que assegure um tranquilo fim de vida activa. Na hora da escolha, a haver alter-

nativa, devem estar bem presentes estes aspectos e os princípios a eles associados.

Esta casa exige muito de quem tem a intenção de poder determinar o seu destino e das pessoas que nela trabalham. A SPA é uma cooperativa com fortes vertentes cultural e

Procurar as soluções certas para o futuro da SPA

político. Nunca antes existiu semelhante dinâmica e é conveniente que aqueles que mais facilmente resvalam para o exercício do criticismo (coisa bem diferente do direito e da liberdade de criticar) tenham essa realidade presente, mais que não seja por uma questão de objectividade e de justiça. A SPA é respeitada e considerada e só deixará de o ser se, porventura, alguma estratégia desagregadora quiser afectar esse estatuto que tanto custou a consolidar.

Muito foi feito nestes últimos anos e muito mais será feito, desde que existam estabilidade e confiança e que os cooperadores acreditem que é este o rumo certo para o futuro da SPA. O projecto de modernização dos serviços e de aperfeiçoamento dos procedimentos e métodos requer paz interna e a ausência de formas de conflitualidade e tensão que muitas vezes encobrem desígnios de mudança movidos apenas pela ambição ou pelo ressentimento pessoal.

O futuro da cooperativa não pode estar dependente destes ciclos a que não será alheio o facto de estarmos

4 PARA SE FAZER FACE A ESTE CICLO É INDISPENSÁVEL QUE SE CONHEÇA MUITO BEM A COOPERATIVA, O SEU FUNCIONAMENTO, A COMPLEXIDADE DO CONTEXTO INTERNACIONAL E TAMBÉM O QUADRO JURÍDICO NACIONAL COM O QUAL SE TEM VINDO A OPERAR

assistencial-mutualista, mas também deve ser uma empresa moderna, dinâmica e apta a dar respostas céleres aos problemas estruturais e aos conjunturais, melhorando ainda mais as formas de relacionamento com o universo dos cooperadores e com todos os associados em geral.

Apesar da crise nacional e internacional, a SPA foi das poucas sociedades de gestão colectiva que conseguiram preservar os postos de trabalho e assegurar perdas mínimas em termos financeiros, como muitas das nossas congéneres reconhecem.

Que ninguém, por estultícia ou leviandade, se convença de que esta é uma tarefa fácil e de que em pouco tempo se conhecem e dominam os complexos circuitos de funcionamento da SPA. Pensar desse modo é desvirtuar a realidade e pôr em causa a própria sustentabilidade da cooperativa e do seu projecto de modernização.

A Direcção e a Administração, no momento próprio, anunciarão como e com quem pretendem dar continuidade ao trabalho em curso, com a convicção de que saberão escolher as pessoas certas, com base na experiência e nas provas dadas, para assumir esse encargo e essa séria responsabilidade. Do seu lado terão sempre a força de uma convicção consolidada e a evidência do trabalho realizado, por certo com imperfeições e insuficiências, mas sempre tendo em vista os anseios, os direitos e os interesses de quem é a razão de existir desta cooperativa há 85 anos: os autores.

Para que o projecto de modernização e mudança

PARA QUE O PROJECTO POSSA SER CONCLUÍDO COM SUCESSO, A EQUIPA QUE DIRIGE A SPA NECESSITA DE ESTABILIDADE E DA CONFIANÇA DOS COOPERADORES, DISPENSANDO TODOS OS FACTORES DE CORROSÃO, CONFLITUALIDADE E ATRITO A QUE ALGUNS TENDEM A RECORRER EM CICLOS ELEITORAIS

possa prosseguir e ser concluído com o sucesso que todos desejamos em tempo de crise, a equipa que dirige a SPA necessita de estabilidade e da confiança dos cooperadores, dispensando todos os factores de corrosão, conflitualidade e atrito a que alguns tendem a recorrer em ciclos eleitorais. A Direcção e a Administração estão coesas e cientes dos seus deveres, compromissos e responsabilidades. Por isso, saberão agir, com serenidade e lucidez, quando chegar o momento de decidir o que será melhor para o futuro da cooperativa.

*A Direcção e a Administração da SPA
Maio de 2010*

SPA integra o Conselho Nacional de Cultura a convite da ministra da tutela

Por convite da Ministra da Cultura, Prof^a Gabriela Canavilhas, a Sociedade Portuguesa de Autores passa a integrar o recém-criado Conselho Nacional da Cultura, cuja primeira reunião decorrerá no final deste mês e que terá como função analisar regularmente as grandes questões da vida cultural portuguesa.

*Lisboa, 13 de Maio de 2010
O Conselho da Administração*

Relatório e Contas de 2009 expressivamente aprovado pelos cooperadores

O Relatório e Contas apresentado pela Direcção da SPA relativamente ao ano de 2009 foi aprovado, em Assembleia Geral ordinária, no passado dia 31 de Março, com os votos de 132 cooperadores, tendo cinco votado contra e 12 optado pela abstenção. Deste modo, naquela que foi a última Assembleia Geral ordinária da SPA antes da eleição dos novos corpos sociais, que decorrerá perto do final do ano, a Direcção viu expressivamente aprovada a sua gestão num ano marcado pela grave crise económica, financeira e social que também afectou seriamente as indús-

trias culturais e, consequentemente, as sociedades de autores e os milhões de criadores que elas representam.

Na mesma data decorreu uma Assembleia Geral extraordinária em que 109 autores aprovaram uma proposta da Direcção relativa à alteração do Regulamento de Distribuição de Direitos da Cópia Privada, tendo-se registado seis votos contra e 10 abstenções.

*5 de Abril de 2010
A Direcção
e o Conselho de Administração*

ASSEMBLEIAS GERAIS CONVOCATÓRIAS

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Nos termos do artigo 34.º, n.º 2 dos Estatutos, é convocada para o próximo dia 31 de Março de 2010, pelas 20h30, no edifício da Rua Gonçalves Crespo, 62, em Lisboa, a Assembleia Geral Ordinária dos Cooperadores desta sociedade, com a seguinte ordem de trabalhos:

Período de antes da ordem do dia:

- 1- Informações da Direcção;
- 2- Intervenções de cooperadores.

Período da ordem do dia:

Apreciação e votação do Relatório e Contas da Direcção, bem como do Parecer do Conselho Fiscal, relativos ao exercício de 2009.

Não havendo, à hora marcada, número de Cooperadores que perfaçam o "quórum" estabelecido no art.º 37.º dos Estatutos, a Assembleia reunirá uma hora depois, no mesmo local, com qualquer número de cooperadores.

*Lisboa, 15 de Março de 2010
O Presidente da Assembleia Geral
Dr. José Niza*

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

Nos termos do artigo 34.º, n.º 3 dos Estatutos, é convocada para o próximo dia 31 de Março de 2010, pelas 22h30, no edifício da Rua Gonçalves Crespo, 62, em Lisboa, uma Assembleia Geral Extraordinária dos Cooperadores desta sociedade, com a seguinte ordem de trabalhos:

Ponto único:

Regulamento de Distribuição de Direitos da Cópia Privada.

Não havendo, à hora marcada, número de cooperadores que perfaçam o "quórum" estabelecido no art.º 37.º dos Estatutos, a Assembleia reunirá uma hora depois, no mesmo local, com qualquer número de Cooperadores.

*Lisboa, 15 de Março de 2010
O Presidente da Assembleia Geral
Dr. José Niza*

CÓPIA PRIVADA REPARTIÇÃO DE DIREITOS

A repartição dos direitos de Cópia Privada será feita por rateio ou analogia.

Para a repartição são tomados em linha de conta os seguintes direitos:

- 1 – Os direitos de emissão das rádios nacionais e locais
- 2 – Os direitos de reprodução mecânica e de exploração digital
- 3 – Os direitos das produções e programas audiovisuais

Será feita uma provisão de 3%, com a duração de 3 anos, para constituir um fundo de reserva destinado ao pagamento aos autores e editores que, não estando inscritos na SPA, se presume serem por ela representados, nos termos da alínea e) do n.º 2 do artigo 5.º da lei 62/98



SPA assina protocolo com a APEL para os livros escolares

A SPA E A ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE EDITORES E LIVREIROS (APEL) assinaram, no passado dia 19 [de Abril], um protocolo que estabelece as condições mediante as quais os associados da APEL passarão a remunerar os autores que a cooperativa representa pela utilização livre de obras literárias ou fragmentos delas nos projectos escolares editados em cada ano lectivo em Portugal.

Nesta primeira fase, estão apenas cobertas as obras literárias. No final de 2010, avançará a negociação relativa às obras fotográficas e de artes plásticas.

A celebração deste protocolo representa um importante avanço, tendo em conta a realidade com a qual a SPA lidou durante anos e que foi frequentemente lesiva dos interesses dos autores representados pela cooperativa. Por outro lado, a assinatura deste protocolo inicia um novo e estimulante ciclo de diálogo entre a SPA e os editores, nomeadamente no que diz respeito a assuntos tão relevantes como os “e.books”, as relações com a Google e a cobrança das fotocópias.

O protocolo foi assinado, por parte da SPA, pelo presidente do Conselho de Administração, José Jorge Letria, e pelo administrador do pelouro, José da Ponte, e, por parte da APEL pelo Eng. Vasco F. Teixeira, da Porto Editora, e pelo Dr. Isaias Gomes Teixeira, do Grupo Leya.

*Lisboa, 20 de Abril de 2010
O Conselho de Administração da SPA*

JOSÉ JORGE LETRIA ESCLARECE ACORDO COM APEL

TEXTOS LITERÁRIOS INCLUÍDOS EM MANUAIS PASSAM A PAGAR DIREITOS DE AUTOR

A PARTIR DESTA MOMENTO, os textos literários de autores representados pela SPA incluídos nos manuais escolares passam a pagar direitos de autor, esclareceu à “Autores” o presidente do Conselho de Administração da cooperativa. O acordo com a APEL agora estabelecido (ver comunicado), ainda que por enquanto só para os textos literários, era um assunto que preocupava a SPA há muito tempo, segundo referiu José Jorge Letria. Na realidade, o que se passava é que as editoras escolares, sem autorização prévia da SPA e seus autores, e sem qualquer pagamento, utilizavam sistematicamente textos literários para crianças, jovens e adultos e também ilustrações e fotografias nos manuais escolares.

“Tal constitui um prejuízo material substancial, porque era dinheiro que os autores não auferiam e que a SPA não cobrava em termos de direitos autorais”, salientou. Mais: traduzia-se na presença de um texto num manual escolar, que, em vez de ser um incentivo à leitura do próprio livro do seu autor, constituía um factor de dissuasão, pois sobretudo os jovens achavam que não valia a pena terem o livro, porque já conheciam a obra ou um fragmento dela.

“De há uns cinco anos para cá” explicou o responsável da SPA, “a Administração da SPA decidiu dar ordem aos serviços competentes para efectuarem uma pesquisa regular na internet e nas papelarias que vendem manuais escolares para fazerem a identificação por amostragem de autores que estavam a ser utilizados e explorados. Além disso, na área infanto-juvenil, pediu-se aos autores que informassem a SPA, uma vez que eles tinham contactos regulares com as editoras de manuais escolares”.

ILUSTRAÇÕES E FOTOGRAFIAS SÓ NO FINAL DO ANO

Após aquele trabalho de pesquisa, “verificou-se não só que era um

prejuízo material para os autores por não receberem os direitos de autor respectivos, como havia negligência e falta de profissionalismo na utilização das obras, que saíam algumas com títulos errados e até com os nomes dos autores trocados, o que significa um atropelo ao direito autoral e moral.”

Perante isto, conforme pormenorizou José Jorge Letria, a SPA encetou, há cerca de dois anos, um processo de regulação da situação com a Porto Editora – a maior editora de livros escolares e de dicionários –, que acabou por desembocar na assinatura deste protocolo “em que a APEL, através do Eng. Vasco Teixeira, daquela editora, se compromete a garantir que os seus associados irão pagar à SPA os direitos correspondentes à utilização em livros escolares de textos integrais ou parciais de autores que a SPA representa”. E, acentuou, apenas para aqueles que se integram na cooperativa.

“Isto vai representar um acréscimo de direitos, uma forma de dignificação do trabalho autoral e uma fonte de rendimento regular para a SPA através das respectivas comissões”, sublinhou o Presidente do Conselho de Administração da cooperativa.

Para já, os responsáveis da Sociedade Portuguesa de Autores estão a analisar, caso a caso, apenas os textos literários.

Estão excluídos, por enquanto, deste protocolo os ilustradores e os fotógrafos, que se encontram na mesma situação. “Esta etapa será cumprida perto do final deste ano, segundo ficou acordado”, garantiu o também Vice-Presidente da Direcção da SPA. E justificou: “O processo tem de ser faseado, não só por razões económicas (em tempo de crise, os editores pediram-nos o faseamento), mas porque a parte mais utilizada é o texto e esta era a situação que estava a ser negociada há mais anos.” **EE**

A SPA saúda os autores que representa e defende

NO DIA 23 DE ABRIL em que, por iniciativa da UNESCO, se celebram o Livro e o Direito de Autor, a SPA saúda todos os seus associados cuja actividade criadora passa pela edição de livros, sejam eles escritores, dramaturgos, cientistas, ilustradores, tradutores, fotógrafos ou autores de outras disciplinas que, episodicamente, estejam ou tenham estado ligados a este suporte material da criação, designadamente através de memórias ou autobiografias.

O livro e a criação literária encontram-se indissolúvelmente ligados à história da SPA desde a sua fundação, a 22 de Maio de 1925. Basta citar nomes como os de Raul Brandão, Júlio Dantas, André Brun ou Fernanda de Castro para se comprovar o peso da edição literária na vida da cooperativa.

Esta disciplina criadora enfrenta, neste momento, novos e consideráveis desafios, desde logo devido ao facto de todo o sector editorial e livreiro estar a passar por uma profunda transformação que ainda ninguém pode dizer como irá evoluir do ponto de vista empresarial e comercial.

A SPA faz votos para que estas transformações nunca sejam lesivas para os autores e para os seus interesses. Também por isso reafirma, nesta data, a sua intenção de continuar a defender intransigentemente os interesses dos autores que representa, mas manifesta igualmente a sua disponibilidade para manter uma construtiva dinâmica de diálogo com os editores para que se encontrem formas de agilização dos processos de contratualização das obras e soluções que se ajustem às novas realidades do mercado nacional e internacional.

Firme, atenta, mas dialogante será também a posição da SPA no que se refere à relação da criação literária e do trabalho editorial com o mundo “on-line”.

Nesse sentido, decorrem, neste momento, conversações com a Google, de molde a que os interesses dos autores nunca deixem de ser protegidos e acautelados, no quadro da nova realidade tecnológica que não pode ser ignorada nem subestimada.

Nesta data, a SPA reafirma a sua posição de princípio e de fundo quanto à opção de editoras que destroem, por imperativos de gestão, quantidades significativas de livros sem primeiro esgotarem as possibilidades alternativas existentes. Algumas delas passam por medidas de carácter fiscal que resolvam o problema do IVA e também pelo envolvimento neste processo das autarquias portuguesas e, através delas, das bibliotecas municipais.

No Dia do Livro e do Direito de Autor, a SPA reafirma a importância do livro e da leitura no desenvolvimento das sociedades livres e democráticas, recordando que, sempre que governos totalitários chegaram ao poder, os livros e os autores estiveram entre as primeiras vítimas materiais e intelectuais.

Reafirmando a importância do livro e do direito de autor a ele associado, a SPA recorda aos autores desta área que só através da cooperativa dos autores portugueses poderão ver os seus direitos protegidos e a sua dignidade criadora devidamente salvaguardada e assegurada. Só a SPA dispõe dos meios legais e de fiscalização indispensáveis para evitar e combater a usurpação de direitos, a pirataria, o plágio e outras formas de prejudicar quem escreve ou de outras formas inscreve no livro impresso o seu trabalho criador.

*Lisboa, 21 de Abril de 2010
O Conselho de Administração da SPA*

SPA CONCORDA COM MINISTÉRIO DA CULTURA SOBRE MEDIDAS PARA EVITAR DESTRUIR LIVROS

A Sociedade Portuguesa de Autores considera positivas as medidas anunciadas pelo Governo com o objectivo de evitar a destruição de livros por um considerável número de editores portugueses.

Algumas dessas medidas, designadamente as de carácter fiscal, vão ao encontro das propostas apresentadas pela SPA em comunicados difundidos sobre o assunto, desde meados de 2009.

A SPA, tal como o Ministério da Cultura, considera que o objectivo prioritário é evitar a destruição maciça de livros que podem vir a ser utilizados para instituições de solidariedade social e associações culturais sem fins lucrativos, e ainda no espaço da lusofonia.

Por esse motivo, a SPA manifestou à ministra da Cultura disponibilidade para encontrar uma solução que dê voz aos autores dessas obras sobre esta matéria e que não se traduza num prejuízo maior do que aquele que já tiveram até agora. A posição da SPA será o reflexo da vontade dos autores que representa na área da criação literária.

*Lisboa, 30 de Abril de 2010
O Conselho de Administração da SPA*

CEM MIL LIVROS DESTRUÍDOS TODOS OS ANOS

GOVERNO ADMITE ISENTAR DE IVA OS LIVROS DOADOS

No Dia Mundial do Livro, celebrado no passado dia 23 de Abril, a ministra da Cultura, Gabriela Canavilhas, mostrou vergonha em revelar a quantidade de livros que é destruída todos os anos. Face à insistência dos jornalistas, porém, a responsável governamental acabou por confirmar que “são mais de cem mil”.

Para acabar com aquilo a que chamou de “massacre à cultura”, a ministra anunciou, na altura, que o Governo põe a hipótese de isentar ou de reduzir substancialmente o IVA na doação de livros que estão em excesso no mercado. O objectivo é evitar esta situação indesejável, já referida, aliás, pela SPA nesta revista, introduzindo medidas legislativas para que, por um lado, as editoras não sofram na carteira o prejuízo respectivo e, por outro, os livros possam ganhar uma segunda vida.

Falando aos jornalistas, após uma visita ao bairro da Cova da Moura, na Amadora, durante a qual foi feita a distribuição de 200 livros para a Biblioteca do Moinho da Juventude naquele bairro, Gabriela Canavilhas garantiu que “há outras maneiras de os livros poderem ser aproveitados”, e que, para isso, “é preciso criar os mecanismos que motivem e que justifiquem que, na lógica de negócio, valha a pena doar os livros e não os destruir”. “A ideia”, sublinhou, “será fazer aprovar, o mais rapidamente possível, nesta ou na próxima semana, uma alteração legislativa, em que os livros que sejam oferecidos não paguem IVA.”



ASSINADO PROTOCOLO ENTRE A SPA E A IMPRENSA NACIONAL

Novo ciclo na vida editorial da cooperativa

Foi assinado hoje, dia 30 de Março, o protocolo de cooperação entre a SPA e a Imprensa Nacional - Casa da Moeda. Este protocolo prevê uma ampla cooperação entre as duas instituições, que abarque iniciativas como a edição de obras com a chancela SPA/IN-CM, a criação de colecções dedicadas a vários géneros literários, a criação de um prémio ou prémios de âmbito nacional, a comercialização dos livros da SPA através dos espaços livreiros da IN-CM e ainda a colaboração da SPA na recuperação de autores literários de várias épocas que se encontram esquecidos.

Este protocolo, que entra de imediato em vigor, representa o início de um novo e dinâmico ciclo da vida literária da SPA.

*Lisboa, 30 de Março de 2010
O Conselho de Administração*



FORTE COMPONENTE MUSICAL MARCA "A DE AUTOR" NA RTP 2

Programa de alta exigência combina

A dignificação do direito de autor em Portugal

"A DE AUTOR", O NOVO MAGAZINE SEMANAL produzido pela RTP 2 em parceria com a Sociedade Portuguesa de Autores e estreado no passado dia 13 de Maio, constitui uma prenda marcante para assinalar os 85 anos desta cooperativa.

"Programa de alta exigência", conforme o definiu Jorge Wemans, o director daquele canal público de televisão, o "A de Autor", nas palavras do Presidente do Conselho de Administração da SPA, "pretende mostrar a rica diversidade poliédrica que caracteriza esta sociedade –

um das duas únicas sociedades do mundo que é multidisciplinar -, combinando disciplinas e gerações".

Por outro lado, salientou José Jorge Letria na conferência de imprensa que anunciou esta primeira série de 13 emissões, "é muito importante que a televisão pública divulgue a voz, o trabalho e a inquietação dos autores de uma forma moderna e que não seja maçadora". Daí a forte componente musical e de espectáculo que o "A de Autores" possui, para além da conversa que o seu apresentador, Paulo Sérgio Santos - também ele autor literário e musical - mantém com os seus convidados, oriundos de todas as áreas que a SPA cobre e de várias gerações.

Aliás, chamar a si as novas gerações de autores, mesmo aqueles que não pertencem à SPA e nunca tenham pisado o palco de uma televisão, é outra característica deste programa que, desta forma, quer mostrar a dignidade autoral de todos aqueles que fazem da criação de conteúdos a sua profissão e a importância da defesa dos direitos de autor através de um colectivo responsável e actuante, como é a SPA.

"O QUE NÃO EXISTE NA TELEVISÃO NÃO EXISTE"

"Promover o direito de autor é mostrar a obra dos autores, pois sem autores não há cultura", resumiu o Vice-Director da SPA em relação a este novo projecto e também à confirmação da continuidade da Gala anual



FOTOS DE JOSÉ PEDRO SANTA BÁRBARA

disciplinas e gerações

SPA/RTP 1, manifestando a sua satisfação pelo facto de “mais nenhuma sociedade de autores no mundo ter simultaneamente uma Gala e um programa de televisão”. “O que não existe na televisão não existe”, lembrou, referindo um propósito que a Cimeira Mundial da CISAC tem em carteira para o próximo ano. “Estamos muito contentes por ter esta relação com a SPA e este programa, para o qual fizemos um investimento muito significativo, e que será, seguramente, um marco na RTP 2”, declarou Jorge Wemans, admitindo que, “com quase toda a certeza, esta é a primeira série de 13 emissões” do “A de Autor”. O mesmo pensa a sub-directora de programas da RTP

2 e apresentadora do “Câmara Clara”, Paula Moura Pinheiro, que disse estar muito orgulhosa de poder integrar o “A de Autor” na programação do canal, visto “enquadrar-se no espírito do que a RTP 2 já faz”. “Com uma mais-valia indiscutível”, acrescentou: “o facto de ir ocupar um espaço por cumprir, que é a apresentação exclusiva de autores portugueses de várias disciplinas e gerações”. “Celebrar a assinatura, a autoria, a criação singular” é a componente estrutural do “A de Autor” e, desde logo, tal foi sublinhado pela composição gráfica em que assenta a cenografia do programa, uma encomenda da RTP 2 à dupla de designers Pedro Tudela e Nuno Miguel

Carvalhais e o indicativo musical da autoria de Ari de Carvalho. Emitido durante uma hora às quintas-feiras, às 23h30, depois da série do prime-time da RTP 2, “Câmara Clara”, um dos picos de audiência do canal público, “A de Autor”, realizado pelo experiente em programas de grande espectáculo André Ferreira, tem em José Jorge Letria a responsabilidade da supervisão de conteúdos. Produzido por Olga Toscano, da RTP 2, o novo programa da SPA/RTP 2 é apresentado por Paulo Sérgio Santos, cooperador da SPA e, simultaneamente, seu Presidente do Conselho Fiscal, que tem a ajudá-lo na pesquisa Madalena Miranda. *Edite Esteves*



SPA e RTP garantem continuidade da Gala do Prémio Autores

A Administração da SPA reuniu-se com a Administração da RTP, e também com o director de programas da RTP 1, tendo ficado assente que a Gala do Prémio Autores irá ter continuidade em 2011 e, desejavelmente, nos anos seguintes.

A SPA e a RTP vão agora analisar a estrutura da Gala e possíveis alterações a serem introduzidas nela já na próxima edição. Uma das novidades consensualizadas entre a SPA e a RTP é a criação de um Prémio Internacional Autor, a ser atribuído, anualmente, a um grande criador de qualquer das disciplinas que a cooperativa representa.

Os responsáveis da RTP fizeram questão de salientar o agrado com que este evento foi realizado e recebido pelo público, sendo disso prova as audiências alcançadas. Participaram nesta reunião bilateral, pela SPA o presidente do Conselho de Administração e vice-presidente da Direcção, José Jorge Letria, e os vogais do Conselho de Administração João Lourenço e Tozé Brito; pela RTP estiveram presentes o vice-presidente do Conselho de Administração, Eng. José Marquitos, e o director de Programas da RTP 1, Dr. José Frago. Estas reuniões irão ter continuidade, com vista à definição da estrutura da Gala de 2011.

INICIATIVAS TELEVISIVAS DA SPA ELOGIADAS NO COMITÉ DE COMUNICAÇÃO DA CISAC

A Sociedade Portuguesa de Autores esteve presente na reunião anual do Comité de Comunicação da CISAC, que decorreu em Veneza, nos passados dias 27 e 28 de Abril, na sede da SIAE (Societade Italiana de Autores e Editores). A SPA integra, há alguns anos, este comité, que define periodicamente as políticas de comunicação da CISAC e organiza as cimeiras mundiais sobre direito de autor, a próxima das quais está marcada para Bruxelas, em 2011.

Na reunião de Veneza foram discutidas em pormenor as estratégias de comunicação da CISAC para os próximos anos e, em particular, a relação das sociedades de autores com as redes sociais.

Em representação da SPA, José Jorge Letria, presidente do Conselho de Administração, expôs detalhadamente a política de comunicação da cooperativa e deu informações sobre o êxito da Gala do Prémio Autores, e sobre os programas da cooperativa na TVI 24 e na RTP2, iniciativas comunicacionais que receberam os maiores elogios dos presentes, tendo sido consideradas exemplares e sem paralelo no universo das sociedades de autores.



A DE AUTOR



Programa "A DE AUTOR" arranca na RTP 2

Iniciaram-se as gravações do programa "A de Autor", que a SPA e a RTP 2 irão manter, semanalmente, no ar a partir do próximo dia 13, às 23h30.

Apresentado por Paulo Sérgio Santos, o programa "A de Autor" tem transmissão assegurada, durante 13 semanas, sempre às quintas-feiras, naquele mesmo horário.

Nos dois primeiros programas já gravados entrevistaram Pedro Abrunhosa, Alice Vieira, Alexandre Delgado, o Moscow Piano Quartet, António Victorino d'Almeida, Maria do Céu Guerra, entre outros autores.

O programa, que terá uma forte componente musical, pretende juntar no mesmo espaço televisivo autores de diversos níveis etários representando todas as disciplinas que a SPA abarca. O cenário de "A de Autor" é de autoria de Pedro Tudela e Nuno Miguel Carvalhais e o indicativo musical da autoria de Ari de Carvalho.

"A grande mais-valia deste programa é que os **convidados são todos autores**"

"A de Autor", o novo programa cultural gerado da parceria SPA/RTP 2, que estreou no passado dia 13 de Maio, e que tem como apresentador o também autor Paulo Sérgio Santos, desfruta de uma marca inigualável, que assinala a diferença em relação a todos os outros magazines semelhantes: é um programa de autores e de diversas gerações e disciplinas. Mais: um programa de autores portugueses, alguns deles completamente desconhecidos do grande público, e que pisam pela primeira vez o *plateau* de uma estação de televisão. "Quem se senta aqui para conversar é autor", sublinhou para a nossa revista o jovem apresentador, membro da SPA, e que aqui faz um levantamento das intenções desta produção de alta exigência, de que a RTP2 diz orgulhar-se.



Depois de ter apresentado o programa "Autores", transmitido pela TVI 24, ei-lo aqui como rosto de mais um programa televisivo da SPA...

Quando se diz mais um programa, tenho de dizer mais um programa de autores. E isso é que marca a diferença. Há várias, mas a grande mais-valia deste é, realmente, ser um programa, onde quem se senta para conversar é autor. Estamos habituados a que os entrevistados sejam os intérpretes. Muitas vezes, em vez de ser quem escreve a peça de teatro é o actor, e em vez de ser quem escreve a música é o cantor, e por aí fora. Não tenho nada contra isso, mas falta, realmente, dar espaço aos autores e dar visibilidade também à obra de cada um, para se entender melhor tudo aquilo que respeita ao direito de autor. Numa sociedade consumista, as pessoas normalmente tendem a esquecer a importância do direito de autor. Mas há pessoas que vivem só desse trabalho, do trabalho de criação autoral, um trabalho de produção de cultura. Uns só escrevem livros, outros fazem textos ou poesia, outros compõem grandes baladas que toda a gente canta e as pessoas facilmente copiam CD ou tiram as obras da internet, sem se lembrar de que ali está o trabalho de muitas horas de alguém que se encontra por trás daquilo que lhes dá prazer.





JORGE WEMANS

Director da RTP2

“Acho, com quase toda a certeza, que esta é uma primeira série”

O “A de Autor” é também, para a RTP2, um grande investimento, tal como é para a SPA?

Sim, sem dúvida. Desde o princípio, que a RTP2 e a SPA colocaram a fasquia alta para este programa. Isto é, nós não quisemos, de modo nenhum, realizar e emitir um programa que decorresse de uma obrigação. Não é nada essa a nossa ideia, ainda que haja um contrato entre a SPA e a RTP no âmbito de um acordo mais geral. Mas de maneira nenhuma nos passou pela cabeça encarar este programa como sendo o resultado de uma obrigação.

Este programa, que é dedicado aos criadores portugueses, é também ele uma criação, e portanto, desde o princípio que nós nos exigimos a nós mesmos – RTP2 e SPA – que fosse um programa marcante e completamente diferente. Assinado totalmente pelos autores. E, por isso, tinha de ser o melhor que fôssemos capazes de fazer.

Quer em termos do alinhamento que escolhemos para o programa, quer em termos do que investimos no que diz respeito a cenário, iluminação, capacidade de captar o som, etc., etc., aquilo que acabaram de ver no estúdio, creio que concretiza essa ideia, que é: a alta exigência que colocámos nisto.

Porque, de alguma maneira, é um programa que, não só contém espectáculo, como, de alguma forma, é desenhado para honrar os criadores e os autores portugueses e, portanto, de certa maneira, tinha de estar ao nível daquilo que nós acreditamos que é a força, a capacidade criativa dos autores portugueses.

Desde o princípio que ele foi perspectivado como altamente exigente e creio que o público vai gostar, porque o “A de Autor” tem, enfim, todo um cenário belíssimo e um investimento em que foi preciso ir buscar até dispositivos que a RTP não tem e que alugámos no exterior com esse objectivo. Sobretudo de iluminação.

Porquê um investimento tão especial na iluminação?

Porque vamos ter muita música e de origens diversas neste programa. O que se tornou, pois, mais exigente na concepção do espaço foi o facto de que vamos ter diferentes tipos de música e, portanto, não podemos iluminar do mesmo modo, por exemplo, um solo com guitarra clássica portuguesa, e uma banda de rock. Desta forma, tivemos de recorrer a um tipo de dispositivo de luz que a RTP não dispunha. Não olhámos a meios, dentro daquilo que é a contenção habitual, mas fomos buscar do melhor.

Vamos esperar, pois, que esta primeira série de 13 programas possa vir a alargar-se... Há viabilidade?

Eu nunca me pronuncio sobre o futuro dos programas, antes de acabar uma série. Mas acho que esta é mesmo uma primeira série. Acho que vamos ter uma segunda série. Mas, enfim, é preciso fazer uma avaliação. Teremos, eventualmente, de ir corrigindo algumas coisas, mas isso é o que é habitual. E ter dentro de si a exigência para fazer sempre melhor e diferente. Portanto, eu acho que, com quase toda a certeza, esta é uma primeira série. EE

FALTA, REALMENTE, DAR ESPAÇO AOS AUTORES E DAR VISIBILIDADE TAMBÉM À OBRA DE CADA UM, PARA SE ENTENDER MELHOR TUDO AQUILO QUE RESPEITA AO DIREITO DE AUTOR

PAULO SÉRGIO SANTOS >

E que tem de ser pago...

Deve ser pago. Logo, um programa que dê visibilidade aos autores ajuda a que essa consciencialização possa acontecer. Que as pessoas possam, de facto, perceber que há trabalho, que tudo aquilo dá trabalho e que existe alguém por trás que também tem de cumprir as suas obrigações. O próprio Paulo, além de apresentador, é autor de obras de vários géneros, inclusive de música. Um autor da SPA.

Essencialmente, sou mais autor no texto do que na música, embora as duas áreas me agradem e tenha já feito trabalhos que estão registados em ambas. Desde muito cedo, tive esta vontade de fazer passar alguma coisa, de poder olhar para o mundo, fazer uma observação própria da vida, do contexto, das coisas que nos rodeiam e poder ter uma leitura própria, exercendo-a de uma qualquer maneira, criando alguma coisa. Que eu penso que é uma coisa mais ou menos transversal aos autores nas suas diferentes disciplinas. E, de facto, já há bastantes anos, inscrevi-me na Sociedade Portuguesa de Autores.

“PERCEBAM SEMPRE A DIGNIDADE QUE TEM O TRABALHO DO AUTOR”

O que significou para si inscrever-se na SPA?

Esse foi um momento importante para mim, porque eu escrevia alguns textos para rádio, essencialmente, mas entendia-os como um complemento de um trabalho quase de apresentação. Só percebi que havia uma dignidade por trás deles, depois de me inscrever na SPA. Foi aí que começei a minha actividade de autor registada.

Penso que isso é próprio de muita gente...

É verdade. E aproveito esta conversa para sensibilizar as pessoas nesse sentido: percebam sempre a dignidade que tem o vosso trabalho, porque, muitas vezes, quando estamos isolados e não funcionamos em sociedade colectiva ou numa cooperativa, como a Sociedade Portuguesa de Autores, tendemos a desvalorizar o nosso trabalho. Ou tendemos a que desvalorizem o nosso trabalho, que é um outro processo. E é claro que, se estamos num colectivo, é muito mais difícil que isso aconteça. Porque temos pessoas que nos representam, porque temos responsáveis jurídicos que também nos defendem, se for o caso, e temos alguém que zela pelos nossos interesses e que cobra aquilo que deve ser cobrado a todos os níveis. Não só ao nível monetário, mas lá está, ao nível dessa tal dignidade.

Voltando ao programa...

Voltando ao programa, eu penso também que é uma peça fundamental na comunicação dessa tal dignidade. Porque, no fundo, vamos ter um palco privilegiado, uma nova casa, quer dizer, a casa dos autores é por excelência, a Sociedade Portuguesa de Autores, mas agora há também uma nova casa que é o “A de Autor” na RTP2. E isso é importante, porque é relevante que os autores sintam que ali podem mostrar o seu



AS PESSOAS FACILMENTE COPIAM CDS OU TIRAM OBRAS DA INTERNET, SEM SE LEMBRAREM QUE ALI ESTÁ O TRABALHO DE MUITAS HORAS DE ALGUÉM QUE ESTÁ POR TRÁS DAQUILO QUE ESTÁ A DAR-LHES PRAZER...

trabalho e que ali podem dar mais visibilidade e mais dignidade àquilo que vão fazendo.

“É LEGÍTIMO QUE AS PESSOAS QUEIRAM CONHECER QUEM MEXE COM ELAS”

E que as pessoas também tomem conhecimento do rosto e da personalidade do autor de algumas obras que até dominam e gostam.

Aí está. Eu recordo-me, por exemplo, muito novo, de ser um apaixonado pelas composições de um autor contemporâneo, o Steve Reich, com aquela música minimalista, um pouco estranha para muitas pessoas, e pensar: quem será a pessoa que está por trás disto? Curiosamente, até já tive oportunidade de o conhecer, recentemente. Estamos a falar, claro, de uma época em que não acedíamos facilmente à internet para ver a fotografia de quem era o compositor ou ao texto para saber mais sobre o autor. Mas, é verdade, muitas vezes, as pessoas alimentam essa curiosidade: quem é a pessoa que está por trás desta mensagem, por trás desta música, por trás deste livro? Quem é aquele que, de repente, mexeu com a minha vida? Porque as obras dos autores mexem connosco. Nós lemos um livro e verificamos que ficamos pessoas diferentes. E ouvimos uma música e ficamos mais felizes, mais melancólicos, mais... E cada um tem a sua sensação face à mesma obra. Mas, mexe. E isso é inegável. É legítimo, pois, que as pessoas tenham interesse em conhecer quem mexe com elas. E eu acho que o “A de Autor” tem também esse lado de função.

PROGRAMA FESTEJA OS 70 ANOS DE ANTÓNIO VICTORINO D’ALMEIDA

O segundo programa “A de Autor”, transmitido dia 20 de Maio à noite, fez questão de festejar os 70 anos de António Victorino d’Almeida, na passagem da meia-noite, já que o maestro completa a 21 o seu aniversário. Uma data, de resto, muito marcante, pois o consagrado compositor foi igualmente convidado pela SPA para assinar a Mensagem do Dia do Autor Português (ver texto noutra local), que, este ano, se celebra juntamente com o 85.º aniversário da Sociedade Portuguesa de Autores, exactamente, a 21, dado que 22 é sábado.

“Vai ser um prazer!”, confiou-nos, por antecipação, Paulo Sérgio Santos, após a gravação do primeiro programa de “A de Autor”, quando nos reunimos para esta entrevista. E justificou o seu entusiasmo: “Uma das obras de que eu sou autor é um livro que se chama ‘50 Anos na Música’, que, na altura da celebração dos 50 anos de carreira do maestro, ‘compusemos’ a quatro mãos, para utilizar um termo mais pianístico. É um livro de entrevistas a António Victorino d’Almeida e, obviamente, fiz esse trabalho porque tenho um grande apreço pelo maestro, que é uma figura grada da cultura portuguesa a nível nacional e internacional. Por isso, vai ser também um prazer muito grande celebrar os seus 70 anos e prestar-lhe homenagem neste programa”. EE

ANDRÉ FERREIRA
Realizador de “A de Autor”

Qual a sua opinião, após a gravação deste primeiro programa da série “A de Autor”?

Para nós, mesmo sendo o primeiro, e com as complicações inerentes às estreias, creio que correu bem. Toda a gente que estava ao meu lado gostou. Foram abordadas três áreas distintas da arte e da autoria. A conversa foi agradável. Creio que o cenário resultou muito bem. Gostei bastante. As próprias actuações também estiveram bem. Agora, ver o programa de uma ponta à outra “com olhos de ver” de mais telespectador do que realizador de um programa que é gravado como se tivesse a acontecer ao vivo, vou fazê-lo na edição, mas não creio que vá ser surpreendido. Vejo-o pela positiva.

Pensa que poderá, eventualmente, ser um programa para ficar mais do que o período correspondente a esta primeira série de 13 emissões?

Aí depende do público, infelizmente. É como no futebol, prognósticos só no final dos 13... EE



PAULA MOURA PINHEIRO
Sub-directora de Programas da RTP2

“É um programa que fazia falta à televisão em Portugal”

Como encara este programa cultural que vem na linha dos critérios da RTP2 e também daquilo que faz no “Câmara Clara”?

O “A de Autor” é um programa que fazia falta à televisão em Portugal e que a RTP2 se orgulha de estar a produzir. Porque celebra os autores portugueses e, que eu saiba, não existe outro programa com estas características: só centrado em criadores portugueses de todas as disciplinas e de todas as gerações. E nós temos muita gente muito talentosa em Portugal, criadores com muito nível, com muita qualidade, que merecem mais visibilidade. Os autores merecem mais visibilidade e o público merece conhecê-los melhor. Por isso, é com toda a alegria e convicção que produzimos este programa na RTP2.

Não é, pois, um oposto ou uma continuação do “Câmara Clara”, apesar de, curiosamente, vir a seguir a ele na programação das quintas-feiras?

De todo. O “Câmara Clara” segue outra pista. Embora, em muitos casos, leve autores – eu diria em mais de 50 por cento –, o “Câmara Clara” não leva só autores portugueses e não leva só pessoas ligadas às artes. Leva também cientistas, professores universitários, ensaístas, portanto, é um programa que se complementa. Não é o “A de Autor” que complementa o “Câmara Clara”. Os dois programas complementam-se. Não acho que haja nenhuma sobreposição e, por mim, era todas as noites programas com autores e com criadores de todas as áreas. Portanto, não só não se sobrepõem, como há tanta gente para entrevistar, tanta gente com qualidade, que, pelo contrário, penso que não é mais do mesmo, é outro enfoque para celebrar qualquer coisa que é fundamental que é a criação.

E sobretudo uma criação multidisciplinar, uma característica da SPA.

Exactamente. E a SPA é um grande parceiro. Nós estamos muito contentes de ter articulado com a SPA, porque uma das vocações da RTP2 é trabalhar com parceiros da sociedade civil. E a SPA é uma grande organização! Não só sob o ponto de vista do tamanho, mas sobretudo do ponto de vista do serviço que presta. E, portanto, é nossa vocação e é nosso gosto produzir programas com organizações desta natureza, como temos produzido muitos outros com organizações da mais diversa natureza e que são nossos parceiros também. Logo, isto está completamente em sintonia com a nossa missão, a missão da RTP2.

Já na TVI 24 o “Autores” teve muito êxito. Quais são as suas expectativas para este “A de Autor” na RTP 2?

Este programa aqui é mais longo (tem cerca de uma hora) e envolve outros meios. Foi por isso também que levou mais tempo a ser montado. Porque, desde o início, a ideia é que devia ser feito aqui na RTP2. Mas, de facto, nós queríamos fazer isto o melhor possível e reunir a equipa certa, o que leva tempo. Queríamos, por exemplo, ter o realizador mais adequado para fazer o programa – investimos imenso nisso –, por isso fomos buscar um realizador que tem uma imensa experiência de espectáculo, visto que há uma dimensão espectacular, que desejamos seja muito bem tratada sob o ponto de vista da realização. Daí, termos levado tempo a reunir a equipa.

E quem é o realizador? Já que estamos a falar de um programa de autores, é de toda a justiça divulgá-lo...

É o André Ferreira, que foi realizador de programas de *show-biz*, como por exemplo o “Ídolos”. É um realizador com uma enorme experiência do espectáculo e isso para nós era muito importante, porque isto é um programa de conversa, mas tem muita música. E nós queríamos que os músicos fossem tratados com a dignidade que merecem. O que exigiu um esforço de produção muito grande para reunirmos esta equipa. *EE*

VAMOS TER UM PALCO PRIVILEGIADO, UMA NOVA CASA DO AUTOR, QUE É O “A DE AUTOR”. É IMPORTANTE QUE OS AUTORES SINTAM QUE ALI PODEM MOSTRAR O SEU TRABALHO E DAR-LHE MAIS DIGNIDADE

PAULO SÉRGIO SANTOS >

Mas também tem uma outra função, que é dar mais visibilidade à obra, propriamente dita, especialmente a nível musical, não é?

Sim, devo acrescentar que o “A de Autor” teve uma preocupação crescente com o lado de apresentação de obras, sobretudo a nível musical, e vai dar mais espaço até à parte de apresentação (performance). Por outro lado, ficou assente também que apareçam, amiúde, grupos, bandas, músicos, autores, que, pela primeira vez, vão à televisão. Porque, muitas vezes, dá-se espaço aos autores consagrados, o que me parece bem, é evidente, mas falta espaço para apresentar a novidade, que tem igualmente o seu mérito. E, por isso, há um compromisso de, regularmente, trazer primeiras apresentações à televisão.

“É PRECISO ABRIR A PORTA ÀS NOVAS GERAÇÕES E DAR-LHES ESPAÇO DE VISIBILIDADE”

Já há nomes nesse aspecto?

Há, mas gostava de deixar ficar como surpresa. Posso adiantar que, seguramente, num dos três ou quatro programas iniciais, vamos ter novidades e vamos ter pessoas que nunca ninguém viu actuar na televisão.

São sempre autores inscritos na SPA?

Não, necessariamente. Porque a Sociedade Portuguesa de Autores teve também esta atitude altruísta, que me parece lindamente, que é termos autores que pertencem à SPA, que fazem parte da cooperativa, mas também trazer e mostrar trabalhos de autores que não estão inscritos, mas que podem, eventualmente, ter aqui uma porta para se inscreverem. Porque...

...É preciso chamar as novas gerações...

Exactamente. Porque é preciso apelar às novas gerações, mostrar o que eles estão a fazer, e não ter esse tipo de barreiras de condicionar só o programa àqueles que estão inscritos na SPA.

Aliás, como disse o Presidente do Conselho de Administração da SPA, é dar, no fundo, conhecimento aos novos autores, que muitos não sabem, o que é a SPA, o que são os direitos de autor e como podem defender o seu trabalho.

Pode ser também um veículo para que as pessoas entendam isso. E até, quanto mais não seja, e isso é importantíssimo, para aguçar a curiosidade. Então, eu sou autor e nunca me inscrevi na SPA? Afinal, a SPA existe. Tem um programa na televisão, tem uma dimensão tão interessante... vou ver o que é.

É uma forma de cativar autores, motivá-los e consciencializá-los de que existe uma entidade que os defende e à sua obra.

Claro. E levá-los a interessarem-se por uma casa, que é tendencialmente, a deles. É nossa. *Edite Esteves*



ACÇÕES DE FORMAÇÃO E INFORMAÇÃO

Propriedade Intelectual em debate no sector da cultura e criatividade

O DEBATE SOBRE O PAPEL da propriedade intelectual no sector da cultura e da criatividade constituiu o objectivo de uma acção de informação, promovida pela Agência Inova, Potencial C – Promoção e Apoio ao Empreendedorismo e Inovação no Sector das Artes, Cultura e Indústrias Criativas, que se realizou no dia 12 de Março, no Porto, para a qual foi convidada a Sociedade Portuguesa de Autores.

Representada pelo Dr. Lucas Serra, director do Departamento Jurídico, este orador teve oportunidade de apresentar a cooperativa e os seus representados, bem como o apoio, nas diversas vertentes, desde o jurídico e económico ao social e mutualista, prestado por ela aos agentes da criação.

Na sessão, presidida pelo Professor Jorge Silveira Pinto, Director-Geral da Agência Inova, foram oradores, além do representante da SPA, um elemento da Reitoria da Universidade do Porto e um representante de uma empresa do sector da propriedade intelectual.

Depois das intervenções dos convidados, seguiu-se um vivo e produtivo debate com as cerca de 100 pessoas presentes, onde foram abordados os vários problemas

com que se confrontam, hoje em dia, os agentes económicos dos sectores da propriedade intelectual.

DIREITO DE AUTOR E AS NOVAS TECNOLOGIAS

Além daquela sessão, realizaram-se nos dias 19 e 23 de Abril, respectivamente na Escola Secundária de Cantanhede e na Escola Profissional de Torres Novas, debates com os alunos e professores sobre os problemas do Direito de Autor das novas tecnologias.

Também promovidas pela SPA, foram efectuadas no dia 29 de Abril acções de formação com o Dr. Lucas Serra e José Manuel Almeida sobre Direito de Autor nos Comandos da PSP de Faro e Portimão. Nos dias 6 e 7 de Maio, por seu turno, realizaram-se, na Capitania do Porto de Faro, acções de formação para agentes da Polícia Marítima que operam em todo a área sul do território nacional.

No dia 8 de Maio, decorreu também na Culturgest, em Lisboa, uma sessão sobre Direito de Autor numa jornada destinada a designers, tendo a SPA estado representada pelo Dr. Carlos Madureira.

AUTOR PREMIADO NA I GALA SPA/RTP

David Machado foi convidado de “Bairro Alto” na RTP2

O jovem escritor David Machado, de 31 anos, distinguido na I Gala SPA/RTP, no passado dia 8 de Fevereiro, com o Prémio Melhor Livro de Literatura Infanto-Juvenil com o título “O Tubarão na Banheira”, o seu mais recente livro, foi o convidado de José Fialho de Oliveira no programa da RTP2 “Bairro Alto”, transmitido na noite do dia 30 de Abril. Uma conversa sobre palavras, literatura,

crianças e sonhos, ao estilo deste espaço televisivo, que prima pelo tom intimista e informal e que se estende, num face a face, ao ritmo de conversa, mais do que de entrevista pura e dura.

Economista de formação, David Machado mudou de vida e dedicou-se inteiramente à escrita. Tem seis obras publicadas: um romance, um livro de contos e quatro livros infantis. Com “A Noite dos Animais Inventados”, a sua obra de estreia destinada aos mais novos, publicada em 2006, foi distinguido com o prémio Branquinho da Fonseca, atribuído pela Fundação Calouste Gulbenkian. E, este ano, recebeu na Gala transmitida em directo do CCB pela RTP 1, em parceria com a SPA, o Prémio Melhor

Livro de Literatura Infanto-Juvenil com o seu mais recente título “O Tubarão na Banheira”, publicado, em 2009, pela Editorial Presença. O “Bairro Alto” é um espaço de conversa com figuras que têm algo para dizer sobre si e sobre o que fazem. José Fialho Gouveia entrevista artistas, ensaístas, cientistas, gente da moda e do espectáculo, gente do pensamento e da acção, portugueses e estrangeiros.

Em parceria com o SABE (Serviço de Apoio a Bibliotecas Escolares), o autor David Machado já tinha feito uma visita à Biblioteca Municipal de Famalicão, no dia 18 de Novembro do ano passado, a propósito do lançamento da sua obra “O Tubarão na Banheira”.

Primeiro-ministro garante que PS está a trabalhar em solução para profissionais da cultura

O primeiro-ministro assegurou, no passado dia 2 de Fevereiro, que o PS está a trabalhar para a criação de um estatuto para os profissionais da cultura e das artes em termos fiscais e de Segurança Social. A garantia surgiu na sequência de uma pergunta do escritor José Luís Peixoto, durante o encontro de José Sócrates com jovens de diversas áreas, numa iniciativa que assinalava os 100 dias de Governo.

Teresa Rita Lopes vive ponto alto da celebração ao receber o **Prémio Consagração de Carreira**

Teresa Rita Lopes, poetisa, dramaturga e ensaísta, que tem consagrado a sua vida e a sua carreira de investigadora ao estudo da obra de Fernando Pessoa, especialmente à divulgação da parte inédita da sua obra, constitui o centro das atenções da celebração do 85.º aniversário da Sociedade Portuguesa de Autores e, simultaneamente, do Dia do Autor Português. Hoje, 21 de Maio de 2010, e antecipando a festa em um dia, dado amanhã ser sábado, a SPA distingue esta autora e cooperadora, nascida em Faro, com o galardão máximo atribuído por esta ocasião: o Prémio Consagração de Carreira. No final das cerimónias, esse momento será o ponto mais alto. Mas, para já, aqui fica em destaque, a prova espontânea do valor poético desta prestigiada criadora, em resposta quase imediata à atribuição do referido prémio (ver poema em destaque).

Mas este é apenas um dos “picos” desta celebração, marcada, como vem sendo hábito, pela divulgação e distinção de muitas personalidades, quer sejam autores da casa, quer pessoas e entidades que se cruzam no nosso caminho e defendem connosco os direitos autorais e a dignidade dos criativos, quer ainda aqueles que, ao longo dos anos, contribuem para que o funcionamento da cooperativa seja o mais eficaz possível, através do seu trabalho e dos serviços prestados.

Tudo isto, sem esquecer os que, tendo dado a sua colaboração à SPA e elevado o nome da casa que sempre os defendeu através das suas obras,



O QUE É UMA *CARREIRA*?

O que é uma carreira?

Num velho livro sobre a minha Cacela diz-se que o mar dista da terra “uma carreira de cavalo”.

Mil pequenas coisas aconteceram durante

- todas as vidas

são pequenas por maiores que sejam.

Ao chegar

a orla do mar:

uma grinalda de breves rosas brancas

uma longa

bebedeira de espuma.

Teresa Rita Lopes

Eis a forma de expressão quase imediata com que a escritora interpretou a distinção

já não se encontram, entre nós. Este ano, para além da Medalha de Honra a atribuir a título póstumo à autora literária Rosa Lobato de Faria, falecida recentemente, é feita homenagem à Música e aos Músicos na História da SPA, através da inauguração de uma exposição intitulada “Clave de Memória” (ver caixa). Trata-se de uma homenagem aos criadores musicais que, ao longo das décadas e em diversos géneros, reconhecidamente contribuíram para engrandecer e prestigiar a nossa cooperativa.

Mais uma iniciativa para manter acesa a chama memorialista que ajuda a conservar e a incandescer a causa da cultura, por que a Sociedade Portuguesa de Autores tanto pugna. Não é por acaso que o conceito “Sem autores não há cultura” marca todas as iniciativas da SPA. Porque a SPA, com os seus 85 anos feitos, é “a nossa casa e a nossa causa”, como também se regista na ficha técnica da “Autores”, parafraseando o Presidente do Conselho de Administração, José Jorge Letria. Aliás, a comemoração dos 85 anos da SPA em simultâneo com o Dia do Autor Português procura abarcar na sua diversificada programação a maior parte das áreas que cobre a sua actividade, oferecendo um leque abrangente de motivações (ver programa).

Actuação de Quarteto de João Afonso abre festa

Assim, começa, pelas 18 horas, por um Porto de Honra, de recepção aos convidados, a decorrer no edifício principal, seguido da actuação do Quarteto de João Afonso, sobrinho de Zeca Afonso, no Auditório Maestro Frederico de Freitas, com peças do seu último CD, “Um Redondo Vocabulo”, cuja edição foi apoiada pelo Fundo Cultural da SPA, conforme já tivemos oportunidade de referir numa entrevista ao autor na nossa revista do último trimestre de 2009.

A sessão solene comemorativa deste dia desenrola-se depois na Sala Carlos Paredes do edifício II da SPA, encetando-se com a inauguração da Exposição “Clave de Memória – A Música e os Músicos na História da SPA”, ao som de um tema inédito da autoria do Maestro Pedro Osório.

Após uma intervenção de fundo da Direcção e Administração da Sociedade Portuguesa de Autores, é feita a leitura da Mensagem do Dia do Autor Português, assinada, este ano, pelo Maestro António Victorino d’Almeida.

A entrega do Grande Prémio de Teatro Português SPA/Teatro Aberto 2010, um momento sempre muito emotivo destas celebrações, e que só será revelado no acto de entrega, faz a ponte para o lançamento de três livros com chancela da SPA. A saber: “A Casa dos Anjos”, da autoria de Luís Mário Lopes, vencedor do Grande Prémio de Teatro SPA/Teatro Aberto 2009 (a representação desta obra figura já também na programação do Teatro Aberto); “G.A.M.E.”, de Pedro Bandeira Freire; e “Gira prò Inferno”, de Castro Guedes. O desfile de distinguidos com Medalhas de Honra,

Prémios Pro-Autor e Antiguidade (20, 25 e 30 anos como funcionários da SPA), num total de 38, constitui uma parte muito importante desta cerimónia. Serão 17 os autores cooperadores da SPA que receberão Medalhas de Honra nas diversas áreas cobertas pela cooperativa (Artes Plásticas – um; Cinema – dois; Literatura – oito; Música – três; Teatro – dois; e Colectivo – um) e oito os Prémios Pro-Autor, atribuídos a pessoas e entidades várias que se destacam na defesa dos direitos dos criadores. Os funcionários da SPA homenageados que completam 20 anos de casa são 10, um que faz 25 anos e dois os que atingiram os 30 anos (ver caixa com nomes dos premiados).

A encerrar a cerimónia dos 85 anos da SPA e do Dia do Autor Português, será entregue à grande especialista pessoana Teresa Rita Lopes, beneficiária desde Março de 1959 e cooperadora da SPA a partir de Julho de 1999, o galardão máximo a atribuir nesta ocasião: o Prémio Consagração de Carreira.

Um *cocktail* deverá permitir o necessário e saudável convívio de fim de festa. *Edite Esteves*

LISTA DE DISTINGUIDOS NO DIA DO AUTOR PORTUGUÊS 2010

MEDALHAS DE HONRA

Artes Plásticas

João Abel Manta

Cinema

Fernando Matos Silva

José Sá Caetano

Literatura

António Barahona da Fonseca

Arnaldo Saraiva

Arsénio Mota

Eduardo Olímpio

Fernando Bento Gomes

Maria Alzira Seixo

Maria Natália Miranda

Rosa Lobato de Faria (a título Póstumo)

Música

Elvira de Freitas

Pedro Osório

Raul Vaz Bernardo

Teatro

Benjamim Veludo

Joyce Piedade

Colectivo

Associação 25 de Abril

PRÉMIOS PRO-AUTOR

ABC – Cine Clube de Lisboa

António Cartaxo

António Rebordão Navarro

José Duarte

Manuel Cintra Ferreira

Maria Helena Seródio

Salwa Castelo-Branco

Opus Ensemble

ANTIGUIDADE FUNCIONÁRIOS

20 anos

Ana Castro

Conceição Roberto

João Araújo

José Costa

José Gouveia

Liliane Alves

Margarida Dias

Maria Castelo-Branco

Rui Pimentel

Vítor Amorim

25 anos

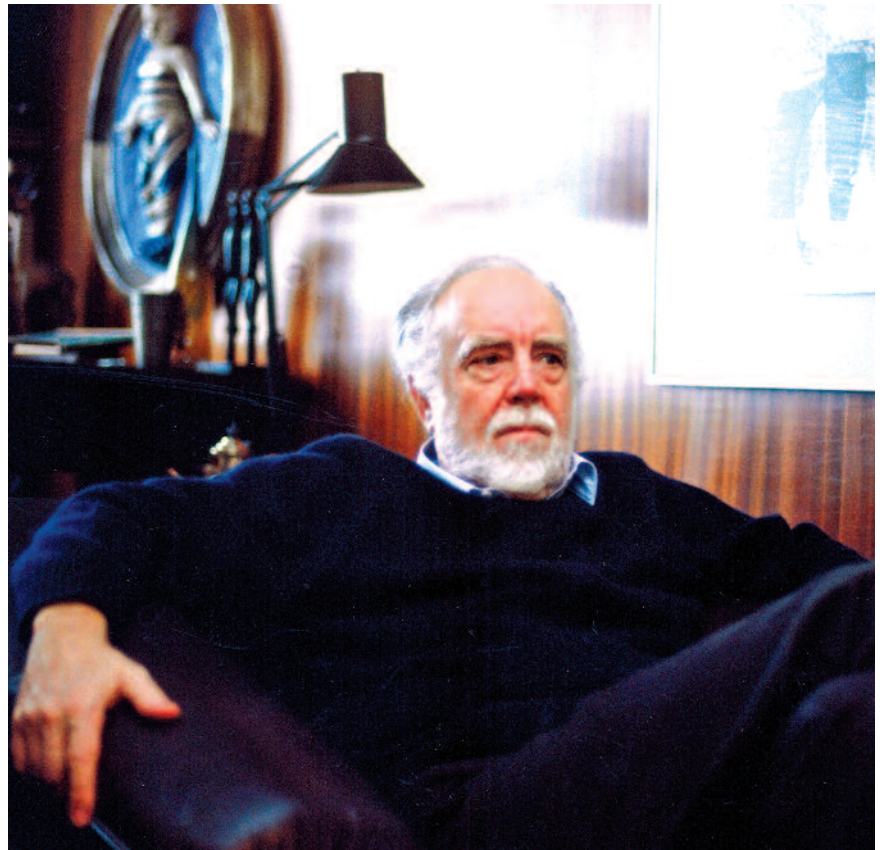
Filomena Sousa

Vítor Amorim

30 anos

Joaquim Espanhol

Lucinda Vitorino.



Exposição “Clave de Memória” homenageia compositores de várias épocas e géneros

De Frederico Valério a Jorge Peixinho, passando por Fernando Lopes-Graça e Alfredo Marceneiro, a exposição intitulada “Clave de Memória – A Música e os Músicos na História da SPA, inaugurada hoje, na passagem do 85º aniversário da cooperativa, é uma homenagem aos criadores musicais que, ao longo das décadas e em diversos géneros, reconhecidamente contribuíram para engrandecer e prestigiar esta casa dos autores.

Nessa expressão de preito a autores já falecidos, que ficará patente na Galeria Carlos Paredes durante os meses de Verão, são homenageados numerosos compositores de diversas épocas e géneros, com destaque para nomes como Frederico Valério, Frederico de Freitas, Fernando Lopes-Graça, Luís de Freitas Branco, Alves Coelho, Viana da Motta, José Afonso, Carlos Paredes, Joly Braga Santos, João Nobre, Alfredo Marceneiro, Carlos Paião, António Variações, Jorge Peixinho e Thilo Krassman, entre outros.

A evocação dos compositores e das suas obras será feita através da reprodução de partituras, de fotografias, de correspondência, de cartazes de espectáculos e ainda de notas biográficas individualizadas.

Coordenada e dirigida em termos plásticos pelo cenógrafo Fernando Filipe, a exposição, que vem substituir a que foi dedicada à poetisa Florbela Espanca, na evocação dos 80 anos da sua morte, “representa a homenagem da SPA, nos seus 85 anos, àqueles que mais contribuíram e continuam a contribuir para a sua representatividade e prestígio nacional e internacional”, nas palavras do seu Conselho de Administração.

MENSAGEM DO DIA DO AUTOR PORTUGUÊS

“O VERDADEIRO AUTOR É AQUELE QUE SEMEIA”

**O VERDADEIRO
AUTOR É
ESSENCIALMENTE
QUEM TRABALHA
AS IDEIAS,
QUEM AS PRESERVA
E DESENVOLVE**

CONFESSO QUE ME É DIFÍCIL inventar seja o que for que alguém já não tenha dito ou escrito num dia dedicado aos chamados autores, que até são pessoas conhecidas por terem boas ideias.

Ora, dentro de uma certa óptica, qualquer um seria autor, se para tanto bastasse ter acesso a uma ideia quanto possível original.

Mas as coisas não se me revelam assim tão simples. Na maioria dos casos, as ideias são como sementes que esvoaçam no ar, trazidas pelo vento: umas vezes pousam no lugar certo, alguém as semeia, alguém as cuida, e assim se transformam em plantas, em campos lavrados, em árvores ou florestas; outras vezes, seguem viagem e desaparecem no horizonte, provavelmente perdidas na aridez de uma rocha estéril.

São contingências da vida, também extensivas às ideias. Deste modo, o verdadeiro autor é, quanto a mim, aquele que semeia, aquele que é capaz de reconhecer a essência e o valor do material de trabalho que lhe chegou às mãos, seja qual for a sua origem.

Ao contrário das teorias que encaram os artistas como uns seres iluminados pela natureza, fontes inesgotáveis de ideias sempre novas, eu defendo muito mais o conceito de que as ideias são como as tais sementes que pairam por aí - e que assumiram um significado concreto a partir do momento em que o mundo também adquiriu consciência de si próprio.

Por isso, eu acho que o verdadeiro Autor é essencialmente quem trabalha as ideias, quem as preserva e desenvolve. O verdadeiro Autor define-se pela Obra e não por sonhos ou projectos abstractos - até porque, em termos de ideias puras, acho que tudo já nasceu devidamente inventado e pronto a ser utilizado por quem quiser e souber fazê-lo. E o Dia do Autor é, em meu entender, o dia de um trabalhador - tão digno como qualquer outro de ser homenageado.

António Victorino D'Almeida



Convite

A Sociedade Portuguesa de Autores
convida V. Exa. a estar presente
nas Comemorações do

Dia do Autor Português e 85º aniversário da SPA

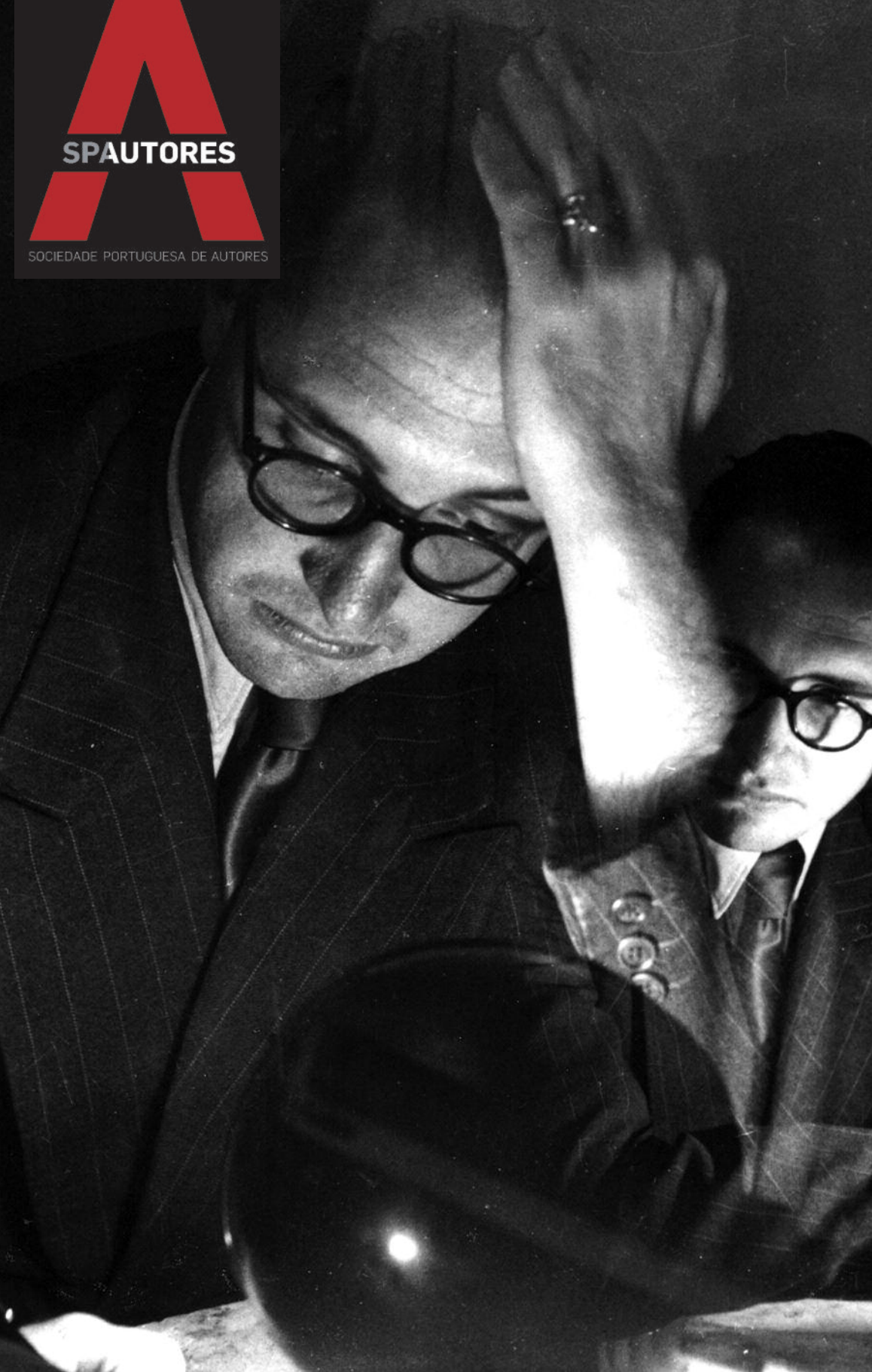
Dia 21 de Maio de 2010 pelas 18h
na Sala Carlos Paredes

Av. Duque de Loulé, 31 - Lisboa (SPA I)
R. Gonçalves Crespo, 62 - Lisboa (SPA II)



Programa

- 18h** Recepção aos convidados. Porto de Honra – Edifício SPA I
Actuação de João Afonso
(Edifício SPA I – Auditório Maestro Frederico de Freitas)
- 18h30** Sessão comemorativa – Edifício SPA II
Inauguração da Exposição "Clave da Memória – A Música e os Músicos na História da SPA"
Tema inédito do Maestro Pedro Osório
- Intervenção da Direcção/Administração da SPA
Leitura da Mensagem do Dia do Autor da autoria do Maestro António Victorino d'Almeida
- Entrega do "Grande Prémio de Teatro Português SPA / Teatro Aberto" - 2010
- Lançamento do livro "A Casa dos Anjos", da autoria de Luís Mário Lopes,
vencedor do "Grande Prémio de Teatro SPA/Teatro Aberto" 2009
- Lançamento do livro "G.A.M.E." de Pedro Bandeira Freire
- Lançamento do livro "Gira prò Inferno" de Castro Guedes
- Entrega de "Medalhas de Honra da SPA" a Cooperadores
- Entrega de Prémios PRO-AUTOR
- Homenagem aos trabalhadores da SPA com 20, 25 e 30 anos de antiguidade
- Entrega do "Prémio Consagração de Carreira"
- Cocktail



REENCONTRAR JORGE DE SENA: peregrinatio ad loca poetica

UM ACTO SIMBÓLICO E MEMORIALISTA

NO DIA EM QUE SE CELEBRA O 85.º aniversário da SPA, a revista "Autores" oferece aos seus sócios e cooperadores este caderno especial e simbólico, em que figura na íntegra o texto da conferência intitulada "Reencontrar Jorge de Sena - *Peregrinatio ad loca Poetica*". Proferida pela jovem investigadora da Universidade de Coimbra Dr.ª Teresa Carvalho, no dia 14 de Setembro de 2009, no Auditório Frederico de Freitas, esta análise à obra de Jorge de Sena, apresentada de forma muito viva, recheada de analogias e entremeada com poemas do autor, constituiu uma parte importante da sessão evocativa da obra daquela "figura maior da cultura portuguesa do século XX", que poderia mesmo ser "um presidente de honra da SPA a título póstumo", conforme acrescentou, na altura, José Jorge Letria.

Teresa Carvalho não só desfiou pormenorizada a obra do homenageado, numa peregrinação poética por uma suposta "casa" de Sena, como também declamou extractos dos seus escritos.

A sessão, promovida pela SPA, integrou-se na homenagem prestada ao grande escritor com a transladação dos seus restos mortais, no dia 11 de Setembro de 2009, da Califórnia para o cemitério dos Prazeres.

A atribuição, a título póstumo, da Medalha de Honra da SPA (a terceira atribuída a título póstumo, desde que foi instituída por ocasião do seu 80.º aniversário) foi um dos pontos altos da sessão. Ao justificar a atribuição desta distinção a Sena, José Jorge Letria enalteceu "o brilho, a capacidade de questionar e responder" do poeta e lembrou ainda que a medalha era também dirigida a sua mulher, Mécia de Sena, "a incansável defensora e difusora das obras do seu marido". Sócio desta cooperativa desde 1958 e cooperador desde 1978, poucos meses antes de morrer, a 4 de Junho de 1978, Jorge de Sena deverá ainda ser lembrado pela SPA através da reedição do seu teatro menos conhecido, uma sugestão de António Torrado, que o Presidente do Conselho de Administração anunciou como mais um acto memorialista em sua honra. *EE*



REENCONTRAR JORGE DE SENA: Peregrinatio ad loca Poetica

*De mim não buscareis, que em vão vivi
de outro mais alto que em mim próprio havia.
Se em meus lugares, porém, me procurardes
o nada que encontrardes
eu sou e minha vida.*

Jorge de Sena, "Epitáfio"

CONFERÊNCIA PROFERIDA POR TERESA CARVALHO



Reconhecida especialista em literatura contemporânea

“Reconhecida especialista em literatura contemporânea” e representante “do labor e da investigação de uma nova geração”, conforme a caracterizou o Presidente do Conselho de Administração e Vice-Presidente da Direcção da SPA, José Jorge Letria, Teresa Margarida Duarte Carvalho nasceu em Coimbra, em 1973. É licenciada em Línguas e Literaturas Modernas – Estudos Portugueses, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e Mestre em Poética e Hermenêutica, com a tese “Epopéia e Anti-epopeia: de Virgílio a Manuel Alegre” (2006). Como domínios de investigação, tem privilegiado a Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea, de matriz clássica, e a Literatura na sua relação com as Artes. Investigadora do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da mesma Faculdade, tem vários artigos publicados em revistas da especialidade e prepara, actualmente, o seu Doutoramento.

EM BUSCA DE IMAGEM para associar a uma obra de tantos compartimentos, intimamente ligados, e algumas adjacências, fixei-me na figuração da casa. Bem sei que Jorge de Sena, ao ver alguém debruçar-se sobre a sua obra, ainda que brevemente, haveria certamente de preferir – e por boa razão – um outro paralelo, mais elaborado, mais erudito, talvez uma figuração com linhas menos rectas, a multiplicarem-se dialecticamente, algo capaz de causar uma autêntica metanóia no mortal, de maneira a poder falar-se no início de uma nova era na vida dos poetas e na história da poesia de uma época onde muitos se perguntavam já: e depois de Fernando Pessoa? Apresso-me, porém, a recordar que existem casas para todos os gostos. E desgostos. E sobre isto nos falaria, assim soubesse português, o próprio Minotauro.

A este procedimento chamou Jorge de Sena, num poema repassado de fina ironia, “mania analógica”, por ele assim definida: “Um triste/ hábito milenário de ser por conta de outrem/ o medo de não ser por conta própria” (PIII, 58).¹ Ser por conta da casa pareceu-me um modo organizado de percorrer um espaço de criação literária imensa e multimoda, mas também uma possibilidade ajustada à materialidade da visão do mundo do autor, reflectida num todo criativo que o termo “construção” ajudaria certamente a descrever. Enfim, uma possibilidade ajustada a uma poesia onde o problema da habitação, para usar um dos títulos mais sedutores de Ruy Belo, está longamente reflectido. As comparações comportam, no entanto, alguns riscos (de grande gravidade, adverte Jorge de Sena), o maior dos quais não será servir-me de uma tal figuração justamente a propósito da obra de um autor cujo génio detonava contra a domesticação. A verdade é que, disse-o o mesmo Ruy Belo, “uma casa é a coisa mais séria da vida”. Sempre o soube Mécia de Sena, que, com cuidados de mulher ideal, tão bem se tem ocupado desta casa, dando-a a conhecer junto do público.

Uma actividade de criação literária constante e intensa, repartida pela poesia (mais de 20 colectâneas) e pela prosa de ficção narrativa desdobrada nos seus vários géneros (mais de 30 contos, uma novela e um romance), pelo teatro, um pouco menos (uma tragédia em verso, uma dezena de peças em um acto), pelo ensaísmo, pela crítica e pela tradução (cerca de quarenta volumes), pela investigação e pela docência universitária, trocada pela Engenharia Civil (porque tudo vem cair na casa para que estava destinado) tornou-a invulgarmente espaçosa e de grande fortuna literária.

Muitos são os que consideram que ela se situa em território maldito: o da erudição. Eu diria, com Todorov, que ela se situa naquela cadeia ininterrupta de um texto que se escreve desde que o mundo existe. Solidamente alicerçada numa vasta formação cultural – da literatura às artes plásticas, do teatro e do cinema à música, da história e das ciências à filosofia –, feita

do barro tenso que é a escrita de Jorge de Sena, está longe de ser uma casa de fácil acesso, mas recusome a aceitar que os elementos paratextuais que a cercam – prefácios e posfácios, com mais ou menos minudências, que dizia inserir nos seus livros para compensar a desatenção da crítica ou até “para dizer o que já desesperara de que ela alguma vez dissesse”, as notas introdutórias, notas explicativas e tantos outros sinais, pretendam ser uma selecção de leitores. Serão antes uma saudação. Um reencontro de cada vez que ela se repete. O Próprio, numa nota introdutória a *Antigas e Novas Andanças do Demónio* (que logo esclarece não ser um dos “famosos prefácios do autor”), vincando a sua condição de exilado físico, com aquela redundância de quem nunca se repete (e ironia magoada), observa que, “simbolicamente, os prefácios são uma das formas de o autor afirmar aquela presença que os outros mostram ao apresentar os seus cumprimentos ou assinar o respeitoso ponto”.

Mas ultrapassemos as cercanias para penetrar numa casa que se escreve com uma grande diversidade de registos – o mais rigoroso metaforismo ou a mais complexa especulação discursiva e meditativa, a mais directa rudeza, um desbragamento desassombrado – e onde, não por acaso, coexiste o clássico, o moderno e a vanguarda. Entremos pela porta da Poesia, essa “excrecência escandalosa”, como em tom provocador a afirmava. Logo à entrada da colectânea *Exorcismos* um “Aviso de Porta de Livraria” (PIII, 117), talvez o mais conhecido limiar desta casa:

Não leiam delicados este livro,
sobretudo os heróis do palavrão doméstico,
as ninfas machas, as vestais do puro,
os que andam aos pulinhos num pé só,
com as duas castas mãos uma atrás e outra adiante,
enquanto com a terceira vão tapando a boca
dos que andam com dois pés sem medo das palavras.

E quem de amor não sabe fuja dele:
qualquer amor desde o da carne àquele
que só de si se move, não movido
de prémio vil, mas alto e quase eterno.
De amor e de poesia e de ter pátria
aqui se trata: que a ralé não passe
este limiar sagrado e não se atreva
a encher de ratos este espaço livre
onde se morre em dignidade humana
a dor de haver nascido em Portugal
sem mais remédio que trazê-lo n'alma.

Quando, em 1942, era lançada a primeira pedra, digamos assim, uma colectânea poética que tem por título *Perseguição*, a que se seguirá *Coroa da Terra* (1946) e *Pedra Filosofal* (1950), já a crítica – que então considerava Jorge de Sena “infinitamente mais inteligente do que poetas propriamente ditos” – dizia tratar-se de um lugar difícil, obscuro e por vezes impenetrável. Houve

“Em busca de imagem para associar a uma obra de tantos compartimentos, intimamente ligados, e algumas adjacências, fixei-me na figuração da casa. Bem sei que Jorge de Sena, ao ver alguém debruçar-se sobre a sua obra, ainda que brevemente, haveria certamente de preferir – e por boa razão – um outro paralelo, mais elaborado, mais erudito, talvez uma figuração com linhas menos rectas, a multiplicarem-se dialecticamente, algo capaz de causar uma autêntica metanóia no mortal...”

1. Por razões de facilidade de referência, passar-se-á a indicar a obra poética de Jorge de Sena do seguinte modo: Poesia I (PI), Poesia II (PII), Poesia III (PIII), Visão Perpétua (VP), referindo-se apenas o número de página.



até quem tentasse compará-la com catedrais góticas, embora ela não emergisse das trevas a que a associavam. Hermetismo, cerebralismo, intelectualismo é a tríade que há-de perseguir caninamente Jorge de Sena, geração após geração². “Não é propriamente” – observava, referindo-se à crítica – que eu seja a caravana/ e aquela tropa os cães das gerações/ Oh não. Nem eu camelo, nem eles só cães” (VP, 152-3).

Vendo bem, esta poesia, com uma arquitectura complexa, capaz de articular intimamente a consciência clássica da construção e a ousadia da transgressão, talvez até perturbasse menos pelo que era, do que pelo que não era.

Não era um lar novo, fresco e matinal onde não bate uma sombra desiludida e tudo é paixão concentrada, calma e aves contentes. Mais interessada em indagar a paisagem humana, sempre dispensou tanto a colaboração da natureza como um lirismo objectivo e cantabile: “Que caçarei da natureza mais/ que humanidade em ruas de cidade?” – assim conclui um soneto de *Visão Perpétua*. Acresce que uma verdadeira casa é, na expressão de José Régio (que não escapou às bicadas de Jorge de Sena), a velha casa e deve estar “cheia dos maus e bons cheiros/ das casas que têm história”. E, também quanto a este aspecto, não há como a de Jorge de Sena, uma casa com história e com “Pré-História”, título do poema que abre o seu primeiro livro. Por delicadeza, passo por alto o odor que se desprende de “quanta camisa à Salazar ou cueca de Caetano”, roupa lavada na praça pública de um conhecido poemacão onde não sobra tempo para tratar de poéticas, o próprio cheiro de “podridão de impérios” (VP, 175), para destacar “aquele mau cheiro terno da saudade!” (PI, 38).

Claro fica que não se desenhava uma casa branquinha, caiada, asseadinha, exaltada na sua beleza patriarcal num cenário caracterizadamente português, abrangendo pretéritos saudosismos – a pequena casa portuguesa, com certeza. Espaço de cruzamento de culturas das mais desvairadas latitudes, objecto de pesquisa poética, revendo mitos e propondo contra-mitos (e o que é o *Indesejado* (António, Rei)?), não pretendia ser a expressão da alma do povo nem a guardiã da moral, qualquer que fosse, dos bons e dos brandos costumes. Bastará lembrar a sequência poética *As Evidências*, apreendida temporariamente pela PIDE sob a acusação de subversão e pornografia. Apressa-se a acrescentar Jorge de Sena, no tom que lhe adivinham: “e para dizer a pura verdade evidente era realmente subversivo e, se não propriamente pornográfico, sem dúvida que respeitavelmente obscuro”. Uma PIDE pouco sensível a cambiantes, portanto.

Perturbador é que também não fosse uma casa geminada, voltada para “ismos”, nem mesmo para o surrealismo, que lhe interessava como “técnica”, e não como “modo de vida”. Claramente consciente da impossibilidade de dissociar inteiramente um autor do seu tempo histórico e estético, desmistificando,

de resto sobre o seu próprio exemplo, a ultrapassada concepção da originalidade absoluta, sempre fez questão Jorge de Sena de se descolar das afinidades que a crítica lhe descobria. Situada na grande tradição do lirismo especulativo (Camões, Antero, Pessoa), os primeiros livros de poesia logo representam um confronto divergente com todas as poéticas do Modernismo. A poesia de Jorge de Sena, e sobretudo a que se situa em zonas posteriores, veio mostrar também que o poema podia ser um veículo para exprimir opiniões. Todos os grandes poetas nos dão, de um modo ou de outro, a sua visão do mundo. Mas se lermos a sua poesia ficaremos a saber o que pensa sobre uma infinidade de coisas, das mais complexas às mais triviais: da ressurreição (“um negócio individual, requerendo vítima, sepulcro emprestado”), das histórias da literatura, dos estudiosos e até dos actores dos filmes pornográficos. A solidão de que sempre padeceu Jorge de Sena, poética e existencial, não se identifica com ausência de companhia, até porque a sua obra é uma obra muito habitada, desde logo por figuras de exilados, alguns deles tornados membros da casa por laços de serventia. Aos nacionais Fernão Mendes Pinto, António Vieira, Eça de Queirós, Camilo Pessanha, Casais Monteiro, só para citar alguns, vêm juntar-se Ovídio, Dante, Maquiavel, Erasmo, Karl Marx, Heine, Chopin, nomes a que directamente se refere nos poemas, em obras de crítica, nas suas traduções.

Dizer que Camões é uma presença tutelar desta casa é uma afirmação que o título *Trinta Anos de Camões - 1948-1978*, exprimindo a permanência, a intensidade e o fascínio por essa figura ímpar da literatura portuguesa, se apressa a revelar insuficiente. Num texto escarinho de jornal, mais concretamente numa “entrevista sensacional”, dada num momento que coincidiria com uma intensa e apaixonada frequentação crítica da obra camoniana, declarava Jorge de Sena: “dado que os grandes como as catedrais não devem ser visitados todos os dias, ou acabamos tendo com eles confianças de sacristães irreverentes – abstive-me cautelosamente, durante anos, de voltar ao Príncipe dos Poetas das Espanhas. Apenas, de vez em quando, lhe fazia uma visita de cerimónia, para mantermos em bom pé de cortesia as nossas relações.”³ Estranhámos, por isso, que o autor em “Epístola a Grabato e Quadros”, motivada pelo prefácio assombroso que escrevera para a sua obra *As Quibíricas* (esse grosso caderno cozido de estâncias à maneira de Camões em que há falas del-rei D. Sebastião) se refira ao autor d’Os Lusíadas como “o nosso amigo Luís” (VP, 167). Apenas um pequeno parêntese, destinado sobretudo aos que afirmam que o nosso autor era incapaz de ser auto-irónico. Neste prefácio, que partilha com os ensaios críticos reunidos em *O Reino da Estupidez* o humor e a ironia, não faltam notas de auto-ironia e até uma auto-paródia ao método estatístico de que se serviu no magistral estudo *A Estrutura d’Os Lusíadas*. Íntimo de Jorge de Sena, pelo menos desde o início



“Ser por conta da casa pareceu-me um modo organizado de percorrer um espaço de criação literária imensa e multimoda, mas também uma possibilidade ajustada à materialidade da visão do mundo do autor, reflectida num todo criativo que o termo “construção” ajudaria certamente a descrever. Enfim, uma possibilidade ajustada a uma poesia onde o problema da habitação, para usar um dos títulos mais sedutores de Ruy Belo, está longamente reflectido

2. Leia-se, com particular proveito, “Título nenhum serve para o estudo da recepção de Jorge de Sena nos anos 40”, de Jorge Fazenda Lourenço: Gilda Santos (Org.), Jorge de Sena em Rotas Entrecruzadas, Lisboa, Edições Cosmos, 1999, pp. 153-170.

3. Jorge de Sena, “O Fantasma de Camões (uma entrevista sensacional)”: SLESP, 20 de Janeiro de 1962. Reproduzido em *O Reino da Estupidez II*, Lisboa, Morais Editores, 1978, pp. 61-66.



“Mas ultrapassemos as cercanias para penetrar numa casa que se escreve com uma grande diversidade de registos – o mais rigoroso metaforismo ou a mais complexa especulação discursiva e meditativa, a mais directa rudeza, um desbragamento desassombrado – e onde, não por acaso, coexiste o clássico, o moderno e a vanguarda. Entremos pela porta da Poesia, essa “excrecência escandalosa”, como em tom provocador a afirmava.

da década de 50, Camões, uma referência existencial, é o poeta com quem mais intensamente conviveu, desvelando-lhe a obra e a vida. Porque, para onde quer que nos voltemos nesta obra, é Camões que nos espera, caminhemos ao seu encontro na Ilha de Moçambique (PIII, 185-5).

[...]
 Não é de bronze, louros na cabeça,
 nem no escrever parnasos, que te vejo aqui.
 Mas num recanto em cócoras marinhas,
 soltando às ninfas que lambiam rochas
 o quanto a fome e a glória da epopeia
 em ti se digeriam. Pendendo para as pedras
 teu membro se lembrava e estremecia
 de recordar na brisa as croias mais as damas,
 e versos de soneto perpassavam
 junto de um cheiro a merda lá na sombra,
 de onde n’alma fervia quanto nem pensavas.
 Depois, aliviado, tu subias
 aos baluartes e fitando as águas
 sonhavas de outra Ilha, a Ilha única,
 enquanto a mão se te pousava lusa,
 em franca distração, no que te era a pátria
 por ser a ponta da semente dela.
 E de zarolho não podias ver
 distâncias separadas: tudo te era uma
 e nada mais: o Paraíso e as Ilhas,
 heróis, mulheres, o amor que mais se inventa,
 e uma grandeza que não há em nada.
 Pousavas n’água o olhar e te sorrias
 – mas não amargamente, só de alívio,
 como se te limparas de miséria,
 e de desgraça e de injustiça e dor
 de ver que eram tão poucos os melhores,
 enquanto a caca ia-se na brisa esbelta,
 igual ao que se esquece e se lançou de nós.

O lugar e a posição em que vamos encontrar o cantor máximo das glórias de Portugal, num recanto e em “cócoras marinhas”, numa produção desconcertante e inédita, destinada às ninfas, falar-nos-iam suficientemente dos desígnios desmistificantes de Sena, que nos impõe um exercício do olhar. Habitado a um movimento de elevação, isto é, a ter de trepar aos píncaros para poder contemplar a encarnação do patriotismo, Camões, tornado mito, é forçado a um movimento de abaixamento, quase até ao nível do solo, para poder ver um Camões humano.

A este abaixamento não é alheio o conceito de anti-epopeia e Jorge de Sena, particularmente atento à voz pessoal do poeta, que não se exime a introduzir, no poema glorificador da gesta portuguesa, clamores de desalento, vozes de reprovação, indícios de pessimismo, foi um dos primeiros a apontar as contradições existentes n’ *Os Lusíadas*, inaugurando uma nova corrente de interpretação do poema camoniano.

Hão-de ter reparado, por certo, que Camões pousa a

mão, não numa espada, não numa pena, sinalizando o homem modelar da cultura medievo-renascentista, mas no próprio sexo, convertido em instrumento de construir pátria. Disse pousa e não repousa. Sem nada que o vista, que o abrigue, sem “as ideias” – e cito já o célebre poema “Camões Dirige-se aos seus Contemporâneos”, o único monólogo dramático de toda a obra poética de Sena – “as palavras, as imagens, / e também as metáforas, os temas, os motivos, os símbolos”. Tudo roubado. Escandalosamente nu, numa produção própria de um qualquer Luís. Eu diria que há neste poema uma dupla expulsão, sendo que aquela que cabe a Jorge de Sena não tem menos significado. Ele expulsa do seu discurso poético, que mantém um admirável diálogo intertextual com o texto camoniano, um biografismo romanticamente imaginoso e uma retórica tradicional de glórias e grandezas, que tantas vezes encobre

Camões humano. É este Camões que é chamado, em epígrafes, a acompanhar a obra de Sena.

Fernando Pessoa & C^o Heterónima, nome da colectânea que reúne estudos pessoanos, preenchem também o espaço desta casa – e movemo-nos agora no domínio do ensaísmo –, mas sem que possa dizer-se que existisse uma relação de casa e pucarinho, até porque, muito embora a poesia de Sena absorva o fingimento pessoano, para o transformar numa poética do testemunho, o poeta dos heterónimos é visto sempre com admirativa distância.

Deu-se o primeiro encontro quando Jorge de Sena, ainda muito jovem e sem disso se aperceber, entrou na sala de visitas da sua tia-avó. Como sabem, a vida dá muitas voltas, tantas que Jorge de Sena virá a ter como discípulo o próprio Pessoa, “de quem já se gastou” – lembrava, depois de tantos estudos que lhe dedicou e em tom visivelmente irritado – “o desafinado disco de me acharem discípulo – quando ele é que o meu, pelo muito que, criticamente, o expliquei por mim” (PII, 160).

Presença misteriosa nesta obra é a da própria Poesia. Recordemos, não a primeira, mas a segunda visita, talvez melhor, a *segunda aparição* a Jorge, o protagonista-narrador do romance *Sinais de Fogo*. Escusado será dizer que um criador como este, que também se chama Jorge, nos obriga a saltar constantemente de casa em casa. Estamos já na casa paterna da personagem, exactamente no espaço íntimo do seu quarto, onde encontra sem saber como nem porquê registado “num papel que não sabia ter procurado” “palavras que não sentira ter escrito”. A voz sibilina da poesia, sentida como algo de “terrível”, regressará e há-de transformar para sempre a sua vida. Era o chamamento para uma missão transcendente e única que não podia declinar.

E porque o poeta Jorge de Sena era também um polemista cultural (a evitar, tanto mais quanto se sabe que a ironia quando dominada e apontada com endereço exacto pode ferir), e um escritor com uma justificada

sede de reconhecimento, nesta casa também há espaço para a “literocambada”, quando não para “cambada toda” (PIII, 150), para não me afastar dos seus termos. Normalmente, faz-se acompanhar do sarcasmo, que nem sempre se contém na circunferência da composição, mas que em Jorge de Sena é ainda uma forma superior de expressão literária. Apenas um excerto do poema “Provavelmente ...” (VP, 150), escrito em 1971:

Provavelmente esta cambada toda
rói-se de inveja por triunfos meus.

[...]

.....Dói-lhes
o pontapé no rabo? Não-de apanhar
ainda muito mais – no grande estilo
com que em milénios a poesia deu
os pontapés devidos a uma tal cambada.
Se a paciência perdi (que compostura
de presunçosas glórias académicas
é coisa que não tive ou tenha agora),
toda essa rasca exibição do reles
e do mesquinho ma tirou. Que vão
para o inferno que lhes cumpre em sorte.
Mas não se julguem donos de uma terra
de mais destino e história que apará-los.

Uma figura que em graus de tensão variável percorre toda a obra do autor é justamente a do diabo (e não estou a referir-me “àquele pobre diabo” que surge no poema “Em Creta, com o Minotauro”. É um habitante igualmente com muita substância, mas sem presença plasticamente viva, como há muito notou Eduardo Lourenço⁴, e que parece retirar prazer da observação das movimentações humanas. Deixo de lado, pelos desenvolvimentos que seriam necessários, os demónios interiores, a actividade poética como algo de demoníaco, onde se lê a crença no mito platónico do sopro divino, tematizado no poema “O Daímon” (PIII, 215) e objecto da crítica de Jorge de Sena, que, curiosamente, tem nesta matéria telhados de vidro. Deixo de lado igualmente a análise de um título como *Exorcismos* e até a “Razão de o Pai Natal ter Barbas Brancas”, título do conto que abre *Antigas e Novas Andanças do Demónio*, onde somos surpreendidos por um “diabo desamparado”, para destacar *O Físico Prodigioso*, uma figura que recusa o limite de um nome, que não é, está sempre sendo, e que um barrete diabólico torna invisível e dá poderes. Aqui encontramos não um diabo insatisfeito, mas um diabo que não cessa de amar. Uma novela ímpar onde o leitor é vítima da *diablerie* de uma ficção que, concentrando a problemática do duplo, da sobreposição e dos contrários, da errância é irreduzível a sentidos unos.

Uma casa será um reflexo mais ou menos fiel do “eu” que nela habita. A primeira impressão que o visitante recebe ao entrar, depois de uma recepção nem sempre calorosa por parte do autor, que é um anfitrião de fina

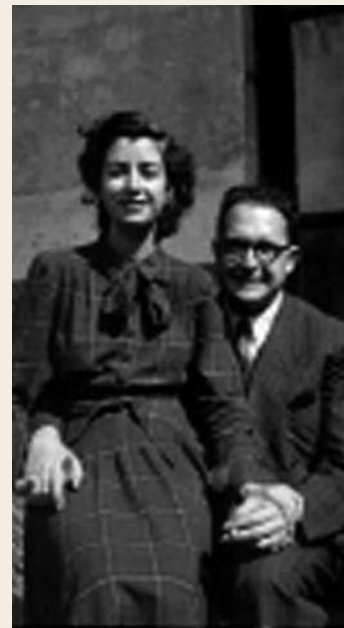
ironia, é a de que se encontra num espaço de uma trama de referências poéticas e culturais e de circunstâncias biográficas. Um peregrino, leitor voraz, portanto, sobre o qual nos falaria, por exemplo, a “Ode Aos Livros Que Não Posso Comprar”, mas também um provável colecionador – a contragosto: “coleccionarei nacionalidades como camisas de despem”.

Examinemos o mobiliário da casa, um bom campo de observação para o conhecimento da obra seniana: uma mesa, que é metáfora do mundo: “sento-me à mesa como se a mesa fosse o mundo inteiro/ e princípio a escrever como se escrever fosse respirar [...] Uma corrente me prende à mesa em que os homens comem./ E os convivas que chegam intencionalmente sorriem/ e só eu sei porque principiei a escrever no princípio do mundo” (PI, 83-84). Embora fosse interessante dar uma outra atenção a uma ars poetica, vejamos, e o verbo não é inocente se pensarmos na capacidade icónica da poesia, uma outra peça de mobiliário doméstico: uma cadeira – humilde. E célebre: “A Cadeira Amarela, De Van Gogh” (PII, 119).

Esta peça poética, que tem como referente pictórico o conhecido quadro do pintor holandês, encontramos na obra que talvez mais marcas deixou na poesia portuguesa contemporânea, abrindo caminho a um profícuo diálogo entre as diversas áreas da criação artística: *Metamorfoses, seguidas de quatro sonetos a Afrodite Anadiómeneia* (1963). A cadeira, de que se não pretende fazer uma cópia verbal, é visada pelo poeta menos como objecto do quadro e mais como representação simbólica da humanidade. À semelhança de outros poemas que integram este livro magnífico, o poeta transforma a paixão de ver uma imagem no acto emocionado de meditar sobre ela.

Algo que sempre me surpreende na poesia de Jorge de Sena é a atenção dada aos restos, aos vestígios, vistos como sinais da condição humana (e estou também a pensar num poema como “Borras de Império”). E poderíamos comparar rapidamente (cá está a minha mania analógica) os versos finais de “A Cadeira Amarela, de Van Gogh”: “Ao fim de tudo, são só cadeiras o que fica, e um modesto vício/ pousado sobre o assento enquanto as cores se empastam?” com os versos também finais do poema “Camões na Ilha de Moçambique”: “enquanto a caca ia-se na brisa esbelta/, igual ao que se esquece e se lançou de nós”. Pertinente parece ser para Jorge de Sena a ideia de que a poesia, sendo um objecto de cultura, é também um corpo vivo e, por isso, toda a matéria por ela produzida é digna de pesquisa, de indagação poética. Fácil será perceber o que haverá de comum entre a caca e a tinta, matérias que, em movimento, exteriorizam as produções de Camões e de Van Gogh.

Mas voltemos à cadeira, uma peça mais flexível do que a um primeiro olhar poderá mostrar-se, sendo certo que ela é nesta obra uma peça de pouco conforto. Logo no primeiro livro publicado, surge-nos, num verso, como um magnífico objecto de poesia: “Cria-



“Uma casa será um reflexo mais ou menos fiel do “eu” que nela habita. A primeira impressão que o visitante recebe ao entrar, depois de uma recepção nem sempre calorosa por parte do autor, que é um anfitrião de fina ironia, é a de que se encontra num espaço de uma trama de referências poéticas e culturais e de circunstâncias biográficas

⁴ “Jorge de Sena e o Demónio”: *O Tempo e o Modo* 59 (Abril 1968).



“Creio que podemos concluir, e pese embora toda a melancolia e a contemplação de aspectos trágicos de funda ressonância humana, que a obra que Jorge de Sena nos legou é o domicílio de um “eu” “rendido à gloria de existir” –
-património fundamental da história e da cultura do século XX.

se da angústia uma cadeira para assistir à noite” (PI, 40). Se percorrermos a poesia do autor muitas cadeiras encontraremos, mesmo que algumas se manifestem por ausência, e penso num poema como “Sentemo-nos nas Coisas”. Ela aponta para um modo pessoal de estar no mundo, para uma poesia como ofício dialogante e interessante seria desenvolvermos aquilo a que Jorge Fernandes da Silveira, um professor brasileiro conhecedor da poesia portuguesa contemporânea, chamou “a teoria do assento”⁵.

Jorge de Sena prevenira a respeito das analogias: “o hábito implica perigos de grande gravidade. Com efeito/ – assim prossegue o poema de *Peregrinatio ad Loca Infecta* a que comecei por me referir – a gente começa por comparar aceitando,/ por forma oculta ou inconsciente, o mimetismo/ que o comparar assimilando arrasta;/ depois, a gente não distingue já/ a cor de coisa alguma”. Parece-me que é justamente o que me tem vindo a suceder.

Entrei, acompanhada de todos vós, numa casa habitável, em que dá gosto estar, sem a intenção de lhe percorrer os cantos (impossível !), fiz uso de peças de mobiliário doméstico. Enfim, a casa, por efeito da escrita, começa semanticamente a expandir-se e a desdobrar-se nas suas diversas inflexões metafóricas. Quase sou tentada por um belo poema de Coroa da Terra, “Zodíaco”, que nos conduziria, se não às casas astrológicas, à grande temática do destino: “Soube-me sempre a destino a minha vida” (PI, 63). Impossível: há vozes que se aproximam. Alguém bate à porta. São os topoi, por quem o autor não parece nutrir grande simpatia. Vem abrir o poeta, com cara de poucos amigos (“Crítica dos “Topoi” – PIII, 208):

Vozes que pousam, passam, se modulam
ou se insinuam como visgo sobre
o que pensado assim se não diria,
ou dentro quedam como espectros gastos
do que dito diverso se pensou de alheio,
conheço-vos a todas.

Nesta vida
em tempos de morrer-se de contextos mortos,
tão insepulto resistir não escapa
a quem de ouvidos faça o corpo inteiro
atento tanto ou mais ao que acontece
que ao que de outrora sois não já tesouro
de boca em boca transmitido mas
esse teimar de um mundo apodrecido e vil
em vós, ó vozes, se fingindo uma alma
que podridão alguma já encerrou em si.

se vos recebo, é para pendurar-vos
como troféus ridículos à porta
que a minha própria voz vos abre para o lixo
de quanto ainda resiste sem que exista:
tudo nos mata neste mundo agora,
mas vós, a mim, e por mim mesmo, não.

Mirai-vos, pútridas, beleza antiga
agora igual a uma capela de ossos.

Que só de profanadas sereis cinza enfim.

Hoje, procurada pelas novas gerações, justamente rodeada pelas atenções da crítica e analisada por académicos de mérito, como Jorge Fazenda Lourenço, não fazem já sentido as seguintes observações de Eugénio Lisboa, datadas de 1982, a respeito desta casa: “Não há um único texto que tenha sequer tentado de modo convincente abrir a fechadura da primeira porta do rés-do-chão deste edifício grandioso e variado que é a poesia de Jorge de Sena. De resto, mesmo quanto aos andares superiores se abundam os textos de todo escasseiam os estudos de fundo”. É certo que edifício não é uma designação inadequada. Demasiado ampla, porém, para a especificidade da poesia e da poética de Jorge de Sena, um conhecedor profundo da história da humanidade com uma espantosa cultura artística, um elevado grau de erudição estética e uma sensibilidade rara.

É portanto mais adequado vê-la, talvez não como uma casa-museu, uma designação que nos podia trazer de imediato o cheiro do pó e do empalhado, mas como uma poesia em estado de *Museu*, título inicialmente escolhido, recorda o autor, para o que viria a ser *Metamorfoses*, na sua acepção etimológica de “templo dedicado às Musas, e depois local destinado às obras das Musas”. Nela encontramos uma gama variada de obras de arte, objectos estéticos, como preferia nomeá-los: retratos temporais e rítmicos, “esculturas que falam”, mas também objectos arquitectónicos, urbanísticos e monumentais, meditados com “a emoção complexa de um espírito culto”, as obras musicais que são os poemas de *Arte de Música*, toda uma memória, fina e minuciosamente descrita, de materiais selectos da criação artística.

Creio que podemos concluir, e pese embora toda a melancolia e a contemplação de aspectos trágicos de funda ressonância humana, que a obra que Jorge de Sena nos legou é o domicílio de um “eu” “rendido à gloria de existir” – património fundamental da história e da cultura do século XX.

Pergunto-me: agora que finalmente regressou a Portugal, pondo fim a um tão longo exílio, que casa merecia habitar Jorge de Sena? Termino com ‘metade’ de um verso de um poema que tem por título “Dizia Uma Vez Aquilino...” (VP, 106), esse grande escritor cujos restos mortais repousam no Panteão Nacional: “Oh país danado.”.

Teresa Carvalho
14 Setembro 2009

⁵ “Uma cadeira para assistir ao século XX: reflexões sobre a poesia de Jorge de Sena”; Gilda Santos (Org.), Jorge de Sena em Rotas Entrecruzadas, Lisboa, Edições Cosmos, 1999, pp. 171-200.

SESSÃO EVOCATIVA DOS 200 ANOS DO NASCIMENTO DE ALEXANDRE HERCULANO

António Valdemar discorre sobre o precursor do direito de autor



COM UMA MEMÓRIA INCOMENSURÁVEL, o rigor de um membro efectivo da Academia das Ciências de Lisboa e uma paixão e fulgor próprios de quem sabe beber e transmitir conhecimento, o escritor, jornalista e investigador António Valdemar teve oportunidade de prender a assistência, reunida, no dia 21 de Abril passado, no Auditório Maestro Frederico de Freitas, numa entusiástica sessão de evocação dos 200 anos do nascimento de Alexandre Herculano, que tituló de “Temporalidade e Intemporalidade de Herculano”.

Estabelecendo um paralelismo constante entre as obras daquele que o Presidente do Conselho de Administração da SPA considerou “o precursor do direito de autor”, figura central desta sessão, de Almeida Garrett e de Castilho, o orador convidado discorreu sobretudo sobre a sua influência decisiva na introdução e desenvolvimento da narrativa histórica em Portugal. Por outro lado, acentuou as características que levaram Herculano, juntamente com Almeida Garrett, a figurar como introdutor do romantismo em Portugal, ao desenvolver os temas da incompatibilidade do homem com o meio social.

Como um bom narrador do facto histórico, António Valdemar percorreu toda a vida e obra do escritor, historiador, jornalista e poeta português Alexandre

Herculano, nascido em Lisboa a 28 de Março de 1810, e transformado no “maior português do século XIX” com a sua “História de Portugal,” cujo primeiro volume foi publicado em 1846. Uma obra que introduziu a historiografia científica em Portugal, e que não podia deixar de levantar enorme polémica, sobretudo com os sectores mais conservadores, encabeçados pelo clero, por não ter admitido como verdade histórica o célebre Milagre de Ourique, segundo o qual Cristo aparecera ao rei Afonso Henriques naquela batalha.

O prestígio que a “História de Portugal”, publicada em quatro volumes, lhe granjeava levaria a Academia das Ciências de Lisboa a nomeá-lo seu sócio efectivo (1852) e a encarregá-lo do projecto de recolha dos “Portugaliae Monumenta Historica” (recolha de documentos valiosos dispersos pelos cartórios conventuais do país), projecto que empreenderia em 1853 e 1854.

Já antes, fora nomeado por D. Pedro IV segundo-bibliotecário da Biblioteca do Porto, aí tendo permanecido até ter sido convidado a dirigir a Revista “Panorama”, de Lisboa, revista de carácter artístico e científico de que era proprietária a Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, patrocinada pela própria rainha D. Maria II, e da qual foi redac-

tor-principal de 1837 a 1839. Em 1842 retomaria o papel de redactor principal, publicando aí o “Eurico o Presbítero”, obra maior do Romance Histórico em Portugal no século XIX.

Na sua mui viva conferência, atentamente seguida por todos os presentes, António Valdemar acabou enaltecendo as qualidades do homenageado de forma sistemática: 1 – empenhamento na procura incessante da verdade; 2 – combate à intolerância; 3 – defesa de grandes causas; e 4 – empenhamento pela dimensão da vida à margem da promiscuidade e da corrupção.

Na sequência desta exposição, José Jorge Letria convidou António Valdemar para se responsabilizar por um ciclo de conferências a realizar durante o próximo mês de Outubro, integrado nas comemorações que a SPA pretende levar a efeito pelos 100 anos da República. “Nascida a 22 de Maio de 1925, a SPA é assumidamente republicana e é uma casa de memória e de memórias com um arquivo documental significativo”, justificou.

Por outro lado, anunciou que a SPA vai ainda editar a adaptação de “O Bobo”, de Alexandre Herculano, feita por Norberto Ávila, no âmbito do protocolo recentemente estabelecido com a Imprensa Nacional-Casa da Moeda. *Edite Esteves*



MARIA ALZIRA SEIXO

“O galardão da SPA faz com que me veja ‘autora’ em sentido pleno”

Maria Alzira Seixo doou à Universidade 38 anos da sua vida, em leccionação, escrita, administração e investigação. De forma arrebatada e intensíssima. Mas, em 2000, decidiu que tinha de parar. Tinha de dar seguimento a projectos de investigação e de escrita que durante muito tempo tivera de protelar devido às suas obrigações. Agora, aposentada, entrega-se à fruição do que mais a atrai de momento. Para além dos afectos, sobretudo os da neta Alice, afirma que pôs de lado “a investigação de longo curso” e se dedica a “pequenas coisas, sim, e muitas, borboleteando pela vasta literatura, que também é bom, e saudável, para intervalar os ritmos, como aconselhava Bachelard”. Mas, no seu discurso ensaístico sentimos a profundidade das suas posições face ao mundo que a cerca e a inquietação própria de quem não prescindirá nunca de tentar uma proposta válida para o sentir pulsar. A SPA concede a esta sua fiel cooperadora, neste Dia do Autor Português, uma Medalha de Honra de que ela muito se orgulha, por figurar numa galeria de vultos notáveis e de diversas áreas da cultura

Que significado atribui à Medalha de Honra com que a SPA a distinguiu, como cooperadora, neste 85º aniversário da “casa dos autores”?

Não esperava esta distinção! Ela tem um significado muito especial porque considero os meus livros como uma extensão da actividade de professora, que é o que centralmente sou. Muito embora entenda que o ensaio é um género literário como qualquer outro, e eu o cuide enquanto tal (e tenho de facto mais de duas dezenas de livros publicados), e ainda apesar de ter também livros de poesia, o galardão da SPA faz com que me veja “autora” em sentido pleno. Por isso dou a esta Medalha de Honra um valor diferente do de outros prémios que tive, que aliás me honraram muitíssimo, e que é o de, neste caso, me proporcionar a integração num grupo de cultores das várias artes, entre as quais se contam vultos notáveis, o que me gratifica. Eu própria pratico a intersemiotidade, isto é, estudos interartes

DOU A ESTA MEDALHA DE HONRA UM VALOR DIFERENTE DO DE OUTROS PRÉMIOS QUE TIVE, E QUE É O DE ME PROPORCIONAR A INTEGRAÇÃO NUM GRUPO DE CULTORES DAS VÁRIAS ARTES, ENTRE ELES VULTOS NOTÁVEIS



FOTO DE JOSÉ BARAHONA

ou que relacionam as letras com outros sistemas de significação (tenho escrito sobre literatura e música, literatura e pintura, literatura e cinema, até sobre literatura e moda, imagine...), por isso sou sensível a este tipo de conexões.

O que pensa da acção desenvolvida pela SPA em prol dos direitos dos autores portugueses?

Devemos muito à SPA. Sou membro há uns oito anos, antes não sentia necessidade, pois o ensaio vende pouco, sobretudo se consiste em trabalhos de fundo e de natureza metaliterária. Mas não estava bem informada. E quando se me deparou um problema delicado de tipo contratual, aí, recorri à Sociedade, e tenho tido uma experiência extremamente positiva, que me protegeu de situações embaraçosas e de prejuízos pessoais e profissionais. Parte deste processo deu-se na altura de Luís Francisco Rebello (cujo papel em prol dos autores portugueses nunca será demais realçar) e conheceu já com esta direcção os seus aspectos mais difíceis, tendo os obstáculos sido vencidos graças a juristas e funcionários da SPA, todos muito disponíveis e eficientes. Espero que tais características continuem, e vejo até sinais do seu desenvolvimento.

A acção da SPA é decerto mais relevante em sectores da produção artística que envolvam valores materiais e pecuniários de monta, mas quero chamar a atenção para a sua importância no sector das publicações e contribuições literárias, não só na vertente criativa mas também na vertente reflexiva, a qual sublinha o valor da criação, sendo a Literatura, de todos os trabalhos artísticos, o menos visível, por trabalhar

a linguagem natural, que é de todos, e ser por isso menos apreensível a dimensão estética da obra literária, entendida às vezes como mero entretenimento, que em muito ultrapassa.

Qual a sua posição crítica face às emanações recentes relativas à salvaguarda dos livros excedentários das editoras?

São atitudes importantes para a protecção do livro, mas não as julgo suficientes. Esta questão é complicada e não posso aqui senão aflu-la. Há que atentar, por um lado, nos entorses que se praticam nos contratos destruindo montes de livros que muita gente gostaria de possuir, além do acto simbólico de exterminar objectos valiosos, portadores de pensamento e estética. Por outro lado, há que ver porque é que isso é feito, encarando problemas como: o excesso de publicações na sua proporção com o público leitor, a formação parcelar de editores e seus delegados de vendas, a falta de competência de agentes do marketing livreiro e, acima de tudo, a degradação progressiva do ensino e da responsabilização profissional, sendo estes os factores determinantes na actual situação económica, e não o contrário. Promover uma reflexão em torno disto, seria excelente.

"QUEM APROVOU O ACORDO ORTOGRÁFICO ESTÁ A GRITAR QUE OS ESPECIALISTAS NÃO SERVEM PARA NADA"

É uma das personalidades que se assumiu, desde o início, contra o Acordo Ortográfico. Uma inves-

tigadora nesta área como a senhora deve ter fundamentadas razões para se lhe opor. Pode explicá-las?

Impossível explicar aqui essas razões e seus fundamentos, o que, aliás, abundantemente fiz em textos publicados e intervenções televisivas, que estão ao alcance de todos. Existe ainda o blogue "Em defesa da Língua Portuguesa", que contém toda a documentação pró e contra o AO, portanto ninguém se pode queixar de não estar informado. E o que me deixa perplexa é que, de facto, as pessoas não estão informadas, inclusive as que têm responsabilidades, e mostram, em depoimentos, nem

DEVEMOS MUITO À SPA. ANTES NÃO SENTIA NECESSIDADE POIS O ENSAIO VENDE POUCO, SOBRETUDO SE CONSISTE EM TRABALHOS DE FUNDO E DE NATUREZA METALITERÁRIA. MAS NÃO ESTAVA BEM INFORMADA



**QUANTO ÀS 'CELEUMAS',
NÃO CONFUNDAMOS
AS COISAS:
EU NÃO ESTUDO
HOMENS NEM
MULHERES, ESTUDO TEXTOS
– APAIXONA-ME
A EXPRESSÃO LITERÁRIA!**

sequer ter lido o texto do AO, opinando sobre o que supõem que ele é. O país está assim...

A verdade é que: 1 - o AO nunca foi sentido como necessário por ninguém, implica esforço e despesa enormes, e para nada; 2 - a ideia do AO para internacionalização da língua portuguesa é “necessidade criada” por políticos e alguns intelectuais que idealizam a relação com o país irmão, pretendendo acolitá-lo como potência emergente (“the empire writes back”, dizia a teoria pós-colonial); 3 - o AO não unifica, antes multiplica a ortografia de muitíssimas palavras, criando escritas facultativas que tornarão caótico o ensino; 4 - o AO vai provocar, a médio prazo, alterações semânticas no Português, pois a ortografia induzirá o utente em pronúncias diferentes que perturbarão a relação entre vocábulos com o mesmo radical. 5 - há nove pareceres escritos de especialistas que condenam o AO, havendo apenas um que o defende, que é o do seu autor – portanto, quem aprovou o AO está a gritar bem alto que os especialistas, o saber, a competência e o estudo não servem para nada.

Estudiosa de Lobo Antunes como de Saramago, quer falar-nos desta sucessão de preferências? Considera-os autores de grande relevância? Atrai-a a celeuma de os aproximar?

Gosto de ambos, que quer? Mas repare que, nos últimos 15 anos, trabalhei muitos outros autores: Camilo, Nemésio, Mário Cláudio, Luís Cardoso, por exemplo – e só falo de alguns, e de língua portuguesa. E dediquei-me durante dez desses anos à Literatura de Viagens (oito livros publicados, seis colóquios internacionais que organizei – na Arrábida, em Leiden, Paris, Macau, Veneza e no Cabo da Boa Esperança) e várias vezes procedi a visões de conjunto da Literatura Portuguesa moderna e contemporânea, como no longo ensaio que elaborei para o catálogo da exposição “O Livro e a Viagem sem Limites”, da exposição de Frankfurt. Não foi mediatizado... mas existe!

Se os meus trabalhos sobre Saramago e Lobo Antunes emergem, não será isso também devido à percepção do público, movido pela “petite histoire”? É um facto que tenho escrito mais sobre eles que sobre os outros, mas não com essa “dual exclusi-



FOTOS DE JOSÉ PEDRO SANTA BÁRBARA

vidade”, e o que escrevo sobre os outros fica em penumbra que julgo imerecida, sobretudo para eles, mas também para mim. Mas, sim! Considero que ambos são grandíssimos escritores, e a cada linha que deles leio mais presa fico. Tenho consciência, porém, de que todo o escritor de qualidade que beneficie de leitura atenta e compreensiva pode vir a revelar-se maior. Eu mais faria, se tivesse mais tempo e mais vidas. Não faço eu, outros o fazem! Mas, atenção! Quanto às “celeumas”, não confundamos as coisas: eu não estudo homens nem mulheres, estudo textos – apaixonou-me a expressão literária! Quando eu era jovem, havia aquelas colecções “A Obra e o Homem”, parecia-me promíscuo... E o estudo e a experiência têm-me provado isso. Uma coisa tem tão pouco a ver com a outra! Separo-as sem problema, até verifico que por vezes uma toca na outra, mas isso não me atinge o senso crítico.

“MEMÓRIA DESCRITIVA RESUME O TRABALHO DE SEIS ANOS PARA A EDIÇÃO DE 22 VOLUMES”

O que a move nesse seu trabalho intensíssimo de crítica e investigação literária?

O desejo de conhecimento, numa área única que é a literatura – pois ela combina o saber e a estética com a própria vida! Um saber que é feito de linguagem, isto é, do modo humano de nos exprimirmos e comunicarmos, de vivermos com os outros, e que expõe corpo e alma na relação social, que a poesia e o romance e o drama e a literatura toda imaginariamente configuram a mesclar-se com o real que vivemos e contribuimos para transformar. Por isso toda a arte é fruição e educação, sim, mas a literatura o é com uma função mais total, que não é superior nem inferior às outras artes, mas toca intimamente a vida na utilização de uma língua natural que é matéria estética e trivial ao mesmo tempo. E sem isto ninguém pode passar, se quiser viver com mais consciência, mais riqueza e mais gosto. E mais resistente à alienação! Por isso, quem priva o ensino da literatura, priva a comunidade de uma mais funda sensibilização ao valor da língua e, logo, à possibilidade de comunicar com acerto, imaginação e capacidade de criar desenvolvimento. Estudar literatura como deve ser, isto é, conhecendo a história literária, sendo sensível às perspectivas críticas, lendo muito e relendo mais, e sempre demoradamente, achando interpretações e deixando ficar em si os textos a ecoar, numa memória de

beleza ou luto ou regozijo – bom, olhe, é isso que me move, se é que consegui explicar-me.

Os seus dois últimos livros, lançados, respectivamente, em Fevereiro e Abril, são ainda ambos sobre Lobo Antunes?

Não foram “lançados”, foram publicados e colocados nas livrarias. Sou militantemente contra lançamentos, que entendo devem guardar-se para ocasiões excepcionais, em vez de se tomarem actos quase mecânicos de propaganda mercantil que envolvem o que de mais precioso temos, a par da saúde, que é o tempo. Quando verifiquei que as pessoas que ocupam tardes em sessões dessas raramente têm tempo para ler o livro a cujo lançamento assistiram, deixei de ser conivente com tal tipo de simulação cultural. Uma coisa é reunir amigos para festejar a saída de um livro, ou comemorar um evento especial para o qual certo livro concorra, outra são mundanisms para revistas de cabeleireiro.

Em Fevereiro publiquei de facto a “Memória Descritiva” da edição “ne varietur”, expressão erudita consignada no Código para designar a edição definitiva, que neste caso sofreu restaurações significativas, a par de alterações que o autor decidiu introduzir nos seus textos. É um livro de carácter filológico, que no entanto redigi em termos de vasta acessibilidade (toda a gente compreende o que nele se diz!), e cuja publicação me deu grande prazer, pois resume o trabalho de mais de seis anos durante o qual eu e as minhas três colaboradoras (também membros da SPA) preparámos a edição de vinte e dois volumes da obra do escritor. Saliento, sem vaidade mas com orgulho, que nunca se fez um trabalho destes em tão curto espaço de tempo. Agora, a editora distribuiu “As Flores do Inferno”, que é um ensaio de síntese sobre o significado dos romances de Lobo Antunes, seguido de Jardins Suspensos, estudo de conjunto das suas cerca de 500 crónicas. Chamo jocosamente a este livro o meu “tratado de jardinagem”, mas, falando a sério, a junção destes títulos num todo algo “kitsch” con-

denza a interpretação a que aí procedo sobre o sentido da obra antuniana: uma experiência de sofrimento e soturnidade fixada na imobilidade temporal que a reiteração de falas e situações constrói, mas onde certos pontos luminosos afloram em sinais de fugaz alegria.

“NADA DE INVESTIGAÇÕES DE LONGO CURSO, POR ORA. FAÇO PEQUENAS COISAS, E MUITAS”

Já está a caminho da próxima investigação e escrita?

Nada de investigações de longo curso, por ora; e, dada a idade, talvez “não mais, não mais”, como dizia Camões. Faço pequenas coisas, sim, e muitas, borboleteando pela vasta literatura, que também é bom, e saudável, para intervalar os ritmos, como aconselhava Bachelard. Quanto a Lobo Antunes, estou já a examinar originais para a colecção ALA-Ensaio, que comeci a dirigir, constituída por estudos de jovens, ou menos jovens, sobre o escritor. Tanto quanto sou contra lançamentos, sou contra os feudos, e acho insalubre trabalharmos sempre sobre os mesmos autores, tanto para nós como para eles. Agora abro o terreno a outros.

Quanto a escrita, estou a preparar um trabalho sobre a arte do conto em João de Araújo Correia, um magnífico prosador; e um outro sobre gastronomia e literatura, com Eça, Camilo, Proust e algumas ementas de restaurantes, veja só – e no qual, já agora, para dar razão às suas “implicações” com a “celeuma Saramago-Lobo”, integro um saboroso cabrito no forno do Tratado das Paixões da Alma e as inesquecíveis torradas do café da manhã da História do Cerco de Lisboa.

Concorda com o conceito-chave da SPA nos últimos anos que “sem autores, não há cultura”? Acha que algo deveria ser mudado ou activado, por exemplo a crónica poderia ser mais protegida?

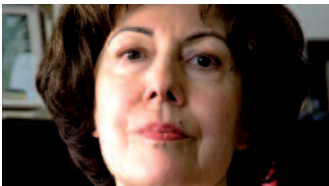
O conceito é correcto, além de que sublinhar a cultura é colocar a SPA num âmbito que ultrapassa as juris-

dições (necessárias) para as colocar ao serviço do essencial, que é a função da arte na sociedade. Interessa até saber (debater) “que” cultura e “que” autores, com especial atenção para a indústria da cultura, que parece constituir ela própria uma “sociedade” da qual, porém, ficam arredadas certas peças da engrenagem. Acresce que autores há automaticamente entendidos como tal (o autor de um quadro, de um romance, de um filme) mas o autor de uma conferência, por exemplo, até que ponto é assim entendido? Só em publicação? Mas às vezes publicar leva anos... Não se é autor de uma ideia, se ela for formal e publicamente expressa, mesmo que perante um público restrito? São situações extremas, sim, mas mais correntes do que se pensa, e que podem ser encaradas à luz do Código para eventual protecção. Isto não é despreciando já que “lei” (jurídica), “norma” (ética) e “uso” (social) têm sido alterados, ou consuetudinariamente esbatidos, em mutações da comunidade. No meio universitário, por exemplo, uma “tese” tende a ser descaracterizada, e nessa medida o seu autor deixa de sentir a pressão comunitária que o leve a praticar o reconhecimento explícito de teses anteriores. Situamo-nos aqui num universo aquém dos direitos autorais, mas o exemplo toca a esfera autoral do ensaio que tem direitos não apenas na letra mas na substância. Enquanto produção de tipo reflexivo, o caso do ensaio é similar ao da “crónica”, que é mais criativa mas pode integrar reflexão. É certo que o ensaio se distingue da pesquisa monográfica e da exegese erudita por assumir criatividade no estilo e na estrutura, mas as inovações que a crónica tem conhecido justificam que se pense o seu estatuto no género e na elaboração.

Quanto a mudanças na actividade da SPA, não me sinto por ora habilitada a sugerir-las. Que essa actividade anda mesmo muito “activa”, vê-se; desejo é que não seja só na imagem nem nas múltiplas realizações, mas em zelo continuado da actividade artística, protegendo e enaltecendo autores, e, no caso que me toca, reforçando a protecção do livro e do papel que ele representa na sociedade virtual.

Edite Esteves

PERFIL



A aposentação

é a fase de um pensamento rico mas tranquilo

Foi professora universitária de Literatura Francesa durante 38 anos, mas em 2000 sentiu necessidade de se aposentar para se dedicar com mais calma à investigação. Porque a Universidade exigiu sempre muito e deu-lhe pouco, porque as oportunidades internacionais que surgiram, e levou com empenho a bom termo, foram absorventes: presidiu a associações com muitos milhares de membros de dezenas de países, entre as quais a Associação Internacional de Literatura Comparada e a Federação de Línguas e Literaturas Modernas. Porque completava o ensino com o que entendia serem deveres didácticos e culturais complementares: dirigiu as colecções “Textos Literários” com 50 volumes sobre outros tantos clássicos portugueses; “Práticas de Leitura”, com textos de teoria literária, “Viagem” com textos e ensaios de literatura de viagens. Porque, além de orientar meia centena de teses (doutoramentos e mestrados, tendo criado o primeiro destes na universidade portuguesa, com Jacinto do Prado Coelho), entendeu dever fundar lugares de publicação para os docentes e investigadores: as revistas Ariane e Dedalus. Porque organizou outra meia centena de congressos nacionais e internacionais.

Nunca parou, trabalhou com afinco, mas aos sessenta anos achou que tinha de parar. Para olhar o mundo. Para olhar a Literatura com demora e fruição. Para olhar as pessoas, e olhar para si, com tempo. Para ter tempo. Porque entende que, na vida única que nos é dado viver, quem cumpre com seriedade a sua função social tem direito a sentir-se bem, e qualquer trabalho (no seu caso: leccionar, reflectir e escrever, em ligação constante) só frutifica se houver uma duração interior que leve à maturação das ideias, e vagas no calendário que permitam pensar e escrever com acerto e qualidade.

A aposentação não é, pois, um término, mas a fase de um pensamento mais rico e laborioso, porque sedimentado e tranquilo. *EE*



MEDALHA DE HONRA DA SPA PARA "MUSA DOS POETAS NEO-REALISTAS"

María Barroso imortaliza em CD poemas da "Geração do Novo Cancioneiro"

"COM O TEMPO QUE DELA NOS SEPARA a geração do "Novo Cancioneiro" será para os jovens poetas de hoje pouco mais que lembrança brumosa. Para os que foram seus contemporâneos, pura nostalgia (...) Meio século depois a voz clara naturalmente dramática de Maria Barroso resuscita esse lirismo voluntarioso de jovens poetas (...)."

Eduardo Lourenço, in prefácio do livro "Geração do Novo Cancioneiro"

A voz de Maria Barroso, a "musa dos poetas neo-realistas", como a definiu o Presidente do Conselho de Administração da Sociedade Portuguesa de Autores, ecoou clara e impressiva no salão nobre do Teatro Nacional D. Maria II, na noite de 3 de Maio, ao declamar poemas da "Geração do Novo Cancioneiro", que ela tão bem conheceu e interpretou quando, em ditadura, percorreu algumas colectividades populares, levando nos lábios e no coração as palavras escritas dos poetas da década de 40.

Maria de Jesus Barroso acabava, assim, de assinalar a imortalização em CD de escritos poéticos emblemáticos dos mais diversos autores que, naquela época, se propunham transformar a poesia portuguesa e se inseriam num vasto movimento de renovação.

A sessão de lançamento do livro/CD, de que foi figura

Mário Soares.

Com apresentação de outra voz bem conhecida da declamação – Vitor de Sousa – e música original de Luísa Amaro, interpretada na guitarra portuguesa, acompanhada de Gonçalo Lopes no clarinete baixo, Maria Barroso declamou poemas seleccionados por si e inseridos na edição discográfica que acompanha o livro, da autoria de escritores como Fernando Namora, Mário Dionísio, Manuel da Fonseca e Carlos de Oliveira, entre outros que fazem deste projecto um verdadeiro objecto de colecção.

"OS AUTORES PRECISAM DE QUEM LHE DÊ VOZ"

"Obrigada por ter acrescentado força às palavras dos autores. Os autores precisam de quem lhe dê voz quando a voz esmorece", reforçou José Jorge Letria, aquando da sua intervenção, que culminou com a entrega a Maria Jesus Barroso da Medalha de Honra da SPA "destinada a consagrar e engrandecer a acção por si desenvolvida como divulgadora da obra de poetas e dramaturgos".

Mas foram muitos os intervenientes na sessão, para além do representante da SPA. Personalidades ligadas

a várias áreas artísticas e intelectuais, tais como Eduardo Lourenço, Rui de Carvalho, Margarida Namora e Maria Helena Dias Amado quiseram ali deixar o seu testemunho da importância de Maria Barroso a nível social, político e cultural.

A presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, Maria da Luz Rosinha, foi uma das personalidades convidadas a discursar na cerimónia para falar sobre Maria Barroso que classificou como uma das grandes senhoras do teatro e cultura. "Mensagem do novo humanismo que os poetas dos anos 40 tentaram transmitir. Contra o regime do Estado Novo, contra a opressão, contra as restrições à liberdade de expressão".

Aliás, no passado dia 15, uma outra sessão semelhante teve lugar no Museu do Neo-Realismo, em Vila Franca de Xira. O Museu do Neo-Realismo apoiou o projecto de reedição de todos os livros do novo cancioneiro, um trabalho "magnificamente elaborado", segundo a autarca, com base naquele que é um marco da cultura portuguesa.

O livro lançado com o CD é prefaciado por Eduardo Lourenço e integra textos de Arquimedes da Silva Santos – poeta da Póvoa de Santa Iria que fez questão de estar presente na cerimónia - Urbano Tavares Rodrigues, Fernando Martinho, José Jorge Letria e um pequeno poema de Tomás de Oliveira Marques.

O Novo Cancioneiro reuniu, nos anos 40 (em plena II Guerra Mundial) um conjunto de jovens inspirados pelos princípios do neo-realismo: aliavam uma poesia com marcadas preocupações sociais a uma atitude política de oposição ao salazarismo. Na colecção couberam títulos tão diferentes (e desiguais) como "Terra", de Fernando Namora, "Poemas", de Mário Dionísio, "Sol de Agosto", de João José Cochofel, "Aviso à Navegação", de Joaquim Namorado, "Os poemas" de Álvaro Feijó, "Planície", de Manuel da Fonseca, "Turismo", de Carlos de Oliveira, "Passagem de Nível", de Sidónio Muralha, "Ilha de Nome Santo", de Francisco José Tenreiro e "Voz que Escuta", de Políbio Gomes dos Santos. **EE**

PEÇA VENCEDORA DO GRANDE PRÉMIO DE TEATRO SPA/TEATRO ABERTO DE 2009

"A Casa dos Anjos" de Luís Mário Lopes estreia a 27 de Maio na Sala Vermelha

A peça de teatro "A Casa dos Anjos", de Luís Mário Lopes, vencedora do Grande Prémio de Teatro SPA/Teatro Aberto 2009, cuja versão em livro é lançada no Dia do Livro Português, aquando das celebrações desta data e dos 85 anos da SPA, vai estrear no próximo dia 27 de Maio. A obra deste jovem dramaturgo ficará em cena até 11 de Julho de 2010, de quarta a sábado, às 21h30, e ao domingo, às 16 horas, na Sala Vermelha do Teatro Aberto. "A Casa dos Anjos" retrata o percurso de Ana, Eduardo e Maria dos Anjos cujas vidas ficaram para sempre ligadas e se misturaram com os factos, as datas e os nomes que marcaram a História de Portugal, do início do Estado Novo até ao final da década de 1970. As histórias pessoais das personagens envolvem o espectador e suscitam uma reflexão sobre problemas históricos, políticos, culturais e sociais, do

passado e do presente.

Esta peça, vibrante, poética e comovente é encenada por Ana Nave e interpretada pelos actores Custódia Gallego, Pedro Laginha e Sandra Barata Belo.

Com cenário de Rui Francisco, vídeos da autoria de Patrícia Sequeira e figurinos de Rafaela Mapril, "A Casa dos Anjos" tem como responsáveis da luz e da sonoplastia, respectivamente Melim Teixeira e André Lacerda.

Esta peça vem ocupar o palco onde até dia 2 de Maio esteve em cena no Teatro Aberto "Uma Família Portuguesa", de Filomena Oliveira e Miguel Real, galardoada no ano de 2008 com o mesmo prémio. De destacar, que a encenadora Cristina Carvalhal, convidada para encenar este texto, foi a vencedora do Prémio de Melhor Espectáculo de 2009 atribuído pela SPAutores, durante a Gala realizada no CCB em parceria com a RTP 1, a 8 de Fevereiro deste ano, pelo seu trabalho em "A Orelha de Deus", de Jenny Schwartz.



No decorrer da sessão comemorativa do 85º aniversário da SPA, a realizar a 21 de Maio (ver páginas sobre estas celebrações), será anunciado o nome do vencedor do Grande Prémio de Teatro SPA/Teatro Aberto 2010. Uma revelação que, como já vem sendo hábito, só é feita no exacto momento da atribuição do respectivo prémio. Interessado na divulgação da dramaturgia portuguesa contemporânea, o Teatro Aberto instituiu com a Sociedade Portuguesa de Autores (SPA) o Grande Prémio de Teatro Português, destinado a galardoar, em cada ano civil, uma peça inédita de um autor português. Este prémio – um dos mais importantes atribuído em Portugal e na Europa – proporciona ao autor da obra vencedora, para além de um valor pecuniário, a possibilidade de ver a sua peça editada em livro e estreada numa produção do Teatro Aberto. A peça vencedora é traduzida para inglês, incentivando deste modo a sua divulgação internacional. **EE**

JOÃO MARIA DE FREITAS BRANCO EVOCA PAI, PASSADOS 20 ANOS SOBRE A SUA MORTE

“Ambos somos defensores da racionalidade e da atitude científica”

JOÃO MARIA DE FREITAS BRANCO, professor e investigador universitário, com trabalho nas áreas da filosofia do conhecimento e da epistemologia, da história da ciência, bem como da filosofia social e política, mas também autor de textos vários e de programas de rádio na qualidade de colaborador permanente da Antena 2 e cooperador activo da SPA, recordou para a “Autores” a “grande convergência de ideias” que sempre teve com o pai, essa grande figura da cultura portuguesa que foi João de Freitas Branco.

“Temos uma concepção do mundo comum. E, portanto, isso acaba por se reflectir na nossa intervenção enquanto trabalhadores intelectuais a vários níveis. Ambos somos defensores da racionalidade, da atitude científica, do iluminismo”, admitiu, numa altura em que se evocam ainda os 20 anos da morte daquele que foi considerado “o grande educador musical dos portugueses”.

Musicólogo e matemático, Doutor Honoris Causa em Filosofia pela Universidade Humboldt de Berlim e, entre muitos outros cargos de relevância, Director-Geral dos Assuntos Culturais e Secretário de Estado da Cultura e Educação Permanente, entre 1974 e 1975, João de Freitas Branco, na opinião de seu filho, também teria assumido publicamente, como ele, por exemplo, uma posição indignada contra a visita do Papa neste momento a Portugal. Não só pelas circunstâncias económico-financeiras que se vivem e que não são propícias, mas “sobretudo pelo facto – enfatizou – de esta visita acontecer num ano em que estamos a comemorar o primeiro centenário da República Portuguesa, cuja consequência principal talvez tenha sido a separação do Estado e da Igreja e, portanto a criação de um Estado laico, que é uma conquista civilizacional muito importante”.

“SEMPRE TIVE UMA GRANDE CONVERGÊNCIA DE IDEIAS COM O MEU PAI”

A Antena 2 tem estado a retransmitir algumas emissões do Arquivo Histórico do programa “O Gosto pela Música”, que João de Freitas Branco criou em 1956 na então Emissora Nacional e que durou 29 anos sem interrupção, mas o filho pensa que eles apenas se inserem no âmbito da programação temática da estação e não constituem nenhuma homenagem a seu pai. Há dez anos, sim. “Aquando da evocação dos dez anos da morte do meu pai é que eu fiz, durante um ano inteiro, uma reedição radiofónica de “O Gosto pela Música”. Então, estive em antena, durante um ano inteiro uma selecção desses programas feita por mim e de que eu próprio fiz a locução. Fazia uma apresentação inicial e depois o programa era remontado com locução minha”.

A última evocação que João Maria de Freitas Branco promoveu pelos 20 anos da morte de seu pai (morreu

em 17 de Novembro de 1989), segundo disse, foi uma conferência no Palácio Foz, em Fevereiro deste ano, a coincidir com os 40 anos da reforma do Teatro Nacional de S. Carlos que o seu pai fez em 1970. João de Freitas Branco, lembramos, foi director do Teatro de São Carlos de 1970 a 1974, aonde regressou em 1985 como Administrador-Director Artístico e da Produção, e em 1987 foi-lhe atribuída a Medalha de Mérito da Secretaria de Estado da Cultura.

João Maria continua como colaborador permanente da Antena 2, embora, presentemente, não tenha qualquer programa semanal. Será que, no fundo, esta sua actividade na rádio é a continuidade daquilo que o seu pai também fez, como grande comunicador de rádio e grande divulgador da música?

Podemos inferir das suas afirmações que sim, embora, conforme frisou, “seja um profissional da Filosofia” e muitas coisas que faz tenham uma ligação mais directa à Filosofia. “Eu tenho centrado a minha atenção sobre o fenómeno Ópera, mas analiso-o na perspectiva do profissional da Filosofia”, constata. “É uma reflexão que a ópera permite sobre a condição humana, sobre a sociedade humana, sobre as diferentes situações que envolvem o homem em sociedade”.

Ao fazer uma intervenção, seja radiofónica ou outra qualquer garante que não tem o objectivo de estar a prolongar qualquer coisa que o seu pai tenha feito antes. E explica: “Há dez anos atrás, quando organizei a homenagem ao meu pai na rádio, a propósito dos 10 anos da sua morte, ela aconteceu na sequência de um convite que a direcção da Antena 2 me fez, com vista a reeditar radiofonicamente alguns programas de meu pai que não existiam em arquivo. Eu tinha um guião do meu pai, portanto era um programa em parte meu e que utilizava depois o guião que o meu pai deixou. Eu fazia uma introdução minha e depois a segunda parte do programa era o diálogo escrito pelo meu pai, em que eu fazia a parte masculina e havia uma outra pessoa que fazia a parte feminina – há sempre uma voz masculina e uma voz feminina.”

No entanto, é claro que talvez não por acaso, tem “uma grande convergência de ideias com o pai”. Sempre teve. “Temos uma concepção do mundo comum. E, portanto, isso acaba por se reflectir na nossa intervenção enquanto trabalhadores intelectuais a vários níveis. Ambos somos defensores da racionalidade, da atitude científica, do iluminismo.”

“O MEU PAI ERA UM ATEU, COMO EU”

Por isso, acentua que ainda mais se indignou agora com a visita papal, quando consultou, por exemplo, o site do Ministério dos Negócios Estrangeiros, que é a posição do Governo, e viu que “quase parecia um site do Vaticano”. “Assumi, desde logo, posição pública



para exigir a imediata retirada daqueles textos do site governamental”, referiu, para sustentar com prontidão: “Isto vem, no fundo, no seguimento do que lhe estava a dizer por causa da minha intervenção enquanto trabalhador intelectual. Como sou filósofo, é evidente que se reflectem no meu trabalho estes aspectos da concepção do mundo, que é minha, mas que também era do meu pai”.

Solicitado sobre se o seu pai fosse vivo, como reagiria, João Maria de Freitas Branco não hesitou: “Estou convencido que subscreveria exactamente os mesmos documentos que eu subscrevi. O meu pai era um ateu como eu.”

O seu pai foi um cooperador e um colaborador muito interventivo na Sociedade Portuguesa de Autores, a cujos corpos sociais pertenceu. Como é que vê essa acção e, agora, o papel actual da SPA? – indagámos, a finalizar a nossa conversa.

“Eu acho que, cada vez mais, a SPA tem um papel importante na defesa dos direitos de autor e também no assumir de posições político-sociais e culturais em defesa de causas. As causas que são as causas dos autores e dos intelectuais portugueses”, respondeu João Maria de Freitas Branco.

A propósito, não quis deixar escapar a oportunidade de fazer saber que, no final do ano passado, apresentou uma proposta concreta para criação de um blog do autor português, gerido pela SPA e para o qual se ofereceu como coordenador, “para que houvesse uma constante posição pública dos autores portugueses, uma intervenção permanente online do autor português”. E lamentou: “Infelizmente, devido à crise económico-financeira, com os cortes orçamentais que tiveram de se fazer na SPA, não houve, por enquanto, hipótese de avançar com aquilo que eu tinha esquematizado”.
Edite Esteves



JOSÉ FANHA

40 ANOS DE POESIA ÀS COSTAS

A preparar o doutoramento na área de "História da Educação e da Cultura Escrita em Portugal", José Fanha, "arquitecto de pouca dura, jornalista de passagem, professor, actor ocasional, além de fazedor de poesia dita e escrita", como se descreve, tem dedicado a sua multifacetada vida essencialmente à escrita. Sempre com a poesia a bordar-lhe as palavras e o seu espírito de cidadão interventivo e solidário a fundamentar-lhe os diversificados conteúdos. "Há 40 anos que tenho andado de poesia às costas, fazendo da palavra dita ou cantada uma forma de convívio e resistência", sustenta, para admitir: "Hoje, serei um militante da cultura, da poesia e da promoção do livro e da leitura"





Como começaram estes 40 anos de poesia às costas?

Numa noite de Maio, talvez início de Junho, de 1969, no anfiteatro ao ar livre do Instituto de Agronomia. Fui assistir a uma sessão de cariz obviamente contestatário em que cantava o Zeca Afonso e em que participavam o então Padre Fanhais, o Manuel Freire, o Adriano, julgo que o José Jorge Letria e tantos mais que, como era hábito na época, iam aparecendo e botavam cantiga ou poema. O A.P. Braga, também baladeiro como à época eram chamados os cantores, sabendo-me poeta, insistiu para que eu fosse dizer um ou dois poemas meus. Resisti, resisti e, quase arrastado, acabei no palco. Depois, nunca mais parei. Fui andando, de poesia às costas, com esses queridos companheiros e vários outros, fazendo da palavra dita ou cantada uma forma de convívio e resistência.

E nestes 40 anos...

Nestes 40 anos disse poesia em milhares de sessões, em Portugal e no estrangeiro, na rua, em comícios, em escolas, universidades, teatros, bares, restaurantes, fábricas, sindicatos, igrejas, associações recreativas, prisões, hospitais... Levei e levo a paixão pela poesia e, sobretudo, pela poesia dita aonde posso e onde me chamam.

Em complemento dessa actividade tenho feito com o José Jorge Letria uma série de antologias temáticas da poesia portuguesa com as quais procuramos criar linhas de leitura transversais através dos seus grandes temas (a saudade na poesia portuguesa, o humor, o feminino, infância na poesia portuguesa) que ponham em paralelo poetas de várias épocas e que relembrem poetas que são mais afastados na babugem das modas e dos momentos.

Como vai a poesia em Portugal?

Malzote. Publica-se cada vez menos e o que vem a lume é, com raras excepções, de reduzida qualidade. Há uma geração mais ou menos jovem de poetas

**NESTES 40 ANOS DISSE
POESIA EM MILHARES
DE SESSÕES,
EM PORTUGAL
E NO ESTRANGEIRO
(...) LEVEI E LEVO
A PAIXÃO PELA POESIA
E, SOBRETUDO, PELA
POESIA DITA AONDE POSSO
E ONDE ME CHAMAM**

**HÁ UMA GERAÇÃO
MAIS OU MENOS
JOVEM DE POETAS
SEM CAUSAS,
SEM URGÊNCIA
E SEM DIMENSÃO LITERÁRIA
NEM HUMANA QUE POSSA
VERTER
FOGO NAQUILO QUE
ESCREVE. ACONTECEM
EXCEPÇÕES, CLARO**

sem causas, sem urgência e sem dimensão literária nem humana que possa verter fogo naquilo que escreve. Acontecem excepções, claro. Há pouco tempo descobri a poesia de uma jovem chamada Filipa Leal que tem matéria, intensidade, interioridade para ir longe. Mas o deserto é a norma. Na net aparecem aqui ou ali algumas vozes interessantes. Mas a poesia é uma coisa muito sazonal. Os poetas, em muitos casos, desanimam com facilidade. Publicam um ou dois livros e depois cansam-se, desaparecem e acabam por morrer à míngua daquele vício ou daquela persistência indispensável ao ofício do poeta.

Os jornais desajudam imenso. Acabaram os suplementos culturais ou literários, ou foram reduzidos a folhas de divulgação de sucessos de circunstância. Com raríssimas excepções, já não existe crítica literária. Apenas pontuam uns opinadores em saldo que normalmente pouco sabem do que falam. É claro que nesta “apagada e vil tristeza” alguns poetas consagrados vão mantendo a chama acesa. António Ramos Rosa, Pedro Tamen, Manuel Alegre, Vasco Graça Moura, Manuel António Pina, Nuno Júdice, José Jorge Letria e poucos mais...

Se o século XX nos deu uma quantidade excepcional de grandes poetas, os últimos 10 a 15 anos têm sido muito desanimadores.

UMA PESSOA DE CAUSAS

Falas da poesia dos outros. E a tua? Foste muito identificado como um poeta militante...

Sempre fui uma pessoa de causas. E de solidariedades. Serei sempre solidário com os injustiçados, os mais fracos, os que não têm voz. Hoje por hoje serei um militante da cultura, da poesia e da promoção do livro e da leitura. Estou convencido que a única hipótese de fazer com que Portugal se encontre com o seu destino no futuro é através da cultura, da rebeldia crítica, do exercício de uma cidadania informada e participativa. Tudo isso só se consegue através do crescimento da literacia e do desenvolvimento dos hábitos de leitura.



Esse tom de militância virou-se contra ti, de alguma maneira...

Eu e várias pessoas da minha geração, que, com muita generosidade e alegria, fomos para a rua, para os palcos, demos a cara, a voz e o corpo nos tempos mais difíceis e nos mais quentes, durante a ditadura e logo a seguir à sua queda, quando depois chegou a ressaca do 25 de Abril fomos e continuamos a ser bastante marginalizados nos *mass media* e por vezes identificados como uma espécie de inimigos a abater.

Se estou vivo, artisticamente vivo, culturalmente vivo, academicamente vivo é à custa de muita teimosia e de um compromisso fortíssimo e solene, se quiseres, militante, entre a comunicabilidade e a excelência, entre a praça pública e a literatura, entre a voz o texto.

E para além da poesia...

Tem sido um virote. Acho que ainda ando a ver o que



é que hei-de ser quando for grande (risos...). Arquitecto de pouca dura, jornalista de passagem, professor, actor ocasional, além da poesia dita e escrita, a minha vida tem sido sobretudo a de escritor.

Um escritor muito variado. Rádio, televisão, cinema, teatro, romance, letras para canções, histórias para o público infanto-juvenil...

Julgo que cedo intuí, mais do que racionalizei, que todo o mundo precisa de ser permanentemente escrito e reescrito.

Depois, tive muita sorte. E fui atrevido. Aproveitei muitas oportunidades que surgiram para experimentar mundos diversos dentro do campo da produção da escrita. Aprendi trabalhando com gente do melhor que há. O João Lourenço, no teatro, o Carlos Cruz, na rádio e na televisão, o Doc Comparato, no guionismo, o Zé Fonseca e Costa, no cinema, a Maria Velho da Costa na arte sagrada do texto.

Tive a sorte de conhecer, acompanhar, conversar

**SEMPRE FUI
UMA PESSOA DE CAUSAS
E DE SOLIDARIEDADES,
SEREI SEMPRE
SOLIDÁRIO COM
OS INJUSTIÇADOS,
OS MAIS FRACOS,
OS QUE NÃO TÊM VOZ**

e beber da boca de grandes mestres como o Luís Sttau Monteiro, o Manuel da Fonseca, o João Abel Manta, o Rolando Sá Nogueira, o Zé Carlos Ary dos Santos, o Fernando Assis Pacheco, o Mário de Carvalho, o Mário Zambujal, o João Aguiar e, mais recentemente, o Miguel Real.

DERIVA POR VÁRIAS ESCRITAS

Nessa deriva pelas várias escritas, quais são os momentos que destacas?

Na rádio, o “Pão com Manteiga” foi uma aventura fantástica.

No teatro comecei com o “Racismo não Existe”, 69, no grupo de teatro da Associação de Estudantes do Técnico. Depois a peça “Lídia, a Mulher Tatuada e os Seus Actores Amestrados” no 1º Acto em Algés, 73/74, talvez a experiência mais radical e divertida de toda a minha vida, a cujo espírito gostava muito de voltar.

Depois, tudo o que fiz com o João Lourenço e a Vera San Payo Lemos... A adaptação do “Baal”, da “Ópera de Três Vinténs”, da ópera “Mahagonny”, todas de Bertolt Brecht, e aquela que me foi mais difícil e trabalhosa, a adaptação de “Sweeney Todd”, de Steven Sondheim

No cinema, como actor, uma experiência notável em “Adeus Pai”, do Luís Filipe Rocha.

Na escrita de cinema, o guião de “Ilhéu de Contenda”, adaptação do romance homónimo do escritor caboverdiano Teixeira de Sousa. A colaboração com Maria Velho da Costa num guião extraordinário que, infelizmente, nunca chegou a ser filmado, intitulado “Damas do Longe”. A colaboração com o Zé Fonseca e Costa no guião de “Viúva Rica Solteira não Fica”.

Na televisão... Tanta coisa... “Zarabadim”, série infantil... Seis anos a trabalhar para a “Rua Sésamo”... “Na Paz dos Anjos”, telenovela escrita com o Jorge Paixão da Costa... “Docas”, programa de humor produzido pela CCA... “Crianças SOS” uma série de que tenho imenso orgulho e que lamento não ter continuado, porque tinha imensa qualidade para a nossa produção média...

Na canção... “O Meu Coração não Tem Cor”, música do Pedro Osório com que a Lúcia Moniz ganhou o Festival RTP da canção. E a colaboração particularmente calorosa em muitas canções com o Carlos Alberto Moniz, o Carlos Mendes e o Luís Pedro Fonseca.

E isto é só uma amostra... (risos)

**Houve uma pedra angular no meio disto tudo...
A participação na “Visita da Cornélia”...**

É daquelas coisas que só acontecem uma vez na vida, quando acontecem. A “Cornélia” era um concurso que apelava à criação artística de qualidade. As provas incidiam sobre quase tudo o que eu gostava de fazer: escrever, representar, dançar, escrever... Entrei naquilo, rebentei com a escala, fiquei lá durante 13 semanas e prestei provas diversas vezes. De um dia para o outro, perdi a intimidade e tornei-me numa vedeta.

**JULGO QUE
CEDO INTUÍ,
MAIS DO QUE
RECIONALIZEI,
QUE TODO
O MUNDO
PRECISA DE SER
PERMANENTEMENTE
ESCRITO E REESCRITO**

Havia um ambiente de radicalização política na época e eu tornei-me, quase sem querer, numa espécie de herói da esquerda que “lutava” contra o herói da direita, que era o Rui Guedes (com quem, muito mais tarde, acabei por ter uma relação muito cordial quando fomos companheiros de uma direcção da SPA).

Mas é bom lembrar que havia uma preocupação de qualidade artística e de consistência cultural na RTP que depois foi sendo substituída, no conjunto dos canais televisivos, pelo frágil domínio do efémero, do comer e deitar fora, da tontice engalanada, da banalidade e da grosseria por vezes extrema. Mas penso que a crise que estamos a atravessar há-de fazer aparecer uma nova geração com um novo tipo de exigências e capaz de potenciar a enorme capacidade que existe neste momento de conjugar diferenças, tempos e alteridades numa outra dimensão e qualidade dos discursos e das práticas culturais.

E chega por agora?
Julguei que estávamos só a começar... (risos).
Edite Esteves



PERFIL



**Promotor
do livro e da leitura**

José Fanha nasceu em Lisboa, a 19 de Fevereiro de 1951, é sócio da SPA desde 1977 e cooperador a partir de 1988, tendo pertencido à sua direcção entre 1955 e 1997, juntamente com José Jorge Letria, Rui Guedes, Eduardo Pais Menezes e Carlos Mendes, entre outros.

Fez o Colégio Militar de 61 a 68 e licenciou-se em Arquitectura em 75.

Professor, fez o mestrado com uma tese sobre “Comunidades de Leitores”. Quando completa quatro dezenas de anos de “cultura às costas”, como afirma nesta entrevista, prepara o doutoramento na área de “História da Educação e da Cultura Escrita em Portugal”.

Fanha uma obra publicada que inclui poesia, romance, teatro, antologias de poesia e literatura para a infância e juventude, que tem vindo a tomar uma presença crescente na sua actividade como escritor.

Actualmente, um pouco por todo o país, desenvolve uma actividade intensa como contador de histórias e divulgador de poesia em bibliotecas municipais; dirige comunidades de leitores, oficinas de poesia e de escrita criativa; e desenvolve e dirige diversos projectos na área da promoção do livro e da leitura. *EE*

FLORBELA ESPANCA
ANALISADA POR TERESA CARVALHO



“Desflorando Sentidos” tenta deixar a nu a alma da poetisa

A PROFESSORA UNIVERSITÁRIA DE COIMBRA Teresa Carvalho, “um dos nomes da nova geração do espectro de autores com qualidade científica e literária”, amplamente assinalado como conferencista no caderno especial sobre Jorge de Sena que acompanha esta edição especial da revista “Autores”, foi a convidada para falar sobre a poetisa alentejana Florbela Espanca, no dia 8 de Abril passado, na SPA.

A conferência inseriu-se no âmbito do 80.º aniversário da sua morte voluntária em Matosinhos, cuja efeméride começou a ser assinalada com uma exposição evocativa da vida e obra da autora, patente na Sala Carlos Paredes, desde 19 de Março. Referenciada com o sugestivo título “Desflorando Sentidos”, na sua análise, a investigadora tentou deixar a nu a alma desta “poetisa de excessos”, de quem José Jorge Letria disse: “Florbela viveu perdidamente e morreu perdidamente.”

“O seu nome principia com uma carícia e termina numa agressão”, enfatizou Teresa Carvalho, procurando extrair os sentidos e sentimentos que inundaram Florbela Espanca e toda a sua obra. Para Teresa Carvalho, a poetisa alentejana, filha

de um fotógrafo que registou constantemente a sua imagem, é “um delírio de grandeza, oferecendo-se à objectiva” e manifestando um “fingimento próprio da poesia”. Caracterização partilhada, de resto, por José Jorge Letria, que a definiu como “uma figura muito teatral”, mas, simultaneamente, “uma mulher muito triste em todas as suas fotos”. “Foi uma poetisa de contrastes fora do cânone, desafiando toda uma época”, salientou Teresa Carvalho, a propósito do diálogo estabelecido com o público presente no Auditório Maestro Frederico de Freitas, que insistiu em tentar perscrutar o íntimo da poetisa, até aos pormenores mais secretos.

Para sentir a importância das suas palavras desasombradas, foram abordados de seguida os muitos autores que se ocuparam da personalidade e da obra de Florbela Espanca, entre eles Agustina Bessa-Lúis e Augusto Sobral, e os que a cantaram e cantam. Sendo o poeta mais cantado a seguir a José Carlos Ary dos Santos e também o mais recitado e gravado, referenciaram-se os Trovante, que a incluem no seu repertório, bem como o caso de Mariza, que, em cada disco que faz, tem um poema de Florbela,

como que num autêntico compromisso com a poetisa. Na declamação da sua poesia, foi dado destaque a Vítor de Sousa, que há um ano anda pelo país fora a recitar Florbela, e discos de poesia de Eunice Muñoz, acompanhada ao piano por Rui Guedes. José Jorge Letria considerou depois que “há nela um despojamento muito maior, por exemplo, do que em Virgínia Vitorino” e que, por outro lado, “a métrica e a rima do soneto [de que Florbela era exímia] obriga a muito trabalho”.

Foi, finalmente, o Presidente do Conselho de Administração da SPA quem anunciou uma outra evocação a promover, em breve, pela cooperativa: a do jornalista e escritor Dinis Machado, que teria feito este ano 80 anos, a 21 de Março, se não tivesse morrido há dois. O convidado para falar de Dennis McShade, seu pseudónimo para três romances policiais que escreveu, vai ser Nuno Artur Silva, que adaptou ao teatro, juntamente com José Pedro Gomes e António Feio, o celebrado livro “O que Diz Molero”, publicado em 1977.

“É um romance fundamental do pós-25 de Abril, antivedeta, um monumento à oralidade lisboeta”, salientou o responsável da SPA. **EE**

REVISITANDO AS PALAVRAS DE JOLY BRAGA SANTOS

Vulto cimeiro da música em Portugal e, sem dúvida, o sinfonista português mais importante do século XX e, de uma certa forma, de todos os tempos, Joly Braga Santos teve voz muito activa nas actividades da Sociedade Portuguesa de Autores, fazendo eco do seu saber, mormente, nos artigos que escreveu para os boletins da nossa cooperativa, como então eram chamadas as publicações-mãe desta revista "Autores". É um desses textos, publicado no Boletim N.º 55, de Janeiro/Fevereiro de 1971, que transcrevemos desta feita nesta secção, em que se revisitam as palavras de grandes nomes de autores portugueses, todos já falecidos, para que os leitores se apercebam "da importância da SPA como

instituição cultural de referência, ao longo de mais de oito décadas", mais precisamente de 85 anos. A preservação deste artigo sobre "Aspectos e problemas da Música Espanhola e Portuguesa", assinado pelo prestigiado músico e compositor, membro destacado da SPA, é mais um valioso contributo "para levar por diante a preservação e difusão de uma memória colectiva, que pertence a todos os autores portugueses e, conseqüentemente, à cultura portuguesa. Joly Braga Santos nasceu em Lisboa, a 14 de Maio de 1924. Aos seis anos, iniciou os estudos de violino e, aos 10 de composição. A vocação para a música levou-o a frequentar o Conservatório de Lisboa, e o seu nome é, contudo,

indissociável do do seu Mestre, Luís de Freitas Branco, cuja herança se fez sentir desde as primeiras obras. Foi com ele que estudou todas as matérias teóricas, e em cuja doutrinação estética se integrou. Ao iniciar a sua carreira de compositor, por volta dos 18 anos, Joly Braga Santos tinha posto fim a um interregno de cerca de 15 anos, durante os quais nenhuma personalidade marcante, depois da geração de Fernando Lopes-Graça, Armando José Fernandes e Croner de Vasconcelos, havia surgido como elemento renovador da criação musical portuguesa. Após breves anos ocupados na escrita de algumas peças vocais e instrumentais de câmara, a ascensão fulgurante do

ASPECTOS E PROBLEMAS DA MÚSICA ESPANHOLA E PORTUGUESA*

Por Joly Braga Santos



DURANTE A PRIMEIRA SESSÃO DE TRABALHO efectuada em Madrid a 7 do corrente mês, D. António Iglesias, que presidia, exprimiu, muito acertadamente, a opinião de que os temas inscritos e debatidos neste congresso não diziam especificamente respeito nem à música portuguesa, nem à

música espanhola, com excepção do último, a realizar em Lisboa, o qual focava o projecto da criação de um futuro Centro de Documentação Musical Ibérico. Todos concordámos em que estas jornadas se realizavam principalmente para debater questões que interessassem directamente aos dois países.

Foi para falar de música portuguesa e de música espanhola que aqui viemos. Por isso, resolvi modificar o tema que o maestro Silva Pereira me havia dado, a fim de focar alguns dos muitos problemas que a arte musical contemporânea das nossas duas nações apresenta.

Desde 1964 que, graças ao Comissariado-Geral da Música e ao Instituto de Cultura Hispânica, venho acompanhando a vida musical espanhola. Durante os seus festivais de música contemporânea ouvi numerosas e importantes primeiras audições mundiais de autores espanhóis e tomei contacto com obras que, por vezes, me deslumbraram. Mais: foram-me proporcionadas oportunidades de tomar contacto, não apenas com a moderna música do país vizinho, como de comunicação humana com os representantes desta, que reputo do maior interesse. A Espanha possui uma vanguarda eficiente

e activíssima. O número de personalidades interessantes que ali encontramos é, em grande parte, a consequência de uma acção colectiva de artistas criadores que está produzindo com resultados fecundos.

Uma rápida visão da música espanhola no presente século, rica em valores e variada, chega para nos convencer de que a Espanha passou com grande rapidez do nacionalismo folclórico, brilhantíssimo, para uma vanguarda extremista, também brilhante. A chamada geração de 27, apesar de todos os esforços e dos músicos de grande talento que a formaram, como Roberto Gherard, Rodolfo Halffter, Julian Bautista e Fernando Remacha, já pela dispersão dos seus elementos, já pela diversidade das suas tendências, não constituiu uma ponte forte (hoje que podemos apreciá-la à luz de uma perspectiva histórica) para estabelecer essa transição.

Este fenómeno confere, é certo, à música espanhola de hoje um carácter especialíssimo, mas a ausência de um processo lento de transformação foi um factor com que as jovens gerações tiveram que arrotar.

No seu magnífico livro Música Espanola de Vanguardia, Tomaz Marco analisa esta transição tão rápida com muita lucidez. Pessoalmente, estou convencido que, de certa maneira, o esforço que essas gerações mais jovens se viram forçadas a empreender para actualizar a música do seu país e lhe insuflar nova vida, não deixou de ser benéfico, na medida em que exigiu uma mais profunda dose de energia, que pode ter contribuído para a fecundidade e universalidade que actualmente se verificam.

Assim, a música espanhola é hoje uma das mais vitais da Europa, e ultrapassada a breve fase serialista, conseguiu, dentro da vanguarda, uma autonomia de processos e uma individualidade por vezes excepcionais.

O caso de Portugal é diferente. Não tivemos, como a Espanha, um Filipe Pedrel nem um Manuel de

Falla, na devida altura, e o estudo profundo das fontes populares veio muito mais tarde, num momento em que a revolução bartokiana já havia cumprido a sua tarefa.

Os dois artistas que realizaram esse trabalho foram Artur Santos no plano puramente científico e Fernando Lopes-Graça no duplo aspecto de criador e de investigador, de quem duas obras foram ouvidas em Madrid a semana passada. Ambos foram discípulos de Luís de Freitas Branco, o grande mentor e obreiro da evolução cultural e técnica no campo da música em Portugal no século XX. As suas primeiras composições, de 1907, assimilam o impressionismo francês, tanto no plano técnico como estético.

Poucos anos mais tarde, nas canções sobre poemas de Stephane Mallarmé e no poema sinfónico Vathek, vemo-lo parcialmente aderir ao então nascente atonalismo. Isto por alturas de 1914. Cedo abandonou estas tendências, para se fixar num neo-classicismo construtivista que tinha por base a música anterior ao barroco. As experiências impressionistas e atonais da sua primeira fase deixaram, porém, na sua música uma marca inconfundível. A partir de 1920, aproximadamente, inicia uma campanha, pela pena, pela palavra e, principalmente, pela acção pedagógica, a favor desse novo construtivismo, acentuando a tendência neo-clássica - comum nesse período à maioria dos países latinos. Insistia, porém, numa recusa da modernização dos processos do barroco e do rococó, processos que, como sempre afirmou, "eram de essência não clássica". Colocou-se assim numa posição diferente da dos seus contemporâneos franceses e italianos, que praticavam os retornos a Bach e a Scarlatti. Em vez disso, preconizava o estudo da música peninsular medieval e renascentina.

Tenho pensado muitas vezes se o exemplo do compositor contemporâneo argentino Mauricio Kagel, que escreveu para um grupo de música antiga, utilizando os instrumentos próprios do "estilo vocal

compositor verificou-se entre 1946 e 1950, período em que nasceram e foram apresentadas as quatro primeiras sinfonias, duas aberturas sinfónicas e a "Elegia a Viana da Mota". Aos 26 anos, estava consagrado como um sinfonista de sólida formação técnica, evidenciando uma personalidade e uma linguagem musical inconfundíveis. Em 1948, vai para Veneza, onde estuda direcção de orquestra, durante a Bienale, com Herman Scherchen. Conclui mais tarde os estudos de direcção de orquestra em Gravesano, Siena e Milão, de composição, em Roma, e de ciências musicais, também em Roma. Embora só tenha composto seis sinfonias, foi sem dúvida o sinfonista português mais importante do século XX e, de uma certa

forma, de todos os tempos. Quando se preparava para integrar um júri de exames no Conservatório Nacional, extinguiu-se, em 18 de Julho de 1988, um vulto cimeiro da música do nosso País no apogeu da sua criatividade musical.

Joly Braga Santos é, pois, também, um dos muitos nomes em foco na exposição hoje inaugurada na Sala Carlos Paredes da SPA, intitulada "Clave de Memória – a Música e os Músicos na História da SPA", que representa a homenagem desta cooperativa, na celebração dos seus 85 anos de vida, àquelas que contribuíram, e continuam a contribuir, para a sua representatividade e prestígio nacional e internacional. EE

acompanhado da Renascença", não seria de seguir com mais assiduidade.

Não posso deixar de frisar o enorme alcance para Portugal desta teoria de Luís de Freitas Branco em face do que, em comum, encontramos na música muito antiga e na actual: as ausências da quadratura rítmica, da tonalidade e do funcionalismo harmónico.

Em Espanha, um ilustre musicólogo catalão, recentemente homenageado em Madrid no Festival Hispano-Americano, compartilhava este ponto de vista: Monsenhor Higinio Anglés. Quando da sua vinda a Lisboa, em 1940, para realizar duas conferências no Sindicato Nacional dos Músicos, sobre ele disse Luís de Freitas Branco: "O público de Lisboa teve diante de si um verdadeiro sábio, pela vastidão dos conhecimentos, pela integridade moral, pela inteligência esclarecida; um sábio moderno, que sabe compreender e sentir o que é antigo, porque também sente e compreende o que é moderno, que é como quem diz: o que há-de ser do futuro." É extremamente significativo que ao ouvir pela primeira vez a música de Schönberg, em Barcelona, depois de uma estada num solitário convento da Catalunha, onde ouvira apenas música muito antiga, Monsenhor Anglés tivesse confessado ao próprio Schonberg a impressão ótima que ela lhe proporcionara e o seu espanto pela facilidade de compreensão, ao primeiro contacto, de um estilo tido por difícil de compreender. Nessa troca de impressões, o mestre vienense disse a Monsenhor Anglés que se não admirasse, pois ele próprio se interessara profundamente pela música antiga e, se Monsenhor Anglés o desejasse, lhe escreveria facilmente um motete no estilo de um Dunstable!

Direi, em relação à música portuguesa contemporânea, que esta trilhou caminhos seguros e lógicos, mas muito lentos, até atingir o estado actual. O maior óbice à sua evolução foi o desconhecimento, durante muitos anos, da Escola de Viena. Pesa nesse ponto a tendência de muitos intelectuais portugueses para um divórcio grande da cultura alemã e uma exagerada assimilação da cultura francesa. Não puderam, desta vez, os nossos amigos espanhóis apreciar o trabalho do Grupo de Música Contemporânea de Lisboa, que existe graças à tenacidade

e coragem de Jorge Peixinho, e pena foi que assim tenha sucedido.

Impossível, no escasso tempo que tenho ao meu dispor, traçar o panorama do caminho percorrido pela música do meu país desde Luís de Freitas Branco até Jorge Peixinho. Mas esse panorama foi, embora parcialmente, dado a conhecer ao público madrileno a semana passada, nos dois concertos ali realizados.

Resta-me focar um aspecto da música contemporânea para cuja resolução todos nós, portugueses e espanhóis, podemos contribuir: trata-se de eliminar o compartimento estanque em que a música mais moderna se encontra geralmente. A música de vanguarda tem de entrar no repertório normal dos concertos, se quer atingir um maior público e não apenas a reduzida minoria dos especialmente interessados nela. Fazem-se concertos de música contemporânea: óptimo. Mas é também necessário fazer com que essas obras se executem em concertos para não especializados, o que depende principalmente dos intérpretes e dos organizadores. Só há vantagem em incluir a música de Tomaz Marco num programa em que se oiçam também, por exemplo, Beethoven, Ricardo Strauss e Manuel de Falla!

Foi fazendo ouvir as obras de Schonberg, Webern, Alban Berg, Krenek e outros, ao lado das de Bach, Beethoven e Wagner, em concertos para todo o público, que Hermam Scherchen impôs a Escola de Viena a todo o mundo. A audição das obras modernas, repito, não deve ficar reduzida aos públicos especializados de organizações, de resto magníficas, como a Nuova Consonanza, o Domaine Musical, a Alea ou a Sonda. E não se julgue que as grandes massas são refractárias à música contemporânea, pois que várias experiências bem conduzidas provam exactamente o contrário.

Se nós, portugueses e espanhóis, conseguíssemos resolver esse problema, ainda por solucionar em tantas outras e tão importantes nações culturais, teríamos dado um importante passo em frente em relação à música mundial.

(*) Boletim nº 55, Janeiro/Fevereiro de 1971, p. 18-19

Casa Fernando Pessoa evocou Rosa Lobato Faria no dia do seu aniversário

João Botelho, José Jorge Letria, Leonor Xavier, Manuel Alberto Valente, Mário Zambujal, Rita Blanco e Vítor de Sousa foram os participantes numa evocação da escritora Rosa Lobato de Faria, no dia em que esta completaria 78 anos, a 20 de Abril. Numa sessão emotiva moderada pela sua directora, Inês Pedrosa, a Casa Fernando Pessoa em Lisboa prestou, desta forma, tributo àquela guionista, poeta, letrista, actriz, novelista e contista, que, aos 63 anos, se apaixonou definitivamente pelo romance, paixão profunda que duraria até à sua morte, a 2 de Fevereiro último, conforme destacámos na nossa edição anterior.

O Presidente do Conselho de Administração da SPA anunciou, na ocasião, que, no Dia do Autor Português, seria atribuída a Rosa Lobato de Faria a Medalha de Honra da SPA a título póstumo. Adiantou ainda que a Sociedade Portuguesa de Autores iria criar, em 2011, um prémio de guionismo destinado a jovens autores.

Tributo a Matilde Rosa Araújo foi ponto alto do I Encontro de Literatura Infanto-Juvenil

Uma homenagem à escritora Matilde Rosa Araújo foi um dos pontos altos do I Encontro de Literatura Infanto-Juvenil, que decorreu nos dias 23 e 24 de Abril, na Biblioteca Municipal Almeida Garrett, no Porto, numa acção organizada pela delegação da Sociedade Portuguesa de Autores (SPA) na Invicta. Marcado para sábado, às 16 horas, o tributo incluiu a interpretação da peça "As Canções de Matilde", pelo grupo Os Gambozinos, seguida de uma sessão em que esteve presente a autora.

Das restantes iniciativas previstas, destacaram-se o debate que incidiu sobre a parceria artística entre a companhia Pé de Vento e o escritor Manuel António Pina e a intervenção de Osvaldo Manuel Silvestre acerca da importância literária do clássico "Alice no País das Maravilhas", de Lewis Carroll.

A programação contemplou ainda um recital de poesia por Rui Spranger, um espectáculo pelo grupo Quinta Parede baseado na obra de Cecília Meirelles e conversas com António Torrado, Gonçalo M. Tavares, Jorge de Sousa Braga e Maria Alberta Menéres, moderadas por João Paulo Cotrim, Álvaro Magalhães, Carlos Nogueira e Sara Reis da Silva.

EXPO2010 EM XANGAI

Pavilhão de Portugal com dez mil visitas no primeiro dia

Foi um dia em cheio em Xangai. O primeiro dia do pavilhão português na exposição universal de Xangai, a 2 de Maio, teve mais de dez mil visitantes, o que deixou o comissário-geral de Portugal, Rolando Borges Martins, particularmente satisfeito. Em declarações à agência Lusa, Rolando Borges Martins adiantou ainda que os visitantes do pavilhão português não se limitaram a visitar o pavilhão, mas também gastaram dinheiro.

A COMEMORAR 50 ANOS DE ESCRITA TEATRAL

Norberto Ávila vê “Algum Teatro” publicado em quatro volumes pela IM-CM



A COMEMORAR 50 ANOS DE ESCRITA TEATRAL, como já tivemos oportunidade de destacar na nossa edição de Outubro/Dezembro de 2009, Norberto Ávila, o dramaturgo português com maior carreira internacional, a quem a SPA já atribuiu uma Medalha de Honra em 2008, figura no centro das atenções de várias entidades que têm vindo a homenageá-lo recentemente.

Foi no âmbito destas comemorações que a Imprensa Nacional-Casa da Moeda, com quem a SPA estabeleceu há pouco tempo um importante protocolo editorial, tomou a iniciativa de publicar a sua vasta obra em quatro volumes, intitulada “Algum Teatro”, de que damos aqui uma reprodução conjunta, a qual vem acompanhada de um convite aos teatros portugueses para incluírem nos seus repertórios obras de autores nacionais, entre elas as do homenageado.

“[...] Norberto Ávila, bom conhecedor daquele segredo que faz da fantasia o melhor instrumento para descobrir

a realidade” é como o descreve Joan Casas, escritor catalão, tradutor de “As Histórias de Hakim”, o texto mais conhecido de Norberto Ávila, traduzido em 16 idiomas e representado em 11 países estrangeiros.

No primeiro tomo publicado pela IM-CM figura uma apresentação do autor com as suas peças, seguindo-se precisamente “As Histórias de Hakim” e “A Paixão Segundo João Mateus”, “As Cadeiras Celestes” e “O Rosto Levantado”. No segundo volume reúnem-se as peças: “Viagem a Damasco”, “Do Desencanto à Revolta”, “Os Deserdados da Pátria”, “Florânia ou A Perfeita Felicidade” e “D. João no Jardim das Delícias”. O terceiro tomo de “Algum Teatro” apresenta “Magdalena Princesa de Nápoles”, “O Marido Ausente”, “As Viagens de Henrique Lusitano”, “A Donzela das Cinzas” e “Uma Nuvem sobre a Cama”. Por último, o quarto volume da obra dramática de Norberto Ávila reunida pela IM-CM oferece aos leitores as seguintes peças de

teatro: “Arlequim nas Ruínas de Lisboa”, “Os Doze Mandamentos”, “Fortunato e TV Glória”, “O Café Centauro”, “Salomé ou A Cabeça do profeta” e “para Além do caso Maddie”.

Eis, pois, um excelente ponto de partida para chamar a atenção de entidades e público para a obra vastíssima deste destacado e premiado dramaturgo, cooperador da SPA, cujas peças têm sido traduzidas e representadas, para além de Portugal, na Alemanha, Áustria, Bélgica, Brasil, Bulgária, Coreia do Sul, Croácia, Eslovénia, Holanda, Itália, república Checa, Roménia, Sérvia e Suíça.

Para conhecer melhor o autor e a sua obra, a Imprensa Nacional-Casa da Moeda aconselha os interessados a consultarem o site pessoal de Norberto Ávila em www.norberto-avila.eu. E, num convite explícito a um eventual contacto, divulga o seu endereço electrónico: oficina.descrita@gmail.com.

SPA LANÇA EM FLORENÇA PROPOSTA DE MANIFESTO INTERNACIONAL DE AUTORES

A SPA esteve presente na Assembleia Geral anual do Conselho Internacional de Autores Dramáticos, Literários e Audiovisuais (CIADLV), que decorreu em Florença nos dias 23 e 24 de Março, com a participação de importantes nomes da cultura europeia. Membro do Comité Executivo do CIADLV, por intermédio de José Jorge Letria, desde meados de 2005, a SPA reafirmou em plenário as suas posições sobre a defesa dos seus direitos de autor, sobre o modo de lidar com os centros de decisão política e sobre a

forma como está a utilizar actualmente os veículos de comunicação com os cooperadores, com os “media” e com o público em geral.

A SPA viu renovado o seu mandato como membro do Comité Executivo do CIADLV, que, nesta reunião plenária, abordou as grandes questões do Direito de Autor na actualidade.

Coube a José Jorge Letria, presidente do Conselho de Administração e Vice-Presidente da Direcção da SPA, realizar a intervenção de encerramento da Assembleia Geral, tendo proposto, entre outras iniciativas, a criação de um Manifesto Internacional de Autores, a ser aprovado e

divulgado até ao final do ano, incluindo as assinaturas de centenas de autores representativos da vida cultural europeia e de outros continentes.

Esta proposta foi prontamente aceite pelas dezenas de participantes provenientes de países europeus e Latino-Americanos. O ponto de partida para este documento será a questão “Pode existir cultura sem autores?”, largamente desenvolvida pela SPA nas suas intervenções públicas desde 2008. O Manifesto Internacional de Autores destina-se a ser entregue a instâncias como o Parlamento Europeu e aos Ministérios da Cultura e parlamentos de cada país representado.

Linha de Atendimento Permanente destinada aos autores já está a funcionar

Na sequência das alterações introduzidas no Atendimento e no intuito de melhorar a qualidade dos serviços, a Administração informa que já se encontra em funcionamento o Serviço de Atendimento Permanente, através do número **21 359 44 50**. Esta linha telefónica estará disponível aos sócios a partir das 17h00 (horário de encerramento do Atendimento), até às 8h30 do dia seguinte (horário de abertura) e os autores disporão de cerca de 1 minuto para deixar as suas questões. Um funcionário do Atendimento, devidamente credenciado, entrará em contacto com os autores no mais breve espaço de tempo possível.

"CÂNDIDO" CONTINUA A ARRECADAR PRÉMIOS

Filme de José Pedro Cavalheiro distinguido no Festival Mostra 2010

A CURTA-METRAGEM DE ANIMAÇÃO "Cândido" de José Pedro Cavalheiro/Zepe recebeu o seu décimo segundo prémio, desta vez enquanto Melhor Filme Português no Festival Mostra 2010.

Em 2008, "Cândido" foi a curta-metragem portuguesa com maior participação em festivais internacionais e nacionais (52).

Desde 2007, participou em 85 festivais e recebeu três prémios no Festival Cinanima (Prémio Tóbis - Best Portuguese Film in the International Com-

petition, Prémio António Gaio- Best Portuguese Film, e prémio Onda Curta/ RTP2).

No Festival Indie Lisboa 2008 ganhou o prémio Restart (for Best Portuguese Short Film Director) e em 2009 nos Caminhos do Cinema Português o prémio de Melhor Animação (Best Animation). Cândido foi ainda adquirido em 2009 pelo Canal Arte, após ter sido nomeado em 2008 para melhor Obra de Cinema de Animação Europeia (Prémio Cartoon D'Or), uma iniciativa do Projecto Media.



"Perdida mente", de Margarida Gil, premiado em Nova Iorque

A longa metragem "Perdida mente", de Margarida Gil, foi premiada no Festival Internacional de Cinema e Vídeo Independente de Nova Iorque, informou a produtora Ambar Filmes, segundo notícia divulgada pela agência Lusa, no passado dia 7 de Abril.

O filme foi exibido em Março no festival nova-iorquino, mas a realizadora só foi informada pela organização do evento de que tinha sido distinguida, no final da primeira semana de Abril. "Perdida mente" recebeu o prémio de melhor argumento de longa-metragem na área da produção internacional.

SPA recebida pela IGAC

Decorreu no passado dia 14 de Abril, no Palácio Foz, uma reunião entre a SPA e a Inspeção Geral das Actividades Culturais (IGAC), com o objectivo de abordar algumas questões de interesse para os autores portugueses no contexto de actividade da nossa cooperativa. Deste encontro, solicitado pela administração da SPA após a tomada de posse do novo Inspector Geral, Dr. Luís Silveira Botelho, resultou a necessidade de ambas as instituições adoptarem um relacionamento mais estreito, cooperando, inclusivamente a nível dos serviços técnicos, no sentido de se encontrarem as melhores soluções para os problemas que se colocam à actividade da SPA na prossecução e defesa dos interesses dos autores nacionais. Integraram a delegação da SPA o director e administrador Pedro Campos e o director do Departamento Jurídico e assessor da Administração, Dr. Lucas Serra.

19 de Abril de 2010
O Conselho de Administração da SPA



Portugueses Deolinda recebem "Prémio Revelação" da revista britânica Songlines

Os portugueses Deolinda, que actuaram a encerrar a I Gala SPA/RTP, conforme noticiámos na "Autores", foram distinguidos com o Prémio Revelação pela revista britânica "Songlines", graças ao álbum de estreia "Canção ao Lado". A publicação distingue os melhores projectos de cada ano na área da world music com prémios nas categorias de melhor artista, grupo, colaboração multi-cultural e grupo revelação. Pedro Silva Martins, um dos guitarristas do grupo, confessou à Antena 3 que não estavam à espera de receber o prémio. O anúncio do prémio foi feito a 29 de Abril passado.

DUAS ESCRITORAS E JORNALISTAS

Alice Vieira e Leonor Xavier celebram 30 anos de carreira

SÃO AMBAS ESCRITORAS e, curiosamente, ambas jornalistas. Além disso, nasceram no mesmo ano e foram colegas na mesma faculdade, a de Letras, Alice em Germânicas e Leonor em Românicas. Para mais: já escreveram em conjunto. Alice Vieira e Leonor Xavier, membros influentes da Sociedade Portuguesa de Autores, celebram 30 anos de carreira literária.

“Meia Hora para Mudar a Minha Vida” é o último título da primeira, que é mais conhecida pela sua escrita dedicada às crianças e aos jovens e que anda por esse Portugal fora, especialmente nas escolas, nas bibliotecas e nos clubes de leitura, a promover os livros e a leitura e com eles o direito de autor, conforme fez questão de sublinhar na primeira emissão do novo programa da SPA/RTP2 “A de Autor”, transmitido no passado dia 13, para a qual foi convidada. Este mais recente livro da sua imensa obra é um romance que fala de teatro. E o seu primeiro título, com várias edições, chamava-se, como muita gente ainda se lembra, “Rosa Minha Irmã Rosa”, de que a autora, por acaso, até nem possui um único exemplar da primeira edição.

Leonor Xavier escreveu o primeiro livro em 1980, no Rio de Janeiro, sob o nome de “Atmosferas”. Editado pela Nórdica, este é uma narrativa impressionante

dos ambientes do Brasil e de Portugal.

O seu último título, editado pela Asa em Junho de 2009, dá pelo nome de “Casas Contadas” (e são 13 ao todo aquelas de que fala e onde viveu). E foi o ano passado também, em Abril, que lançou a obra colectiva de seis mulheres escritoras, entre elas Alice Vieira, denominada “Três Gotas ao Deitar”. Editado pela Oficina do Livro, este livro conta ainda com a autoria de Catarina Fonseca, Rita Guerra, Luísa Beltrão e Rosa Lobato de Faria.

Conforme noticiámos largamente nas nossas revistas n.ºs 23 e 24, em Outubro de 2009, Leonor Xavier reeditou, com a Oficina do Livro, a biografia actualizada de Raul Solnado, com quem partilhou os últimos anos da sua vida. “A Vida não se Perdeu” é o subtítulo desta obra, a que demos grande destaque na evocação que a SPA promoveu sobre a vida e obra do autor, falecido aos 79 anos, em Lisboa, no dia 8 de Agosto de 2009. A sessão de homenagem decorreu a 19 de Outubro de 2009, dia em que Solnado faria 80 anos, e foi nessa ocasião que foi relançada a sua biografia, com um último capítulo novo, assinada por Leonor Xavier.

A “Autores” terá oportunidade de assinalar mais profundamente as efemérides destas duas mulheres escritoras e jornalistas numa próxima edição. **EE**



Samuel e Nuno Gomes dos Santos vencem Concurso Grande Marcha de Almada 2010

A dupla constituída por Samuel na música e Nuno Gomes dos Santos na letra, ambos autores da SPA, foi a vencedora da Grande Marcha de Almada 2010, iniciativa promovida pela Câmara Municipal de Almada e que se insere no contexto das festas da cidade. Os vencedores recebem um prémio pecuniário de 4000 euros. Após serem notificados, o que aconteceu no final da primeira semana deste mês de Maio, os vencedores tiveram de apresentar as partituras para o “cavalinho”, devendo a Grande Marcha ser de interpretação obrigatória para todas as marchas que desfilam, na noite de 23 de Junho, véspera de S. João, padroeiro de Almada, numa das principais avenidas de Almada. O mesmo acontece, dias depois, no Complexo

Municipal dos Desportos “Cidade de Almada”, com vista a concorrer aos vários prémios em disputa (coreografia, guarda roupa, interpretação, etc.).

Para concorrer ao Concurso Grande Marcha de Almada 2010 era obrigatório fazer referência aos temas “Almada”, “S. João”, e às “comemorações dos 500 anos do nascimento de Fernão Mendes Pinto”, que viveu no Pragal e aí escreveu a obra “Peregrinação”.

O júri da Grande Marcha de Almada 2010 foi nomeado pela Câmara Municipal de Almada e foi composto por personalidades de reconhecido mérito na área cultural e musical.

Este concurso, que vem sendo organizado anualmente por aquele município, destina-se a promover a criação artística e incentivar a participação dos compositores musicais e literários, daí o interesse manifestado também pela SPA, em cujo portal a iniciativa foi difundida, de modo a atrair a participação dos autores aqui inscritos.

NA CATEGORIA DA WORLD MUSIC

Mariária conquistam segundo posto na International Songwriting Competition 2009



Os Mariária ganharam o 2º Lugar no ISC 2009 com o tema “Ao Seu Lugar”, na

categoria da World Music. Para aqui chegarem foram seleccionados de entre 15 000 candidaturas globais e 15 finalistas em cada categoria.

Após vencerem o Prémio CAAM SPA / ANTENA 1 pelo seu álbum homónimo, lançado em 2008, os Mariária somam mais um reconhecimento honroso no meio da indústria musical internacional. Mariária surge como um Projecto de união da Lusofonia semeada ao longo dos séculos por todas as comunidades portuguesas espalhadas pelos 5 continentes.

“O espaço que nos resta é todo e não é nenhum”, mas é com a alma ancorada no que é nosso que redescobrimos novos caminhos e novos destinos, tornando cada pedaço de terra que pisamos, onde quer que estejamos no mundo, num pedaço de Portugal”, reiteram.

São membros desta banda: Joaquim Crestejo (voz), Tó Almeida (guitarra), Marco Vieira (baixo) e Rui Reis (percussões).



UM VOTO DE LOUVOR E AGRADECIMENTO SUBLINHADO POR ACLAMAÇÃO

ANTÓNIO REBORDÃO NAVARRO DOA CASA E ESPÓLIO À SPA

Caros Cooperadores,

É COM GRANDE SATISFAÇÃO E RECONHECIMENTO que a Direcção e a Administração da SPA vos informam da decisão tomada pelo nosso cooperador António Rebordão Navarro, ficcionista e poeta com vasta obra publicada, de doar à cooperativa a sua casa situada na zona da Foz do Douro, no Porto, bem como o respectivo recheio, com destaque para a biblioteca, documentação de grande interesse literário e obras de arte. A escritura pública de doação da casa foi efectuada no passado dia 5 de Fevereiro, na cidade do Porto. O imóvel passou a ser propriedade da SPA logo na data da escritura, mantendo-se o cooperador com o seu usufruto vitalício. Conforme consta do texto da escritura pública, após o falecimento do escritor o prédio agora doado e situado na Rua do Passeio Alegre

passará a ser identificado como “Casa Rebordão Navarro”, ficando a ele associado o nome da donatária, ou seja da SPA.

O espólio de António Rebordão Navarro inclui também um importante acervo de correspondência trocada com grandes nomes da literatura portuguesa do século XX, que poderá vir a ser objecto de tratamento e publicação numa fase posterior.

Distinguido com a Medalha de Honra da SPA em 2009, António Rebordão Navarro, que integrou os corpos sociais da SPA, e designadamente a Direcção, nos anos 90 do século passado, inscreveu-se na SPA em 1971 e passou a cooperador em 1993.

Do acto magnânimo do cooperador António Rebordão Navarro foi dado conhecimento à Direcção e restantes membros dos corpos sociais, bem com a todos os cooperadores presentes na Assembleia Geral ordinária do

passado dia 31 de Março, tendo ficado lavrado em acta um voto de louvor e agradecimento, que foi aprovado por unanimidade e aclamação.

A Direcção e o Conselho de Administração não podem deixar de sublinhar a relevância deste gesto exemplar e de profunda generosidade e confiança de um cooperador na sua cooperativa, vincando o seu significado na vida e na história da SPA, pelo seu carácter profundamente encorajador para todos os autores portugueses.

Para António Rebordão Navarro vão, também por esta via e uma vez mais, os agradecimentos sinceros e sentidos da Sociedade Portuguesa de Autores, a sua cooperativa.

*Lisboa, 7 de Abril de 2010
Direcção e Conselho de Administração*

JAIME SALAZAR SAMPAIO (1925-2010)

Nome de dramaturgo e escritor será dado ao ciclo que coordenava



ESTAVA QUASE A COMPLETAR CEM SESSÕES do Ciclo "A Dramaturgia e a Prática Teatral", que manteve ao longo dos anos, pendularmente, no final de muitas tardes, no Auditório Maestro Frederico de Freitas da Sociedade Portuguesa de Autores... Chegou aos 98. No passado dia 11 de Fevereiro, Jaime Salazar Sampaio, essa figura sempre discretamente presente mas atenta, coordenaria a derradeira sessão da sua responsabilidade.

Acabou este ciclo cultural com uma homenagem à versátil directora do Teatro da Trindade, Cucha Carvalheiro, em cuja sessão participaram também duas outras talentosas personagens do teatro português: Natália Luiza e Custódia Gallego. "Terminal 55", uma peça da autoria da actriz, encenadora, autora e adaptadora teatral em foco, lida pelas três actrizes, encerrou a última sessão do ciclo, promovida e organizada pelo dramaturgo, tradutor e poeta Jaime Salazar Sampaio, que foi, sobretudo na sua acção dentro da SPA, um divulgador incansável das artes de palco.

Jaime Salazar Sampaio, que já manifestava em muitas ocasiões bastante cansaço, acabaria por falecer pouco tempo depois, a 13 de Abril, no Hospital das Descobertas, com 84 anos. Faria os 85 anos a 5 de Maio. O seu féretro esteve em câmara ardente no edifício 2 da SPA, de onde seguiria o funeral para o cemitério do Alto de São João, em Lisboa.

Sobre a sua paixão e a sua actividade na SPA em prol do teatro, por meio deste ciclo, disse numa entrevista à nossa revista "Autores", respondendo à questão se sentia satisfeito e minimamente realizado com o projecto:

"Satisfeito estou, com certeza. Minimamente realizado, espero que não. Acho que nós nunca devemos sentir que estamos realizados. Mas satisfeito estou muito. Até porque é uma maneira de lutar um pouco contra a maré. Como bem sabemos, em Portugal o Teatro é visto como uma coisa clandestina. Publica-se um livro de Teatro - e eu tenho alguma experiência disso - e não há um semanário, um diário, sei lá, um anuário, que diga qualquer coisa sobre isso. Nem sequer dizem mal, porque não criticar é muito mais fácil, é muito mais seguro, já que quem critica também fica um bocadinho no palco, também pode ser julgado. Agora: não criticando, não há julgamento possível, não há autor da não-crítica."

Este era o sentir de Jaime Salazar Sampaio, que, conforme afirmam a Direcção e o Conselho de Administração da Sociedade Portuguesa de Autores no comunicado publicado aqui na íntegra, "proporcionou [com este ciclo] uma ampla panorâmica da vida teatral portuguesa em todos os seus aspectos" e "foi, nesse âmbito, um valioso colaborador da SPA, que muito contribuiu para o enriquecimento da oferta cultural da cooperativa".

Entretanto a Administração anunciou que o Ciclo "A Dramaturgia e Prática Teatral" irá prosseguir com um coordenador ou uma coordenadora a revelar, passando a ter o nome de Jaime Salazar Sampaio, como forma de homenagem ao dramaturgo, escritor e dedicado colaborador da SPA.
Edite Esteves

FALECIMENTO DO DRAMATURGO JAIME SALAZAR SAMPAIO**HOMENAGEM A UM NOME GRANDE DO TEATRO PORTUGUÊS**

A SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES LAMENTA o falecimento do dramaturgo, tradutor e poeta Jaime Salazar Sampaio, sócio da cooperativa desde 1961 e cooperador desde Junho de 1975. O cooperador e colaborador da SPA faleceu na manhã de terça-feira, dia 13, no Hospital das Descobertas, em Lisboa.

Autor de uma vasta obra dramática, Jaime Salazar Sampaio nasceu em Lisboa em 5 de Maio de 1925, tendo-se licenciado em Engenharia e exercido essa profissão até à idade de aposentação. Para além da vasta e consagrada obra dramática que criou, Salazar Sampaio foi tradutor de peças de Beckett, Harold Pinter e Arthur Miller, entre outros.

Da sua obra dramática destacam-se títulos como "Os Visigodos e Outras Peças" (1968), "A Batalha Naval" (1960), "O Desconcerto" (1981), "O Meu Irmão Augusto" (1995) e "Teatro Completo" (1997). Destacou-se, igualmente, como poeta com a publicação de livros como "Poemas Propostos" (1954) e "Silêncio de um Homem" (1960). Durante cerca de duas décadas, Jaime Salazar Sampaio colaborou com a SPA, tendo sido o organizador e o animador, no Auditório Frederico de Freitas da SPA, de dezenas de sessões do Ciclo "Dramaturgia e Prática Teatral", que proporcionou uma ampla panorâmica da vida teatral portuguesa em todos os seus aspectos. Foi, nesse âmbito, um valioso colaborador da SPA, que muito contribuiu para o enriquecimento da oferta cultural da cooperativa. Distinguido com a Medalha de Honra da SPA em 2005, foi autor de uma Mensagem do Dia Mundial do Teatro, tendo-lhe sido dedicado um volume da colecção de biografias da SPA, da autoria da investigadora italiana Sebastiana Fadda.

O corpo de Jaime Salazar Sampaio ficará em câmara ardente, a partir de amanhã, quarta-feira, na Sala-Galeria Carlos Paredes, no edifício 2 da SPA, de onde seguirá, na quinta-feira de manhã para o Cemitério do Alto de São João, onde será cremado.

À família do cooperador e colaborador da SPA, a Direcção e a Administração testemunham o mais sentido pesar e solidariedade, homenageando um autor que muito contribuiu para prestigiar a cooperativa e o teatro português.

13 de Abril de 2010

A Direcção e o Conselho de Administração

Inovação

Ligar o Mundo

Dia Mundial da Propriedade Intelectual

Mensagem do Director Geral Francis Gurry

HÁ RELATIVAMENTE POUCAS DÉCADAS, o mundo era vasto e, em grande parte, desconhecido para a maioria das pessoas. Viajar era dispendioso e moroso. O conhecimento era registado em papel e a sua divulgação era difícil. O serviço telefónico era, em muitos locais, inexistente. Fora das grandes cidades, o acesso à cultura estrangeira e às artes era limitado.

A RÁPIDA INOVAÇÃO e a sua adopção global transformaram a nossa perspectiva. Actualmente estamos ligados – física, intelectual, social e culturalmente – de formas que eram impossíveis de imaginar. Podemos atravessar continentes em poucas horas. É possível, a partir de praticamente qualquer lugar do planeta, aceder à informação, ver e falar com outras pessoas, seleccionar música e tirar e enviar fotografias, através de um dispositivo de dimensões tão reduzidas que cabe na palma da mão.

ESTA CONECTIVIDADE UNIVERSAL, sustentada pela Internet e por tecnologia sem fios, tem um forte impacto no futuro. Com a "morte da distância", já não estamos limitados pela localização física – e os benefícios são inúmeros.

A aprendizagem através da Internet liberta o potencial intelectual em comunidades anteriormente isoladas, ajudando a reduzir a diferença de conhecimento entre nações. Sofisticadas técnicas de vídeo-conferência reduzem as deslocações em trabalho, diminuindo a nossa pegada de carbono. A telefonia móvel, já utilizada por mais de metade da população mundial, transforma vidas e comunidades: os telefones móveis alimentados a energia solar estão a ajudar a acompanhar a evolução de doenças, a gerir pequenas empresas e a coordenar a assistência em caso de catástrofe em áreas anteriormente inacessíveis.

A RÁPIDA GESTÃO E INTERCÂMBIO DE DADOS aceleram o ciclo da inovação, facilitando a inovação colectiva e promovendo a colaboração mutuamente benéfica entre empresas, instituições de investigação e indivíduos. Simultaneamente, as tecnologias digitais estão a permitir a criação, por pessoas com afinidades, de plataformas virtuais a partir das quais é possível trabalhar em projectos e objectivos comuns – tal como a plataforma de titulares de direitos da WIPO na Internet, destinada a facilitar o acesso a conteúdos protegidos pelo Direito de Autor a cerca de 314 milhões de pessoas, em todo o mundo, com deficiência visual ou com incapacidade de leitura de material impresso. As tecnologias inovadoras estão a criar uma sociedade verdadeiramente global. O sistema de propriedade intelectual faz parte deste processo de globalização, facilitando a partilha de informação – como é o caso da riqueza do know-how tecnológico integrado nos bancos de dados gratuitos da WIPO. Este sistema estabelece um quadro para o comércio e a disseminação das tecnologias; oferece incentivos à inovação e à concorrência; e ajuda a estruturar a colaboração necessária para enfrentar os grandes desafios globais, tais como as alterações climáticas e as crescentes necessidades energéticas, que nos afectam a todos. Sem um estímulo desta natureza, o omnipresente telefone móvel, actualmente uma ferramenta relativamente barata, simples e eficaz, podia ter permanecido uma curiosidade apenas acessível a algumas pessoas mais abastadas.

A WIPO está empenhada em garantir que o sistema de propriedade intelectual continua a cumprir o seu objectivo fundamental de encorajar a inovação e a criatividade; e que os benefícios do sistema sejam acessíveis a todos – ajudando a tornar o mundo mais unido.

Rock in Rio

VOLTEI

atplan

ROCK IN RIO LISBOA 2010

ROCKINRIO-LISBOA.SAPO.PT

EM 2010, A EMOÇÃO DO MAIOR FESTIVAL DE MÚSICA DO MUNDO ESTÁ DE VOLTA A LISBOA. GARANTA O SEU LUGAR. BILHETES À VENDA A PARTIR DE 3 DE FEVEREIRO. PARA MAIS INFORMAÇÕES, VÁ A ROCKINRIO-LISBOA.SAPO.PT

Apoio Institucional



Media Partners



Diário de Notícias

Patrocinadores



Patrocinador Principal

Millennium
bcp